

ANSELMO RIBAS

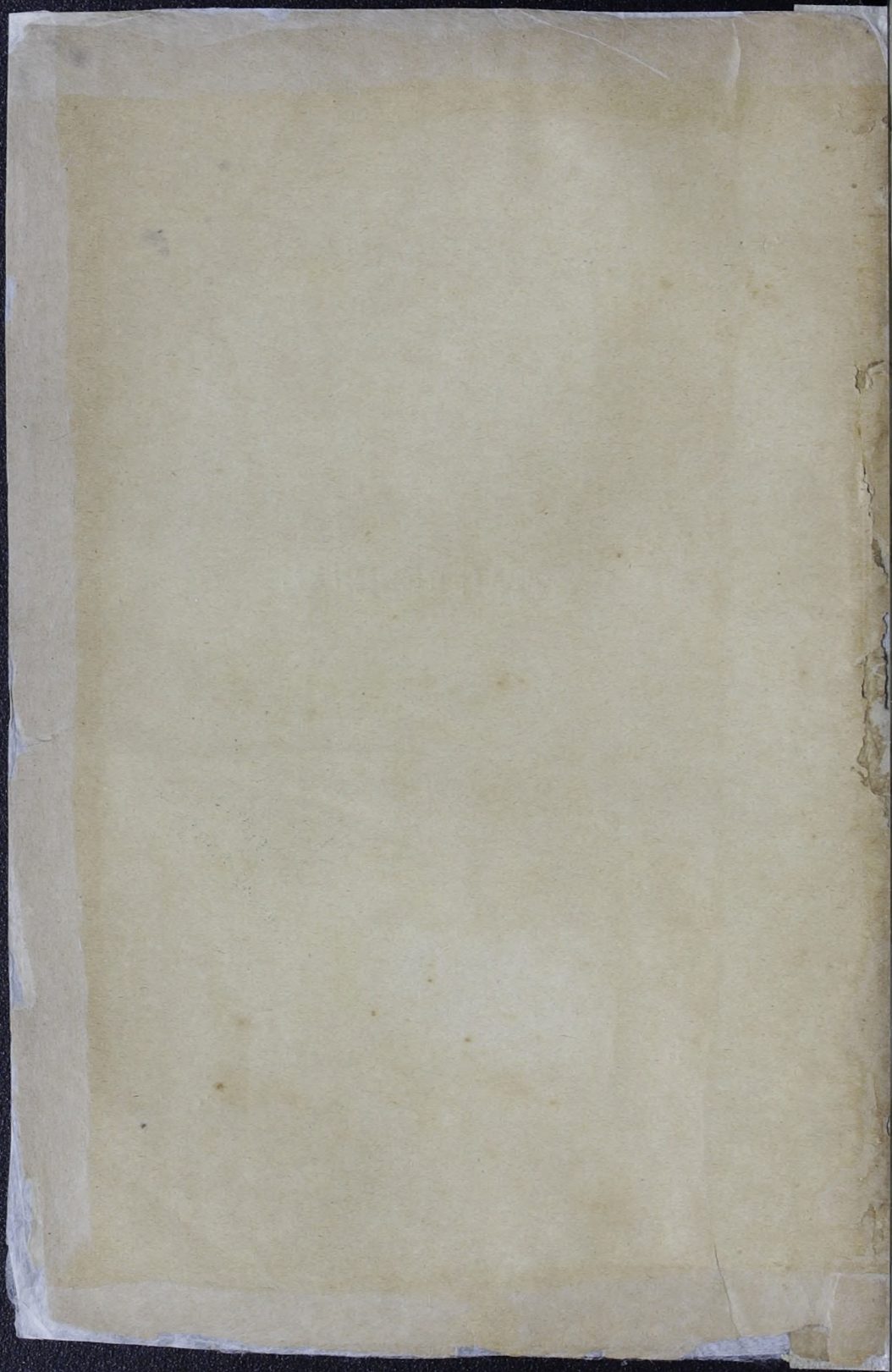
A CAPITAL FEDERAL

(IMPRESSÕES DE UM SERTANEJO)

dr. Carrachos

Ed

LIVRARIA AMERICANA
PELOTAS
PORTO-ALEGRE
RIO GRANDE

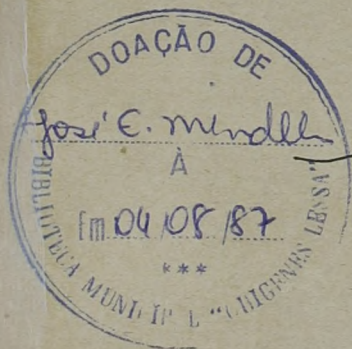


ANSELMO RIBAS

100

A CAPITAL FEDERAL

(IMPRESSÕES DE UM SERTANEJO)



LIVRARIA AMERICANA
PELOTAS
RIO-GRANDE, PORTO ALEGRE

RIO DE JANEIRO
Edição especial d'O PAIZ

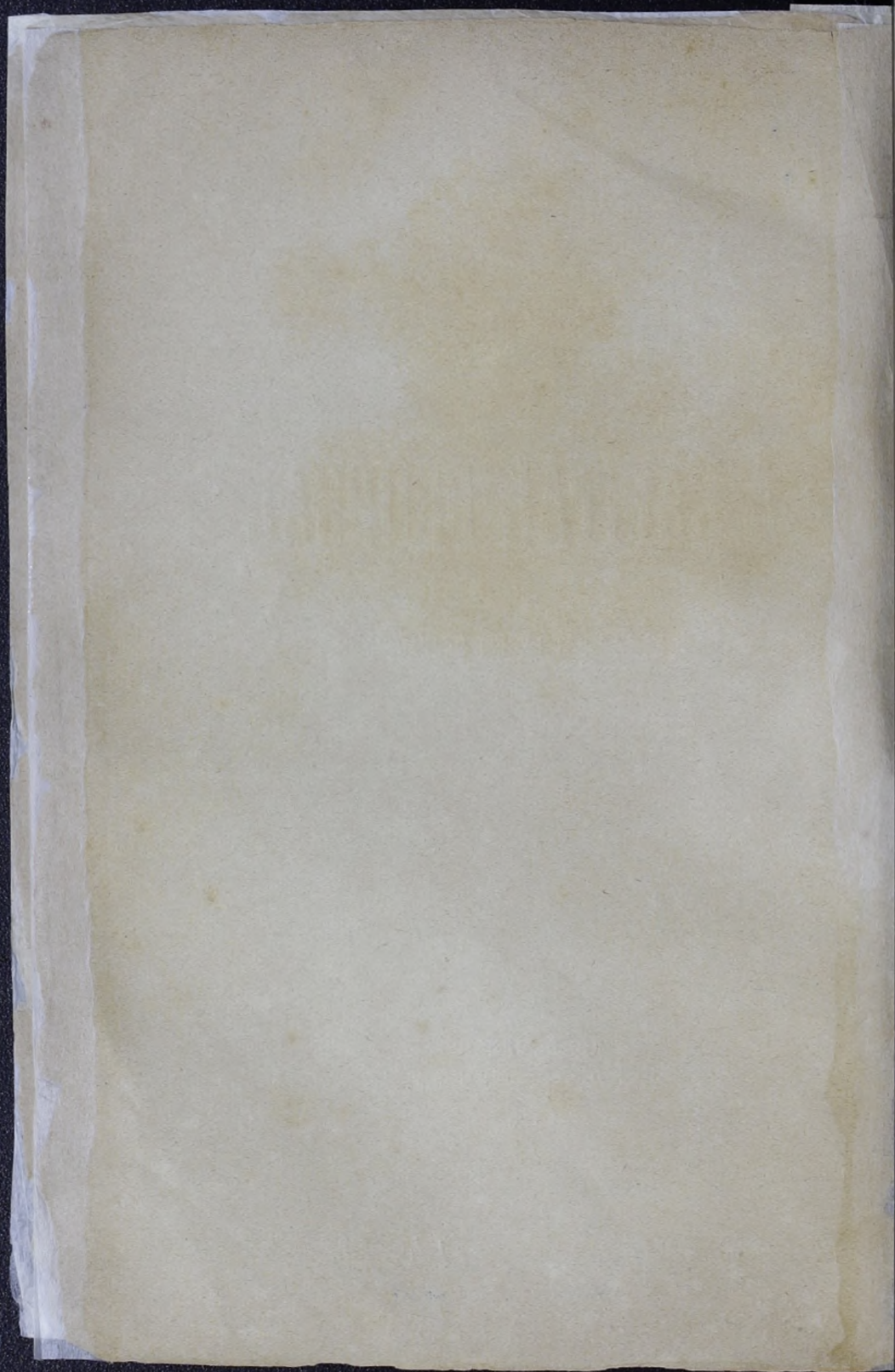
1893

BIBLIOTECA MUNICIPAL

•ORIGENES LESSA•

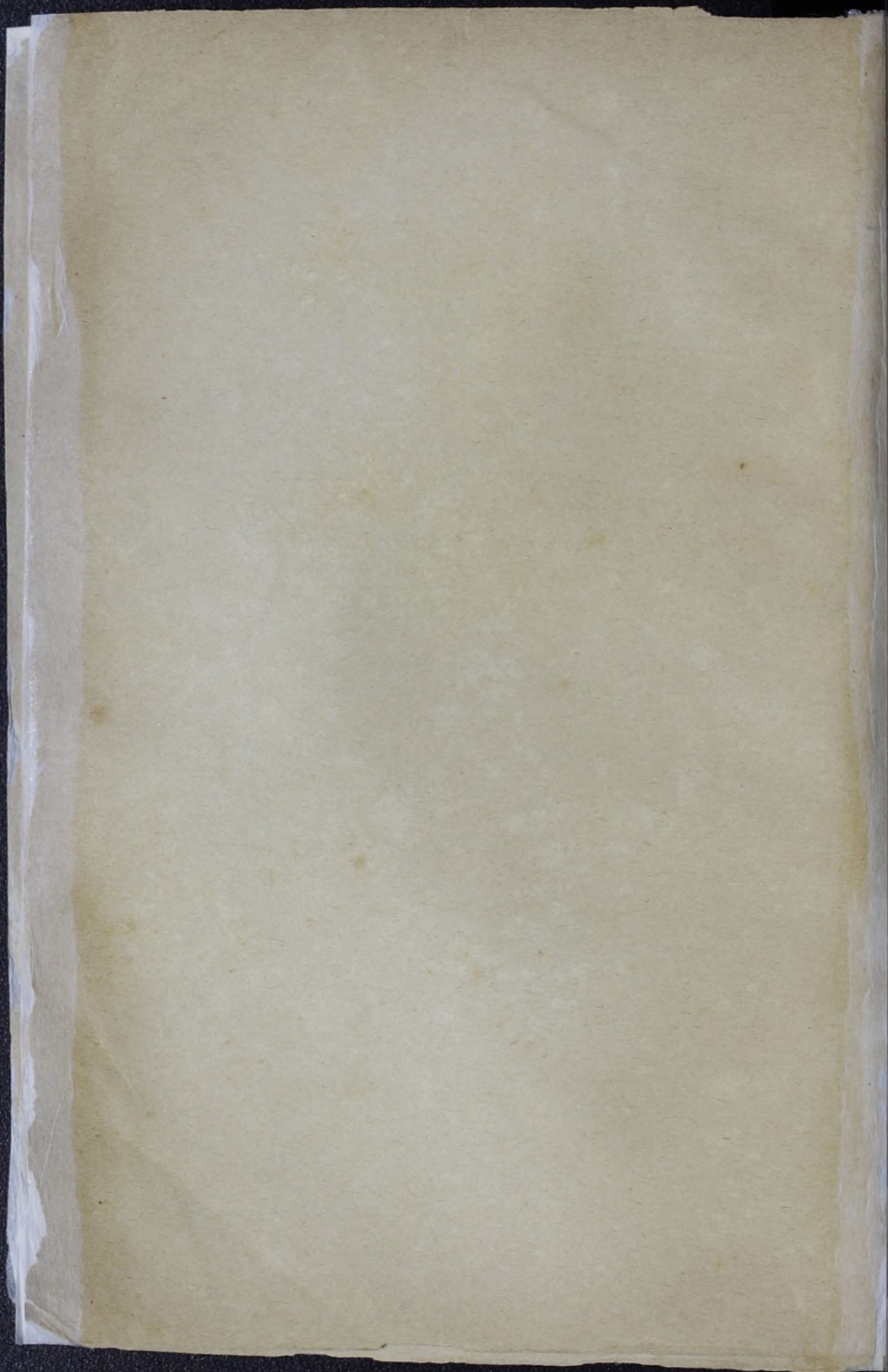
Tombo Nº 71.422

MUSEU LITERARIO



*Ao Revm. padre Ambrosio Coriolano d'Annun-
ciação Louzada, vigario em Tamandú, como humilde
testemunho de gratidão, pelos severos conselhos com
que fortaleceu o meu espirito, e pelos cascos com
que me abriu a cabeça, para que nella entrassem as
regras de concordancia e os versos de Virgilio, offereço
este livro.*

Tamandú, em Minas — Janeiro, 93.



Meu tio.

Ha neste livro paginas que vos pertencem, porque eu nunca as teria escripto, se a minha Bôa Sorte me não tivesse guiado para o retiro de ascetismo voluptuoso onde viveis, em beato socego, praticando a moral divina de Epicuro, e cuidando flores; outras ha, e profusas, derivadas da sabedoria fecunda do dr. Gomes, de quem guardo saudades e conceitos; outras, finalmente, que seriam dedicadas á Jesuina, se o escrupulo não existisse na moral privada.

Offereço, porém, as minhas primeiras letras ao padre Coriolano, porque, sem elle, meu tio amado, eu seria ainda hoje tão bronco como o Venancio Dias, do rancho de Santa Engracia, ou como o José Taborda, da cordoaria.

Outros livros virão, nitidos e pensados; e, dentre elles, escolherei o mais digno dos vossos merecimentos.

Não alastro as paginas com dedicatorias: a meu pae, á minha mãe, aos meus parentes e amigos, vivos e finados, para que se não diga de mim o que por aqui se propalou a respeito do Brites, que

encheu quatorze folhas da sua these sobre o "cryptococcus xantogenico", com offerecimentos, envois e uma reclame a certa modista da rua d'Ajuda.

Outros livros virão, meu tio amado.

Affectuoso
Anselmo.

I

Para estar de accôrdo com o horario dos trens, deviamos chegar ás oito horas e alguns minutos á estação. E estou certo de que assim teria acontecido, se não fosse o folgado e paciente atrazo de duas horas e meia, que tivemos de aturar, dentro dos compridos wagons de primeira classe, nada inferiores ao *carcere duro*.

Estafado e moido—desde as quatro da manhã, quando deixei o tecto paterno, sahindo para a nevoa dos campos frios, até áquella hora, andava meu pobre corpo aos solavancos, primeiro no dorso nédio da ruana, mais tarde nos bancos do expresso, tendo por fronteiros dois

homens terríveis, de idéas contrarias —um rotundo, conservador e catholico, saudoso do monarcha, bramando contra a indiferença do povo, que deixara partir para o exilio o velho soberano, sem um protesto, sem um tiro ao menos; o outro, de pera, esgalgado e nervoso, livre pensador, formidavel em theorias republicanas, contando que, nos muros da sua casa, na Januaria, havia despojos de escaramuças contra sebastianistas: chuços, arcabuzes, facas, fazendo panoplias e cercaduras em volta dos retratos dos martyres mineiros; e discorria sobre as revoluções, reclamando um baptismo de sangue, como o de 89, em França, sem o que a republica nunca chegaria á consolidação perfeita.

O conservador pacato, abrandando o diapasão, atacava o procedimento dos revolucionarios de Novembro que haviam banido os altares, rechassando os santos — a Virgem, a consoladora, a

miserericordiosissima Conceição, Mãe de Deus e Amparo dos Afflictos. Podiam ter feito tudo, mas deixassem a crença de cada um.

— A crença é a Republica. A Conceição é a Patria. Qual Deus! Qual Igreja, meu caro... o tempo dessas cousas passou. Havendo Constituição e Justiça, para que diabo queremos nós os santos? Deixemo-nos de sentimentalismo piégas!

Veiu á questão o militarismo — o conservador impugnava a farda, queria o civil. O esgalgado investiu:—Mas onde buscal-o? Mostre-me um homem capaz de tomar a responsabilidade do governo... Mostre-me entre os casacas um cidadão á altura de exercer esse cargo.

E, escancarando os braços, escancellando a bocca, os olhos esbugalhados: Não ha! Vamos muito bem assim, não acha o senhor? Era commigo. Encolhi os hombros para fugir á discussão. Elle tomou de uma botelha, e offereceu.

O conservador, com um gesto nobre, rejeitou; eu rejeitei; e uma mocinha triste, que vinha derreada, a olhar melancolicamente a paisagem, como se por alli lhe ficassem pedaços do coração, teve um sorriso adoravel, rejeitando, por sua vez. Seus olhos castanhos, entre grandes cilios, alumiam-me, e travámos palestra, em tom subtil e discreto, vindo eu a saber, pelo cicio dos seus labios, que era professora em Sabará, na fazenda de um tal Souza Gordo. E disse-me a sua patria — a Italia, e o seu nome, já celebre no idylio—Graziella. E eu, a ouvir-lhe as suaves palavras, via as arvores passarem vertiginosamente, como se os campos e os montes assustados fugissem diante do comboio rapido.

Emquanto andamos, não lhe percebi um movimento, um olhar, que não fossem do mais candido recato. Lia—um livrinho minusculo, capa de percaline

rôxa e letras de ouro. Em Juiz de Fóra, offerecendo-lhe uma corbelha de figos, aproveitei a sua distracção para surprehender o nome do poeta favorito — Leopardi. Era pessimista com tão angelico sorriso! Amargo seculo, em que as deusas trazem philtros no bolso e seguem a seita sombria dos desesperados. Era, de certo, a idéa da morte, que lhe punha nos serenos olhos tanta melancolia.

Na Barra, porém, tive uma surpresa — voltando ao wagon, encontrei-a sem luvas, o véusinho levantado, trincando com voracidade uma côxa de frango. Corou ao ver-me, mas a fome venceu-a; e, até Mendes, fartou-se regaladamente, escorropichando, por uma calha de papel, a farofa de manteiga e ovo.

Trevas de tunneis, verduras de campos, rampas, viaductos, desfiladeiros, tudo vencemos numa carreira vertiginosa, aos trancos, ás vezes beirando

abysmos, ou rolando sobre pontilhões, por cima d'aguas encachoeiradas. Passavamos pelas estações num ápice; mal se podiam ver as luzes dos lampiões e os vultos na platafórma. Quando avistámos os primeiros fogos da cidade, bonds, carros, todos se puzeram de pé, arranjando malas, espanando chapéos. O esgalgado respirou, safando o guarda-pó. O conservador dormia beatamente, e foi preciso que o sacudissem para que despertasse.

— Chegámos, senhor barão.

Empoados, como nos tempos galantes dos Luizes, puzemos pé na plataforma da estação claramente alumiada pelas grandes lampadas foscas, que dão ao sitio uma luz de luar, pallida e triste. Dizem que os cães, que alli vão errar á noite, estacam, levantam o focinho, e uivam lamentosamente. Pierrot seria capaz de enganar-se se não tivesse, como eu, prevenido o espirito com uma

leitura sobre a cidade e as suas maravilhas.

Entretanto, deixando o meu wagon, assoalhado de cascas de fructas e de queijo, copiosamente cuspinhado, com uma variedade infinita de pontas de cigarros, algumas estripadas pelos pés barbaros e entorpecidos dos viajantes que sapateavam, despindo o guarda-pó, senti um deslumbramento tal, que tive de fechar os olhos. Se eu sahia de uma sombra propicia e somnolenta para esse plenilunio de Jabloskoff! Quando abri os olhos, assombrado, estava entre homens de blusa parda e bonnet branco, marcados no peito com algarismos negros, que me empolgavam, que me berravam numeros e nomes, procurando arrebatam-me das mãos a bengala e a valise. Tive um assomo de energia e repelli com um murro um "12" que se aferrara a mim, teimosamente, propondo-se. O repellão e o socco valeram-me algumas palavras

más, que resolvi deixar sem resposta, para tranquillidade de todos. Os homens abalaram em tumulto, correram a outro ponto ; e, quando vi perdidas na multidão, as blusas pardas, resfoleguei, e, corajosamente, deitei a caminho, á luz lactescente das lampadas, bem melhores do que as da minha villa, pobre terra de barbaros, alumiada ainda pelas estrellas de Deus, e pelas candeias de colza, que a intendencia manda pendurar em postes, para que as estradas tranquillias não fiquem de todo abandonadas á treva, propicia aos duendes e aos ladrões de gado.

Quasi á porta, alguem, debruçando-se amorosamente sobre o meu hombro, segredou-me umas doces palavras, mas tão intimas, tão leves, que me passaram, ficando-me apenas, no lobulo da orelha, o calor acariciante do sopro que as trouxera. O que pensei em um segundo !... quantos sonhos

idylicos passaram pelo meu espirito !... que vasta e interessante aventura imaginou minh'alma nesse tempo rapido !... “a mocinha de Italia a dar-me o seu endereço, ou outra linda mulher...” Mas uma idéa feriu-me violentamente—o conto do vigario. Levei a mão ao relógio, e voltei-me brusco. Era um taludo machacaz de barba ruiva e oculos : tinha a cabeça núa, uma grande frente tostada, com um calombo ao meio, purpureo e estriado. Curvou-se com a cartola nos joelhos, um sorriso affavel no grande rosto picado de bexigas, e balbuciou, com enternecimento, como se effectivamente dissesse cousas ternas :

—Quer o patrão um carro fechado?

Veu-me a idéa de repellil-o, mas lembrei-me de que, para chegar ao meu destino, era mais prudente confiar-me ás bestas de um cocheiro do que á providencia do acaso, em horas tão adeantadas.

E, aqui na intimidade inviolavel d'este canhenho, confesso que admirei o homem vigilante, que sahira ao meu encontro com tanta affabilidade, offerecendo-se para conduzir-me á casa. Calculei que toda a gente devia estar enfro-nhada no morno leito, gozando a delicia incomparavel do somno, nessa noite fresca e de chuva.

Além, nesse eremiterio onde repousa o meu umbigo, ás dez horas, a não ser em casa de Marianno Gomes, onde se cartêa impudentemente o lansquenet, com pequenos intervallos de maledicencia e de gole, toda a povoação, beatamente cejada e rezada, dorme. De longe em longe, uma luzinha treme, traçando no pó soalheiro dos caminhos uma risca luminosa—é algum jogador, que se recolhe despojado e tropego, ou o sanctissimo padre Coriolano, que anda a correr o aprisco, a ver se alguma ovelha bale, roida pelo arrependimento

do peccado, que é uma chaga terrível que a gente cura com as drogas da philosophia, ou com a boa e sadia camponia, que, mais do que os sanctos, sabe levar os seus eleitos ao Paraiso, por um caminho bem differente do que esse que a igreja conspicua e austera manda que se trilhe--ninguem mais.

A's dez horas, o somno parece cahir do céu, sobre todas as cabeças justas. Imaginem o meu espanto, a minha surpresa quando o cocheiro, fazendo uma zumbaia, rastejou um gesto para que eu passasse ; e vi uma fila de carros molhados e reluzentes, e de todas as boléas, sob guardas-chuva, braços que acentavam para mim, num delirio, e gente, gente a valer, como eu jamais vira na villa, onde passei o grosso da minha vida, nem mesmo nos dias de feira. Imaginem o pasmo que me tomou !

Deixei me levar pelo cocheiro, que correu a abrir a portinhola, e veiu

buscar-me debaixo do seu guarda-chuva. Quando afundei nas almofadas, atirando ao homem o numero da casa de meu tio, na praia do Russell, sahi-me dos labios tremulos esta exclamação sordida, mas que significa admiravel e eloquentemente o assombro de meus olhos, deante de tanto guarda-chuva, de tanta luz, sem falar no rumor que me ensurdia:

— Com seiscentos diabos! isto é que é terra! E com força puxei a portinhola.

O ruivo cacarejou ás bestas, e rodámos.

No toldo a chuva torrencial rufava.

II

A casa de Serapião Ribas, meu tio, melancolica e discreta, sem vizinhos lateraes, porque a isola um florido jardim de rosas e, em frente, o mar espumeja, por entre pedras negras, é um confortavel chalet suiso, de boa construcção—pedra e cal, com lambrequins e agulhas, pintado de verde. Penetra-se nesse retiro, socegado e pudico, seguindo as sinuosidades de um caminho de saibro, onde os passos crepitam, por entre o perfume sensual das roseiras, que fazem ao meio um bosque acceitoso, em torno de uma casinhola rustica, feita de troncos entrelaçados, com um tecto afunilado, de colmo, onde meu tio, á tarde, bebe o

seu appetitivo, lendo os jornaes, com as pernas esticadas sobre o banco de pedra.

Dá accesso á varanda uma pequena escada de marmore — tres degráos polidos e claros, como pedras de um movel fino, porque a gente, para pisal-os, ha de, antecipadamente, raspar as solas dos sapatos na lamina de um aparelho, que guarda tudo que se tiver colado á palma do calçado. Além d'isso, estira-se em cima, no limiar, um capacho de coco, cerdoso e duro, para completar o asseio. Raspado e brunido, o hospede atravessa os humbraes da sala nobre, onde os passos afôfam-se sobre um tapete amplo, ainda carregado de lãs e de pelles de feras, que, de olho acceso e guela escancarada, esparrimam-se ao peso dos moveis em inercia voluptuosa.

O interior, obscuro e abafado, cheira a verniz e a fardos novos. Entretanto o asseio accusa-se immediatamente pela disposição e pelo luzimento das molduras

dos quadros, porque a mobilia, que deve ser faustosa, está fresca e claramente vestida de housses brancas — apenas despido um tamborete de setim azul, com um bordado de ouro, representando um corvo marinho, pensativo, num pé só, com um peixe no bico.

Enriquecido de um dia para outro em transacções felizes, meu tio, que em moço curtiu a mais faminta miseria, regala-se gozando pacatamente as delicias da fortuna. Aferrolhou mil e tantos contos em apolices, comprou varios predios, e, estirado agora, resfolega na sua voltaire ampla, esperando com um sorriso o amanhã e o depois, sem a dura preocupação do fim do mez e do caderno das compras. Tem o pão e o tecto garantidos podendo, de quando em vez, extraviar-se por um extraordinario de bombance sem risco para os dias da sua velhice amparada e serena.

E' solteiro, não porque deteste o casamento—aconselha-o a toda a gente como um meio honesto e digno de aperfeiçoar a especie e consolar o espirito. E' solteiro, porque no seu entender, no "seu modo de ver" o casamento é uma loteria, e, infeliz como sempre foi nos kiosques, receia que a sorte o persiga até junto do pretor e do sacerdote. Vive com dois creados de serviço, mais um cozinheiro.

Recebeu-me na sua grande sala de jantar de carvalho, forrada de encerado inglez—um logar de gosto, pelos ornatos dos moveis carregados de corymbos e de cachos de fructas, entalhados nos respaldares das cadeiras, nos florões do enorme guarda-prata, das étagéres, e dos trinchadores de marmore escuro. Pratos raros pelas paredes, quadros de fructas, iguarias a oleo e faianças de Delft e de Caldas — lagostas, uma enfiada de perdizes, uma penca de fructas,

e, venerando e respeitavel, entre o luzir da louça, um relógio escuro, monotono, moroso, que de vez em vez range e profundamente bate uma pancada soturna.

Serapião, meu tio, nessa noite da minha inesperada aparição, vestia um radiante robe de chambre de seda ; a calva nua e polida resplandecia ao fulgor do gaz. Tinha deante do papo-guloso um copo cheio de morangos e um calice de Madeira secco.

Ao ver-me, com a minha valise e o meu guarda-pó, parado no solar da sala, recuou a cadeira ; e, com as bochechas tremulas, como um bolo de creme, roxo de vinho e de gozo, avançou para receber-me nos seus braços protectores, com tal effusão, que desfez todo o meu vexame, pondo-me logo á vontade junto a um peito largo e generoso tão solidamente reconstituído pelos debentures.

Houve uma corrente de phrases sympathicas. Por fim, arrastando-me

para a mesa carregada de porcelanas e soante de crystaes, que echoavam ao minimo balanço do soalho, disse que não contava commigo; e estranhou que eu não lhe houvesse telegraphado da Barra ou de Belém para que elle mandasse á estação, para receber-me, o seu landau. Dei um salto por dentro. Pois o tio Serapião... tinha um landau!

Diante de mim, um rigido creado collocou vagarosamente uma garrafa de cognac e um calice. Bebi.

O tio arregalava os olhos immensos; de quando em vez, chupava o labio inferior, soprava espalmando as mãos ambas na alva toalha da mesa. Os crystaes tremiam. E eu falava da roça, da viagem dos companheiros, da paisagem accidentada de serra abaixo.

O mesmo creado que me servira o cognac, trouxe uma chavena de café, que o tio tremulamente recebeu. O servidor prudente aparou com a salva, por baixo

do queixo triplíce do meu obeso parente, as gottas que escorriam. Sorvido o ultimo gole, meu tio roncou de fartura, e escorregou na cadeira, para baixo da mesa, deixando apenas, para contemplação dos meus olhos, o seu busto de Vitellio, apopletico e gordo.

Tentou dizer algumas palavras, mas os seus labios purpureos tremiam, deixando apenas fugir um sopro flebil. Cra-vei os olhos nelle, quiz sacudil-o, a pouco e pouco, porém, o sopro foi crescendo e já era um rosnar—a bocca descerrou-se, a cabeça enorme tombou para o peito, e um ronco sonoro, que encheu toda a sala, apaziguou o meu espirito... Não era a apoplexia fulminante, não, não era... Meu tio dormia o somno sybarico.

O creado do cognac, com um guardanapo ao hombro, andando na ponta dos pés, veiu annunciar-me em segredo que o banho estava prompto. Procurei a valise: havia desaparecido. Quiz

interrogar, mas já o homem, arrepanhando um reposteiro, mostrava-me um corredor claramente alumiado, de paredes luzidas, pintadas a oleo, com medalhões representando idyllos:

— Por aqui, senhor.

Baixei a cabeça, e voltando-me para falar ao creado, notei que todo o luxo da sala de jantar desapparecera sob uma tréva brusca, onde apenas restavam dois pingos de luz, e vi um vulto que se esgueirava como uma visão. O creado soprou-me:

— E' ao fundo, senhor.

Agradei com um gesto, para evitar o rumor das palavras.

Da sala escura vinha, num diapasão formidavel, o ronco do meu generoso tio que o vinho adormecera.

III

O' meu tio !

Esta exclamação quasi infantil escapou-me dos labios quando penetrei o santuario da limpeza—que asseio e que fausto ! As thermas da cidade por excellencia deviam resplandecer assim. Quem te dera, Lucano, um tanque como este para nelle abrires as veias ! Quem te dera, altivo poeta, um interior assim, de tanta claridade e tão sonora acustica, para reboar com os versos da Pharsalia com que recebeste a Morte ! Infelizmente a Arte não alcançara o requinte que hoje possui. A' vista do tanque de meu tio—onde podia nadar, folgada e livremente, uma familia de nereidas, se ainda as

houvesse—que figura faria a banheira do teu suicidio, ó victima da tyrannia, ó voluptuoso e languido patricio...!

A sala vasta é toda de mosaico miudo, talhado em triangulos brancos e vermelhos, o tanque, de bordas altas, tem tres metros de comprimento e dois de largo, e a gente afunda em um metro e 25 d'agua. O chuveiro é uma grande cupola de zinco pintada de branco, com duas correntes de metal que imitam prata. A agua jorra copiosamente das guelias de dois leões de nickel—uma entorna agua fria, outra vomita agua a ferver. As paredes, forradas de marmore italiano, completamente núas. A um canto, um cabide de bronze para as toalhas felpudas e o jupon, e em frente, numa prateleira tambem de marmore, negro e fosco, a bateria de perfumes e de oleos; os sabonetes, as esponjas, escovas e essencias tonicas para hygiene da pelle e lavagem das gorduras do

couro cabelludo—ao centro um espelho de nitido crystal, alto e grosso, onde se pode admirar a nudez das fórmãs. Para um canto, recatado por um biombo japonês, uma especie de ádyto, com um divan de couro, repousando em um encerado onde se estira os membros enquanto os leões inundam o tanque. Para aquecer ha uma mesinha com um serviço de crystal : whisky, cognac, old-brandy e curação. Um mono de bronze carregando as costas um cesto atochado de charutos e brochuras de um frescor irritante—a mais pudica que meus olhos viram—abria com uma esplendida mulher núa, de costas para quem olhava, os braços roliços passados por cima da cabeça farta e negra de cabellos—na capa um distico : *Le nu au salon*. Ao fundo, num retiro velado por um panno de linho escuro, que corria num varão de ferro, uma caixa envernizada. Abri e pasmei silenciosamente—era tambem

um objecto indispensavel ao asseio. Ao lado, numa caixa menor, um maço de papeis finos.

Aclarava esse interior de gozo um lustre de seis globos côr de rosa.

Feita a visita fechei-me por dentro e ouvindo o rumor d'agua que cahia, levantando um vapor fino como o orvalho, fui despindo a fatiota, lenta e preguiçosamente, ante-gozando a delicia da immersão tépida depois da fadiga de todo um dia em wagon. Safando a camisa lembrei-me do ribeiro poetico da minha villa, onde todos nós da familia, do mais velho ao mais novo, um depois do outro, por decencia, vamos todas as manhãs limpar o corpo e endurecer os musculos sob a folhagem viçosa dos cajueiros em flôr. Nú, como um grego no tempo juvenil da graça olympica, mirei-me ao grande espelho que indecorosamente me reflectiu da cabeça aos pés — e achei-me perfeito e forte e masculino, um modelo

rijo e gracioso de Marte desnudado, um inteiriço e reforçado exemplar de homem, digno herdeiro dos Ribas. Sorri com vaidade para o crystal que começava a empanar-se com o vapor das fauces do leão fervente. A sala estava como uma estufa — era um banho russo. Corri a refugiar-me atrás do biombo e estirei-me no divan fresco e macio, servindo-me, em um calice, da garrafa vermelha que trazia, pendente do gargalo, uma chapa denunciando: whisky. Bebi e regalei-me esticando as pernas núas no couro frio.

De papo para o ar comecei a pensar na delicia da vida e achei mesquinha a casa paterna, taciturna e calada, entre arvores murmurantes, invadida pelas moscas e pelos gafanhotos, com os corredores sombrios, atropelados de sellins; ás vezes visitada pelos bacorinhos que vêm familiarmente grunhir em baixo da mesa de jantar, catando os restos do almoço. Pareceu-me triste e acanhada a

existencia que eu levava nesse valle melancolico sem agitação e sem conforto, ignorante de tudo, longe de imaginar que o mundo podia proporcionar delicias dessa ordem — delicias como aquella sala de jantar, delicias como aquella banheiro, onde meu tio tonificava as suas banhas e onde eu ia, emfim, lavar-me para entrar limpo e lepidamente na vida nova, buliciosa e surpreendente que eu sentia rumorejar ao longe, nessa grande cidade atravessada, amollecida e somnolentemente, nas almofadas fôfas do carro do ruivo. Ia emfim ver o mundo. Aquelle banheiro que alli estava era a pia onde o mais novo, o mais esperançoso rebento dos Ribas ia, constricto e nú, receber o baptismo da civilisação, deixando n'agua morna a poeira dos caminhos e a barbarie da sua alma ignorante e insaciada.

Confesso que tive inveja da sorte de meu tio e lastimei profundamente os

meus que lá haviam ficado chocando pintos e debulhando o grão. Que vale uma ninhada deante de uma mesa como esta que meus olhos contemplam, carregada de cristaes rutilantes? Que valem as colheitas comparadas ao gozo de um mergulho nesta piscina de marmore que me espera? Decididamente a grande sciencia do viver não consiste em saber accumular fortuna, mas em saber dissipal-a. O ideal do homem moderno é o filho prodigo. Estou certo de que a moral não condemna Harpagon senão porque o miseravel não tinha noção da sciencia elegante e fina de dissipar.

Para que ser rico sem um banheiro assim ?...

Serapião, meu prospero tio, ronca, deslisa para baixo da mesa farta do teu salão de abundancia, porque estás dando ao mundo e especialmente ao teu sobrinho e herdeiro, uma lição de *savoir vivre* !

Enchi de novo o meu calice e bebi — mas engolindo o sorvo percebi que me enganara na garrafa : não era a vermelha, eu havia tomado a azul : old-brandy.

Mas, desde que havia quatro, por que havia eu de insistir na vermelha? O acaso dirigira o meu braço e o acaso algumas vezes opéra sabiamente e dirige como uma bussola.

Repentinamente lembrei-me do banho e não foi sem pena que deixei a minha posição, a mais propria do homem, segundo ouvi dizer a um sybarita das minhas relações campestres.

Puz-me de pé, e estirando os braços, todo retorcido como o Laocoonte, afastei-me do adyto das libações. Na sala era tão espesso o vapor, que meus olhos nada distinguiram a principio — movia-me, como um deus, dentro de nuvens tenues. Por fim, sentindo nos pés uma humidade tépida, notei que a agua trans-

bordava alagando o mosaico do santuario.

Desci precipitadamente as alças, fechando as copiosas guelmas leoninas, afundei o braço, puxei pela corrente do escoadouro e a agua, que me escaldara, começou a baixar silenciosamente, até que ficou em nivel para que eu pudesse molhar-me todo regaladamente, mergulhando e nadando.

A fauce fria jorrou ainda alguns litros para abrandar a temperatura — e o nevoeiro diluiu-se.

Apanhei sobre o marmore negro um sabonete de *Corydalis*, uma grande esponja macia e saltei no tanque. A agua abriu-se para receber-me e fechou se ficando apenas a flux a minha cabeça, fluctuando como uma boia.

Que delicia ! Como eu senti nesse momento suave da minha vida não possuir os dotes de Simão Carreira, que tudo canta, que tudo rima — os olhos

castanhos da Bemvinda e os repolhos planturosos da horta do Segurado. Elle de certo, em meu lugar, acharia uma estrophe sonora e nova para cantar e divinisar a agua benigna desse tanque ; elle, o sempre inspirado, saberia pagar com um punhado de heroicos a lixivia e o conforto.

Eu, porém, sem estro, incapaz da mais insignificante imagem poetica, limitei-me a esfregar a cabeça, não para acordar a inspiração adormecida, mas simplesmente para tirar a poeira... e mergulhei. Quando vim á tona, trepei á borda do tanque e, á falta de quem me esfregasse, resolvi fazer eu mesmo a operação, e vesti-me todo de espuma. Tive impetos extravagantes de correr ao espelho para admirar-me sob esse aspecto *mousseux*, mas recuei, porque, Ribas anadyomay, comprehendí que não me seria facil abrir os olhos—a espuma escorria em flocos pelo meu rosto.

Atirei-me de novo ao banheiro e refocilei voluptuosamente.

A temperatura baixara sensivelmente quando sahi gottejante para o pequeno estrado. Enfiei o jupon, calcei as chinelas de feltro e arrastei-me até junto da mesinha, onde experimentei a garrafa verde — cognac. Ia deitar-me quando bateram á porta. Acudi pressuroso lembrando-me de meu tio, que ficara na imminencia de uma apoplexia. Indaguei, e uma voz disse-me de fóra — que a ceia estava servida e ajuntou :

— “ Aqui tem vosmecê o robe de chambre para sahir.”

Abri devagarinho a porta e estiquei o braço que derreou ao peso da investidura com que eu me devia apresentar á mesa. Era uma especie de cabaia de seda, debruada a cairel de prata, com bordados extravagantes e alamares; mangas immensas e uma gola almofadada, com forro de setim côr de perola.

Admirei-a e com ella recolhi ao biombo para vestir os primeiros linhos indispensaveis e calçar os sapatos.

Sobre a camisa e as ceroulas abotoei a cabaia que, sentindo a falta das protuberancias do meu tio, cahiu em dobras molles ao longo do meu corpo menos fornido e mais baixo—Para composta apertei a cinta com o cordão de seda. Dividi o cabello, alisei os bigodes e, derramando na palma da mão algumas gottas de Cherry Blossom, plantei-me diante do espelho, revendo-me sob esse traje que me dava a figura classica de um veneziano, como os que eu vira em gravuras, dentre os quaes me ficara eterno na memoria o typo veneravel de Brabantio, pae da incomparavel e abnegada Desdemona, tão cruelmente immolada pelo mouro negro.

Cheiroso e fresco sahi para o corredor, onde me esperava o creado.

Seguimos.

A sala de jantar estava de novo iluminada...mas sem meu tio. Recolhera de certo.

Sentei-me só e em silencio.

Havia no ar um cheiro apetitoso de frituras e de flôres. Dos pratos cobertos sahia um fumego tenue rescendendo a temperos. Toda a porcelana florejada tinha o monogramma do proprietario—S. R., em ouro fosco.

O creado serviu-me a sôpa e verteu em um calice de crystal verde um vinho claro, que eu bebi com avidez antes da primeira colherada e comecei a jantar desordenadamente, servindo-me de um lombo com petits-pois, no momento justo em que o creado me apresentava um badejete, que eu repudiei com desprezo.

Mas o meu ataque mais sério foi á garrafeira.

Não sei dar a razão desse delirio bacchico, tão singular, tão novo em meus habitos de sobriedade. Os vinhos

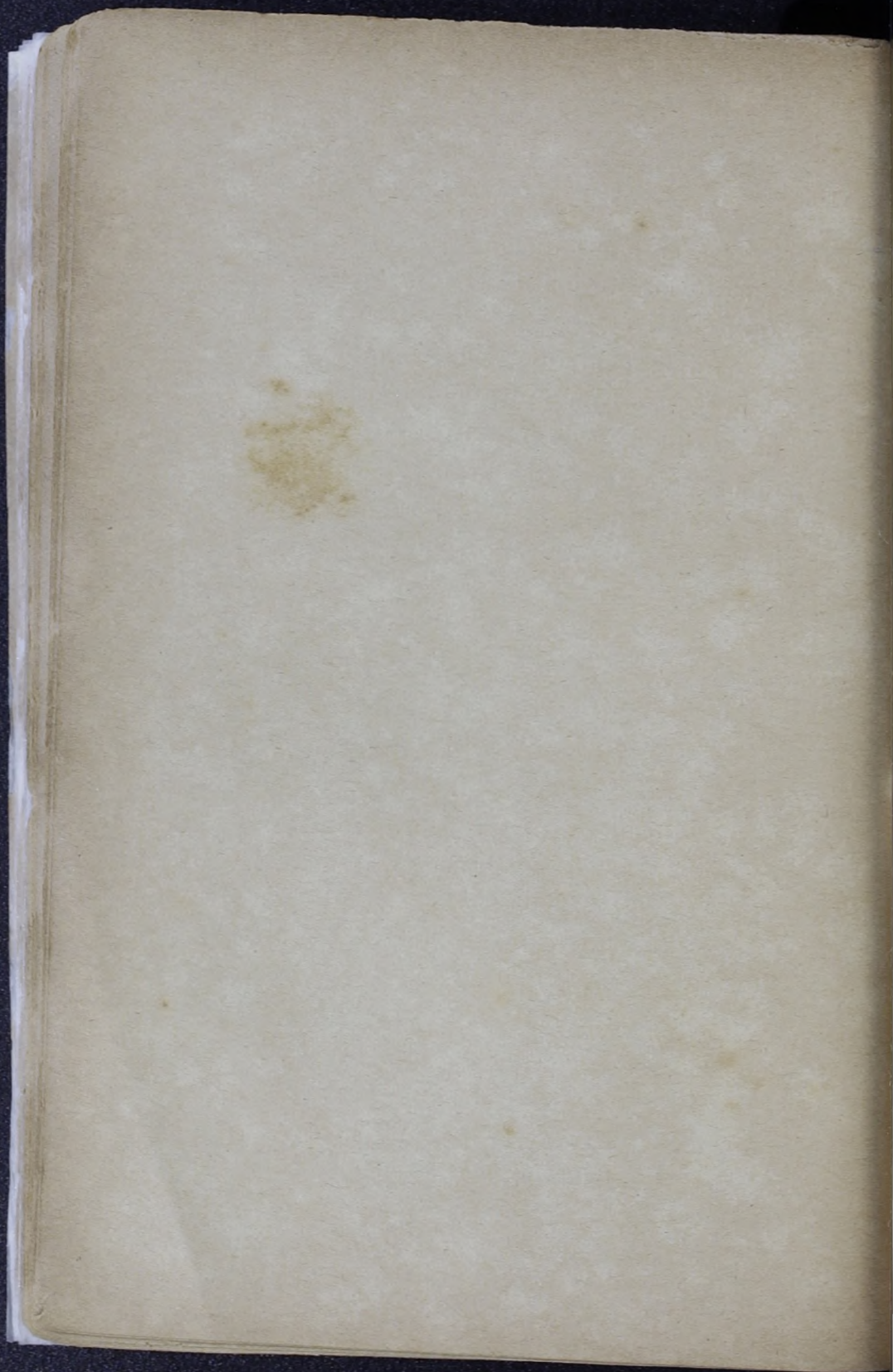
attrahiam-me. Depois de uma aza de frango, que apenas trinquei, fui sedentamente ao Bourgogne e enxuguei dois copos. Mas quando appareceu o Champagne, uma meia garrafa deitada sobre crystaes de neve em uma geladeira de prata, tive impetos de fazer alli assim, para o creado impassivel, um improviso sobre esse precioso vinho, que é a alma do festim, o remate requintado do gozo, o companheiro do amor. Vinho alambreado que parece cantar nas taças um dythirambo de ouro, vinho impaciente que ferve e espuma, vinho que tem as coleras do oceano — ambrosia da nova éra, vinho vivo e intelligente, vinho que tem alma...e que eu jámais provara...

Bebi soffrego.

Subitamente notei que me sentara na cadeira abbacial do meu tio. Estava explicada a minha sêde insaciavel. Os moveis adquirem os vicios de quem os possue. Aquella cadeira estava invete-

rada — Era repousado em seus braços que meu tio dormia o seu primeiro somno digestivo.

E foi esse confortavel movel que fez com que eu sómente readquirisse as minhas faculdades de ser ás 10 horas da manhã seguinte, quando me vieram trazer ao quarto o café e os jornaes.



IV

Lembra-me ter visto em um livro erudicto este conceito: — “A embriaguez é a poesia da vida digestiva” e, se ainda me é fiel a memoria, o sabio que assim se exprime é Letourneau. Penso que tem razão o philosopho, porque o Simão Carreira, que cultivava com tanto esmero a arte divina de Apollo, não despreza as garrafas e os seus melhores heroicos, os versos intrepidos do seu poema “*Os Pincaros da Mantiqueira*” foram escriptos enquanto durou um quinto de Cartaxo com que o brindou o padre Coriolano. Eu, porém, de imaginação escassa e tão perro para a cadencia, soffri profundamente os ef-

feitos da poesia estonteante, que me poz no espirito uma nuvem densa e na lingua um saburro espesso.

Confesso que senti o pudor subir-me ás faces quando dei com o ar sisudo e grave do creado, que me apresentava ceremoniosamente um taboleiro de xarão. Puxei o lençol até o queixo e de olhos baixos tomei a chicara e a pequeninos goles fui chuchurreando até á ultima gotta. Por fim, no intuito de quebrar aquella serenidade fleugmatica do homem, aventurei sorridente:—Bem bom café! Decididamente não ha bebida como esta.

Mas o bruto, impassivel e frio, recebendo a chicara que eu lhe entregava, sempre sisudo e grave como um preceptor, perguntou seccamente: se eu queria o banho morno ou de chuva?

—De chuva, respondi humilhado e corrido.

Que vergonha tive! Parecia-me que

aquelle imperturbavel servidor viera ao quarto apenas para exprobrar, com o seu silencio inquebrantavel, o meu procedimento da vespera.

E tinha justas razões esse creado, porque afinal... que indecencia para um homem da minha casta, herdeiro de uma tradição sem mancha, principalmente de vinhos, porque na familia o unico que bebe é meu tio, os mais, desde o meu intemerato bisavô, implicado nas conspirações patrioticas do Xavier, até meu pae, nunca foram além do côco do pote ou da calha da nascente.

A adega dos Ribas, inesgotavel e pura, foi sempre a limpida fonte dos "Suspiros" n'uma chanfradura de rocha, velada por um bosquezinho de tayobas, fonte cujas aguas historicas mataram em tempos a sêde do grande Dirceu quando a paixão e a politica o arrebatavam para os ermos; e ha ainda hoje fanaticos do poeta que affirmam distin-

guir no murmurio da agua o nome suave de Marilia.

Cheio de vergonha saltei da cama, enfiei a cabaia e, sem olhar para a alcova faustosa, descii acompanhando o creado, que me deixou á porta do banheiro.

Lavado e vestido, apresentei-me na sala de jantar clara de sol e cheia de um festivo canto de passarinhos. Accendi um charuto e, de mãos enfiadas nos bolsos, comecei a passear de um lado para outro, assobiando uma aria rustica.

Ia admirar tranquillamente um quadro de fructas, quando o creado veiu dizer-me muito teso, estendendo um gesto nobre para o exterior:—que meu tio estava á minha espera no jardim.

Respirei alliviado! Ia enfim fugir aos olhos daquelle Argos da moralidade. Atirei fora o charuto e descii.

Meu tio, todo de branco, com um gorro de seda á cabeça, agachado, exa-

minava os canteiros. Sentindo o rumor dos meus passos no saibro, que scintilava ao sol, voltou o rosto purpureo e nas suas bochechas nedia perpassou um sorriso fugitivo. Ergueu-se resfolegando, com as mãos papudas cheias de terra, de sorte que não me atrevi a beijal-as para não macular os meus bigodes lustrosos e rescendentes.

— Meu tio passou bem a noite ?

— Como um abbade. E tu ?

-- Maravilhosamente...

Elle mirou-me dos pés á cabeça e pareceu satisfeito com o meu terno de brim pardo não desdenhando os sapatos amarellos, que eu trouxera para “surrar em casa”, como dizia pittorescamente minha santa mãe quando prégava sobre economia domestica.

— Que tal o alojamento, Anselmo ?

Gabei sem reservas a belleza e o conforto do tecto hospitaleiro, creio mesmo que o teria comparado aos pa-

lacios maravilhosos de Aladino e á soberba vivenda de Sindbad se um homem, com dois enormes regadores vermelhos, não viesse interromper o nosso colloquio. Era o Jeronymo, jardineiro — Parou um momento para dar a meu tio a boa nova do desabrochamento das camelias e, radiante, limpando com o braço o suor da testa, disse que já havia dois botões das rajadas. Meu tio felicitou-o e, como o Jeronymo retomasse os regadores, accrescentou — que as violetas estavam encharcadas.

— Não ha duvida... não ha duvida, senhor ; ahí vem o sol, disse o homem... Quem dirá que hontem choveu como choveu..? A terra está secca e a planta carece d'agua... Olhe, se eu fosse outro, deixava as *purpuras* sem agua... mas vá Vossoria ver... a terra está mirrada, parece que a seccaram ao fogo... E' verdade que alli não chove por causa do telheiro...

— E de cravos, como vamos ?

— Ainda não os ha...disse o Jeronymo, consternado, e derreando-se ao peso dos regadores foi-se, bradando a um gato que raspava a terra fofa de um taboleiro.

— Gostas de flôres, Anselmo ?

— Loucamente, meu tio.

E fomos caminhando para a casinhola rustica. Sobre o colmo cantava uma cigarra.

— Bom tempo, presagiou meu tio.

Havíamos chegado ao retiro do aperitivo onde nos esperava o alcool matutino, a gotta confortavel que aquecia o estomago preparando-o para receber o almoço. Meu tio subiu pesadamente a elevação que dava acesso ao retiro, e achatou-se no comprido banco de pedra que imitava um tronco d'arvore...e d'ahi, como Satan na montanha mostrando a Jesus as riquezas da terra, disse-me —

que alli assim estavam enterrados para mais de tresentos contos.

Eu sacudi a cabeça admirado e murmurei :

— Bem empregado dinheiro !

— Não bebes ? Accenei — que bebia e elle serviu-me.

Virámos.

O vasto mar azul, em frente, resplandecia ao sol. Velas de barcos fugiam, muito brancas, efflorando a vaga, que ás vezes se desfazia n'uma fita de espuma que vinha rolando, rolando e desmanchava-se. Aves pairavam e subitamente, como se tivessem sido fulminadas, cahiam n'agua serena, e o céu limpo, de uma côr fina e translucida, estava radiosamente claro. A aragem fresca vinha cheirando á salsugem e balouçava as roseiras, perfumando-se de um novo aroma de jardins, mais delicado do que a maresia da costa. Ao fundo o recorte accidentado e escuro

das montanhas. A cigarra, na grande luz tépida que dourava o colmo da casinhola, entrou a cantar e meu tio, encolhendo as pernas e servindo novos cognacs, enternecido e lyrico, disse poeticamente para attrahir a minha attenção toda entregue ao mar infinito :

— Ouve, Anselmo, a cigarra... está chamando o sol...

E eu, para dar mais força ao lyrisimo, ajuntei, voltando os olhos para o alto :

— Sim, meu tio... é a cigarra que chama a primavera.

Alli ficámos muito tempo, n'um far niente aprazível, beberricando, até que o creado nos veiu annunciar o almoço. Descemos lentamente. Eu vinha alquebrado de preguiça e sem appetite, sedento. A agua de um repuxo que esguichava, iriada e cantante, excitou ainda mais a sêde do meu estomago abrazado. Parei um momento para admirar a elegancia

de um cysne que circulava com garbo, abrindo de quando em vez, ao borrifo fresco, as grandes azas alvadias, eguaes as que outr'ora Jupiter lascivamente tomou, em uma das suas metamorphoses, para cingir o corpo esplendido de Leda.

Através da agua limpida via-se as palmouras rosadas remando com lentidão.

Meu tio, que havia chegado á varanda, chamou-me. Não quíz partir sem acariciar a ave airosa e adiantei-me estendendo a mão para amaciar-lhe o pescoço formoso; o cysne, porém, selvagem e arisco, entrou a espadanar com as azas e, escancarando o bico, a grasnar, poz-se em attitude ostensiva, atirando-me bicadas. Deixei-o. Vendo-me partir veiu precipitadamente até á borda da bacia e, a grasnar, parecia desafiar-me. Longe, no fundo do jardim, levantou-se um alarido terrível.

— São os gansos ! disse-me o tio Serapião... e deixando a balaustrada da varanda :

— Anda d'ahi que o almoço esfria.

A sala rescendia. A mesa pantagruelica, alva, nitida e farta encantou-me pela profusão de flôres em jarrões, por entre os finissimos copos de mussellina, espalhadas pela toalha e de um aroma tão intenso que mal deixava sentir o cheiro dos acepipes. Sentei-me á direita do meu tio e começámos por um prato que me pareceu feito de ouro liquido. O creado que m'o serviu nomeou baixinho : Mayonnaise. Fartei-me.

Meu tio, com a bocca cheia, olhou-me de certo modo e percebi que o seu olhar de epicurista, humedecido e languido queria dizer alguma coisa ; fitei-o até que engolisse o bolo que rolava na sua bocca de gastronomo, inchando-lhe as bochechas :

— Um petisco, hein, Anselmo? e

passou o guardanapo pelos beiços reluzentes. Eu, sem dizer palavra, arregalei os olhos, sacudi a cabeça e enchi de novo a bocca. Quando bebi o vinho, que rutilava n'um calice deante de mim, pronunciei-me francamente:

— Com effeito, meu tio... é um prato ! e elle, attrahindo uma lata de sardinhas, tambem arregalando os olhos, concordou : E' um prato !

A um gesto seu o creado inçou os transparentes ; o sol inundou a sala de uma grande claridade — crystaes e faianças scintilaram. Os canarios, deslumbrados, entraram a voar tontos agarrando-se ás grades das gaiolas, mas a pouco e pouco, habituando-se, voltaram a tranquillidade e foi bastante que um cantasse para que o chilreio irrompesse estridulo.

Pedi agua e o creado inclinando-se, indagou baixinho se eu preferia Vichy ou Apollinaris.

— Do pote, tornei ao solícito.

— Experimenta Apollinaris... Apollinaris com um pouco de Bordéos, aconselhou meu tio e voltando-se para o creado, com o garfo erguido e cheio de sardinhas: Abre Apollinaris. .

Resignei-me... e momentos depois um estampido atroou e logo um jorro fervido inundou meu copo.

— Bebe! Bebe enquanto está quente... Levei o copo á bocca e bebi... mas com que ancias... Um effluvio de thermas subia-me ao nariz. Subitamente acudi com um guardanapo á bocca, mas não tão rapido que pudesse evitar um escandalo.

— Perdão, meu tio! murmurei corado.

— Não sou inglez... Eu cá não faço ceremonias... Havias de engulil-o? disse a rir.

As carnes não me tentaram, mas fui forçado a mastigar uma febra de

roast-beef e uma fatia de presunto. O tio devorava tranquillamente, sem levantar os olhos do prato.

Ao fim do almoço, saciado d'agua, affastei-me para a varanda. Fazia calor — as folhas murchavam á luz caustica e ouvia-se a voz fina de Jeronymo, que cantava aparando a gramma.

Debruçado para o jardim, olhando vagamente, n'uma especie de abstracção de todo o meu ser, comecei a sentir-me invadido por uma tristeza que me cahia n'alma suave e melancolica como um crepusculo.

Uma sombra interior velava a radiosa alegria do meu espirito e sem causa visivel, porque deante de mim havia a vivida e resplandecente claridade do sol, o immaculado azul e todo o verdor viçoso dos arbustos que as borboletas corriam, sentia, como a aproximação de uma tormenta, as primeiras ancias da lagrima.

Indecifrável phenomeno o da visão da ausencia !...

Um véo espesso passou-me pelos olhos. Tudo que a minha vista alcançava desapareceu n'um momento e vi, como em scenario, n'um longinquo horizonte nebuloso, aereo, a paisagem silenciosa da minha terra, no valle fresco e verde, no fundo do qual escorre, quasi sem bulha, o corrego das Almas que vai de sitio em sitio, abeberando as hortas e os rebanhos, sempre manso e sempre claro, que não o toldam senão as flores dos espinheiros que o margeiam, e essas, pobrezinhas! com um leve fremito d'agua, desfazem-se, desaparecem e passam quasi invisiveis como um pollen subtil...

E a minha casa, além! bem visivel, branca no verdejante pomar, e gente na eira e gente pelos caminhos, os meus com as suas feições tão nitidas, tão perfeitamente accentuadas, que eu fui reconhecendo a um e um, como se os visse,

não através da miragem meiga de minh'alma, mas na verdade fiel da vida que além vivem.

Repentinamente a visão diluiu-se. Alguem chamava-me baixinho — voltei-me. Era o creado:

— O senhor seu tio pergunta se não quer ir á cidade?

— Dize-lhe que vou... e dissimulando passei rapidamente o lenço pelos olhos.

Quando desci, aprumado e airoso no meu terno de cheviot claro, meu tio roncava na casinhola do jardim, com a cabeça descahida sobre o recosto do banco, o papo em evidencia, todo molhado de suor e rubro, a bocca aberta, os braços pendentés n'um abandono flácido. A cartola repousava sobre a mesa e o precioso unicornio, encastoado de ouro, jazia aos seus pés como um cajado vulgar.

A impaciencia e a temperatura da hora tepida, macia e somnolenta haviam, por assim dizer, narcotizado o pobre homem. Da janella do meu quarto para onde, de quando em vez, elle levantava

os olhos anciosos, eu o via caminhar ao sol, com enormes bocejos, riscando a areia com a ponta da bengala... Subiu e desceu lentamente as aléas do jardim, por fim perdeu-se e só o vi depois nessa posição pacata, refestelado, a dormir á sesta como as roseiras dormiam no silencio canicular desse meio-dia abraçado, murchas, enlanguescidas, enquanto a terra incansavel infundia-lhes a seiva vivificante para que mais tarde, ao frescor vespéral do crepusculo, os botões despertassem e distendessem as petalas, abrindo-se. A' porta estacionava uma victoria. O alto cavallo negro e luzidio escarvava fogosamente, picado pelo sol.

Meu tio grugulejou como se sorvesse uma golfada quente e esfregou os olhos.

— Boa sésta, meu tio. Elle ergueu-se molle, com os braços abertos em cruz, o ventre empinado e falou espremendo-se:

— Boa estafa é que foi. Que diabo estiveste fazendo até agora? Sacou o relógio e mostrou-me: Uma hora da tarde...

— Um trabalho para descobrir a roupa, meu tio. Arranjaram-me de tal modo a mala que para encontrar um par de meias tive de despejar-a.

Meu tio mirou-me detidamente e com satisfação e vaidade li no seu olhar — que me achara digno. Tomou a cartola e eu apanhei o unicornio para poupar-lhe o sacrificio de abaixar-se.

— Está quente! disse limpando a fronte.

— Um dia de fogo, mas lindo...

— Lindissimo! Deu um puxão ás calças olhando o céu.

— Vamos, Anselmo.

Durante o caminho parou deante de todos os canteiros examinando carinhosamente as flores, decepando galhos seccos, com uma solícitude bondosa.

O creado corra a abrir o portão.
Saímos.

Ah!

As interjeições são pequeninas syntheses. Como em um atomo o olho do sabio descobre todo um mundo de complexidades, nas interjeições o arguto espirito de um grammatico descobriria todo um romance, se quizesse, e facilmente o reconstituiria.

As grandes emoções manifestam-se pelo laconismo monosyllabico dos oh! e dos ah! Concisas como são, dizem mais do que os periodos e supprem, com vantagem, todo o complicado artificio de que lançam mão os escriptores, artificio que nem sempre é bastante para exprimir o que sentem e raras vezes auxilia a externar o que pensam.

Ah! e Oh! hiatos insignificantés mas analysai-os, profundos mestres.

Deante de um quadro de Rubens—ah! e nada mais, alguns exprimem deste

modo o seu pasmo ; deante de uma mulher formosa oh ! — oh ! soturno e commovido que o agudo só tem applicação nos momentos de terror... A tragedia do panico tem a sua clave : uh ! Othello — oh ! Machbet... uh ! Ophelia... ah ! suspiroso ; os Sete Infantes oooh ! Mesmo no amor encontrareis um ah ! tremulo e doce — O suspiro é um ah ! isolado e, como dizem os pessimistas que o riso é ainda uma fórma da tristeza, a gargalhada é um rosario de suspiros. Ah ! e nada mais foi o que me fugiu da garganta quando me sentei nas almofadas de damasco côr de vinho da victoria de meu tio.

Que regalo ! E sinceramente que podia eu dizer que dêsse exactamente a impressão de aconchego que senti quando me aprofundei mollemente no macio assento ? Que podia eu dizer que traduzisse o gozo, quasi sensual, que experimentei senão o que veiu esponta-

neamente aos meus lábios ah ! um doce e demorado ah ! que me ficou muito tempo a brincar na bocca e que eu acompanhei com uma mimica phantastica — olhos arregalados, braços abertos como se me balouçasse em ondas... Ah !

E meu tio comprehendeu, porque se voltou immediatamente e disse-me :

— Molas excellentes, hein ?

— Excellentes, concordei hilariante e baboso ; excellentes, meu tio e, sem que elle percebesse, levantei-me um pouquinho e deixei-me cahir para ter o gosto de afundar como afundei.

O cocheiro, um inglez, magro, raspado, retezou-se na boléa tentando as redeas para soffrear o cavallo negro que pinoteava.

— S. Francisco, disse seccamente meu tio — e logo rodámos.

Estiquei as pernas mergulhando os pés no pellego felpudo.

— Não fumas, Anselmo ? E as mãos

papudas offereciam-me charutos. Esgazeado e hirto de espanto, recuei para o fundo do carro... Pois meu tio... a offercer-me charutos...! E' uma cilada, disse commigo. Meu pae, com a sua moral primitiva, entende que fumar é um vicio execrando para os moços, principalmente em presença dos mais velhos. Em casa, quando me tenta o desejo de tragar uma fumaça, corro ao meu quarto e fecho-me ou desço ao pomar para não ir de encontro ao preceito paterno, que é uma herança dos maiores. Educado em principios de tanta austeridade, agradei os charutos. Meu tio, porém, insistiu.

— Fuma, homem; já não és criança, disse n'um tom cheio de sinceridade que varreu do meu espirito o resto de escrúpulos. Tornou: fuma — e entregou-me um charuto. Ainda assim, senti um certo vexame, elle porém acudiu novamente, animando-me.

— Não tens phosphoros?

— Sim, meu tio; tenho aqui. Accendi o charuto e baforei para o mar a primeira fumaça dando as primicias do meu havana ao respeito, como os antigos pastores offereciam a Deus as primicias dos seus rebanhos; depois recostei-me, fumando deante das barbas alvadias do irmão de meu pae.

O Rio começava a apparecer-me. A victoria corria cruzando-se com outros carros elegantes, onde iam senhoras vistosamente vestidas. Dos bonds espiavam-nos curiosamente. Eu afundava para que me não vissem, ia alli assim como um deus n'um nicho, apenas visível para os que, como eu, passavam luxuosamente em carruagens e que nos procuravam reconhecer. Meu tio, habituado ao luxo, ia indifferente, todo preoccupado com o seu charuto; eu não, mostrava-me, queria que as mulheres olhassem para o meu rosto rosado e

fresco, para os meus olhos femininos, para os meus labios purpureos e car-nudos, para os meus bigodes sedosos, para o meu largo peito forte, e que reconhecessem em mim um modelo de homem, um remanescente da idade morta, quando a força era divinizada e o musculo merecia poemas, um solido e masculino exemplar de sertanejo capaz de amal-as com mais ardencia e com mais impetuosidade do que esses rapazes pallidos de olhos tristes, que passavam acabrunhados e exhaustos, sem viço, sem entusiasmo, frouxos e melancolicos, sugados pelo vampiro da anemia, derreados pelas vigalias sordidas da orgia.

A victoria parou. Saltámos e eu, curioso de ver e de admirar maravilhas, olhei em volta. Era uma grande praça quadrada e clara, murada pelos edificios que reverberavam á luz radiante do sol.

Ao meio, sobre um pedestal negro, a estatua fosca de um homem, n'uma attitude cheia de solemnidade, a mão estendida n'um gesto classico de tribuna, como a allegoria iconica do meeting que é, em nossos dias cultos e morigerados, o escoadouro da inoffensiva indignação das massas. Meu tio, indicando-me a effigie escura, disse:— José Bonifacio, o patriarcha da nossa independencia e a tribuna dos comicios.

Admirei reverente o patriarcha que alli estava rijo, inflexivel, immovel no seu molde perpetuo de bronze, como a imagem do patriotismo isolada na vasta ágora, para exemplo das gerações. Meu tio, descrevendo com o seu unicornio um hemicyclo no ar, falou para despertar o meu civismo:

— Olha, Anselmo, de um lado a religião, Deus e o seu mysterio.

E' a ala santa do perimetro do nosso patriota — e levantou a bengala.

Meus olhos seguiram a sua indicação e viram no alto da torre um gallo rutilante. Tive impetos de pedir a significação da emblematica... seria por acaso a figuração do bicho que cantou tres vezes despertando a consciencia de Pedro na grande noite triste de Gethsemani? Mas meu tio já havia baixado a bengala.

— Aquillo que alli vês ao fundo, Anselmo, é a sciencia.

Um casarão alvadio com um terraço a frente. Mal tive tempo de admirar, porque a voz grave do cicerone já pronunciava : A' esquerda o commercio, a industria, o movimento... Com effeito a vida parecia decorrer do ponto indicado — bonds chegavam despejando gente, partiam cheios ; carros cruzavam-se — era um vozear confuso, indistincto : pregões, appellos, silvos, tilintar de campainhas, brados.

Olhei atordoado. Meu tio voltara-se para a estatua e contemplava-a extatico.

— Grande homem ! disse eu.

— Grande patriota ! accrescentou meu tio e voltou-se com a bengala em riste, risonho, mostrando-me uma rua em frente :

— Conheces ?

— Não, meu tio, mas noto que está cheia de gente—parece que vem por ahí abaixo um oceano popular para revindictas.

E' sempre assim, disse e com lentidão abriu a sobrecasaca e tirou do bolso profundo um maço de papeis. O sol abrazava pondo-me pruridos na carne, e meu tio, calma e tranquillamente, suando e resfolegando, consultava os papeis. Por fim atafulhou o maço no bolso e vagarosamente desdobrou deante de meus olhos uma folha de papel azul e indicando-me uma phrase, com o dedo grosso, sorriu mirando-me.

Era uma carta minha, e o que alli

estava debaixo do pesado e humido indicador, apenas isto—“ver a rua do Ouvidor”. Sem ler mais, estremecendo, cravei os olhos na rua... e, sem uma palavra, mudo, abatido, como se me tivessem dado uma noticia de morte, suspirei.

— Uma surpresa, hein?

— Uma desillusão, meu tio, disse eu, murcho.

Mas o sol ardia. Quasi torrados fomos caminhando para a desillusão, porque alli ao menos havia sombra e fresco. Eu ia consternado.

— Mas então... que te parece ?

— A mim ?

— Sim...?!

— Ah! meu tio... Póde ser que esta rua seja uma maravilha, mas infelizmente antes de vel-a, antes de pisa-la, eu a sonhara... e o sonho, que é uma visão do mysterio, vai sempre além da realidade.

— Mas.. que esperavas tu ?

— Eu ? — uma avenida como as que tenho admirado em gravuras, como as que tenho visto descriptas: com grandes casas apalaçadas, ruas cuidadosamente calçadas de marmore.. architectura e gosto, arte e elegancia e largueza sobretudo, meu tio ; largueza, muita largueza...

Um velhinho magro, esgrouviado, com um amplo casaco côr de castanha, surrado, tomou a frente a meu tio estendendo-lhe ambas as mãos, pallidas como as de um cadaver.

Encostaram-se a uma vitrine. O velho sacou do bolso uma enorme carteira e foi desdobrando papeis, cochichando, com risinhos. Meu tio approvava com ar digno, coçando o papo.

Parado em meio da rua, olhando, sentia dentro em mim cahirem um a um todos os meus sonhos ingenuos de roceiro. A multidão cruzava-se n'um formigamento activo ; grupos chocavam-se.

Havia constantemente um chapinhar de solas, fru-fru de sedas e de longe, como um hausto perenne e soffrego, vinha um aaah surdo... De vez em vez parecia-me ouvir o rumor cadenciado e longinquo do desfilar de um exercito.

Sentia-me attrahido pelo luxo dos mostradores. Meus olhos esmerilhavam, rebuscavam, examinando as casas, da soleira á cimalha, penetrando-as, varejando-as indiscretamente com uma ganancia de imprevistos, com uma avidez de novidades... mas desciam desengoados, porque a rua que eu antevira, a rua que eu sonhara... O' divinos jardins suspensos! ó avenidas de loureiros e de anemonas! como estais longe da esplendida passagem que meus olhos viam em arroubos, quando me punha a pensar nesta viagem ao Rio e realizava embevecido, de olhos fechados, deitado na relva, tamborinando no ventre, o meu passeio chic pela calçada de marmore

branco refrescada, duas vezes ao dia, com esguichos d'agua de rosas.

Não, decididamente eu não tinha razão — o que eu estranhava não era a rua do Ouvidor... todo esse pungitivo sentimento que me opprimia vinha da morte de uma illusão.

Para os que não viram, para os que não sonharam coisa melhor, a rua é admiravel; mas para os que podem estabelecer confrontos, perdôa-me, arteria da civilização patricia, perdôa-me boulevard da elegancia e do espirito fluminense, não passas de uma viela atarracada e sordida.

O velhinho inclinou-se de novo com as mãos estendidas, e meu tio voltou a occupar junto de mim o seu posto de elucidario.

— Então, Anselmo?

— Estou procurando o encanto, meu tio.

— Descansa, descansa, disse to-

mando-me o braço, elle é que ha de procurar-te. E estacando mostrou-me a rua com o mesmo gesto com que em casa, do alto da casinhola, me havia mostrado o seu jardim: Então *isto* não te impressiona?

— Não, meu tio... e digo com sentimento.

— Esperavas alguma coisa como o boulevard des Italiens, como a calle Florida? acudiu meu tio, versado em guias.

— Coisa melhor! coisa superior!

O elucidario lançou-me um olhar carregado de pasmo.

— Contaram-me tantas maravilhas desta rua, que não é muito que eu me confesse desilludido, porque o sentimento que em verdade subjugo é de indignação, a mais justa indignação contra todos quantos me atordoaram o espirito com exageradas phantasias e soberbas descripções de um fastigio in-

comparavel. Em casa de Marianno Gomes, o Dr. Gusmão, promotor, que parava de quando em vez alguns nickeis, no seu feminino palpito — a sota, durante uma longa noite de azar e de chuva, encurralando-me no vão de uma janella, falou-me, com a sua eloquencia de jury, longamente, calorosamente, à cerca da rua do Ouvidor, contando-me aventuras que havia gozado em companhia de um desembargador, homem culto e de gosto. Foi quem mais seduziu o meu espirito ingenuo, foi esse orgão da justiça publica o mais perverso e cruel dos mystificadores. O padre Coriolano, que, de longe em longe, vem gozar no Rio um mez de inverno, disse-me uma vez, em casa da Maria Balbina, que *isto* era como a Suburra de que fala Horacio: um lugar de vicios... Marianno Gomes, mais franco, explicou-me n'uma phrase sobria e devassa: “Que para a pandiga não havia igual...!”

Mentiram todos: a lei, a religião e a batota... isto é uma miseria.. Nem aventuras, nem Suburra, nem pandiga!

— Espera, attende... acalma a furia, Anselmo... Se ainda não a conheces! disse meu tio com um sorriso malicioso. A rua do Ouvidor tem o seu segredo de attracção e de enlevo como certas mulheres, que, apesar de feias e avelhantadas, vivem perseguidas pelos adoradores... has de concordar: ha mulheres neste caso; a razão? o motivo? dize, dize...

Dei de hombros e meu tio explicou-me com arreganho — um encanto particular, Anselmo, coisas... Depois, recompondo-se, voltou a falar com gravidade, fitando a rua — Não é bella, concordo. Vê-se que não foi traçada por um Haussmann, mas lá encantos tem ella... E' preciso viver, conhecel-a, penetrar-lhe o segredo... Não estou longe de pensar contigo. Isto é um becco.

— Um becco ! corroborei com desprezo.

— Mas queres saber a razão principal da sua nomeada? inclinou-se olhando-me vesgo. Ella é o centro da vida nacional... Descolámo-nos para respirar, mas elle puxou-me de novo : Todos os grandes factos da nossa politica e da nossa litteratura derivam da rua do Ouvidor — ella é o estuario que recebe todas as correntes, é o centro para onde convergem todas as forças activas da nação e donde se escôa a seiva intellectual...

— A seiva intellectual!... exclamei recuando, e meu tio, impassivel, acastellado na sua convicção, repetiu abanando com a cabeça :

— Pois não... pois não, seiva intellectual... E continuou: Tens alli a imprensa, e levantou a bengala para uma sacada onde havia uma comprida taboleta negra com grandes letras brancas

— e passeiando a bengala como um ponteiro, proseguiu: o commercio, a industria. Firmou-se passando o lenço pela fronte gottejante: O cambio, as leis, tudo quanto orienta e desorienta o Brazil sahe daqui...

— E' o laboratorio, commentei com ironia, e meu tio acceitou:

— O laboratorio, pois não. Mais ainda, vou mais longe. A meu ver a nossa fórma de governo é a rua do Ouvidor, a nossa religião, é a rua do Ouvidor — as constituições, os figurinos e os actos de fé sahem deste becco. Isto é a pia lustral que consagra os factos e os homens... Esta rua repercute todos os successos do mundo como na vida physiologica o cerebro, por um phenomeno de repercussão nervosa, reflecte todas as sensações do corpo.

Meu tio, cansado do rasgo scientifico, aspirou largamente e tossiu, mas a facundia voltou: As mulheres, para

imporem a sua formosura, descem e sobem a rua varias vezes... Ha um talento prodigioso por ahi além... quem o conhece? Ninguem! Quantos poetas vivem ignorados por esses recantos, sem jámais alcançar a gloria da publicidade?

— O Simão Carreira...

— Sim, o Simão... Ha por acaso alguem que conheça o Simão?

— Eu, meu tio. Conheço-o e admiro a sua inspiração, sempre fertil e sempre nova...

— Mas... Tu és uma parcella insignificante... Para immortalisar um homem só o suffragio colectivo... e a urna é esta. Tenho certeza de que o Simão Carreira, com um dia de rua do Ouvidor, faria mais pela gloria do seu estro do que tem feito com 38 annos de trabalho modesto no canto obscuro de Tamanduá, entre os milhos. Bastava que recitasse dois ou tres sonetos... E meu tio

alongou o braço: O caminho da Gloria é este, Anselmo...

— Não é feito de rosas, meu tio..

Davam tres horas e o calor escaldava. Meu tio propoz um *grog* gelado, no Paschoal. Iamos caminhando lentamente, quando dei com os olhos em uma esplendida mulher loura, alva e rosada, de preto. Nos cabellos dourados uma especie de diadema régio, com duas cristas de pennas vermelhas, como no gorro do Mephistopheles que eu vira, em tempos, n'uma illustração de Natal.

— Linda mulher, meu tio!

— Divina! concordou elle estacando para admirar. A loura approximava-se coleando por entre a multidão, attra-hindo os olhos lubricos, altiva, indifferente, com um andar soberbo de rainha, o collo farto escondido por um grande leque de plumas escuras que ella agitava com languidez, como uma grande aza. Passou por nós e tive apenas o

tempo de ver a côr innocente e doce das suas pupillas azues, mais claras do que a côr do céu, porém mais suaves, e a bocca, pequenina e vermelha, uma curva sanguinea e humida. E o aroma que ficou á sua passagem, que delicioso!... Linda mulher! tornei voltando-me para admirar o airoso passo, cheio de magestade e de graça.

— E' uma esculptura...

— Uma esculptura, meu tio... E trincando o beijo, nervoso, tornei á phrase: Linda mulher! com effeito... mas meu tio, que adeantara alguns passos, vendo-me parado a olhar submettido para o vulto que desaparecia chamou-me:

-- Vem dahi... Vamos ao *grog* que está quente a valer...

VI

Fomos descendo com vagar por entre a turba, ora collando-nos ás paredes, ora desviando-nos para o meio da rua, para dar passagem ao feminino. Meu tio, apesar da sua corpulencia anafada, esgueirava-se sorrateiro e agil, sem perder a linha correcta que lhe dava o ar distincto de um diplomata em férias; eu, porém, atordoado e zozzo, parava de instante a instante, evitando os esbarros e as collisões.

Uma rotunda senhora, de roxo, o rosto placido e sumarento, côr de goiaba madura, olhos fundos, de um brilho fulvo e máo, estacou deante de mim, ameaçadora e terrivel, inchando as bo-

chechas molles, suffocada de ira ; precipitei-me para lhe dar caminho, mas com tal desazo, que nos encontrámos, frente a frente, n'uma umbigada tremenda. Foi horrivel !

O vexame tirou-me de todo a calma. Dei um salto para a esquerda e encontrei a senhora, fugi para a direita, e ella... assim estivemos um bom par de segundos n'um balancé ridiculo, até que fui repellido para o meio da rua, exausto e com o chapéo na mão — e a senhora passou como uma avalanche, resmungando coisas atrozes contra mim.

O' divino De Maistre, queria que visses esse exemplar nedio e colerico do teu "bello animal" ! queria que o tivesses um minuto deante dos olhos, para que me disseses depois em que casta dos belluinos o classificarias. Livre, respirei um momento, enxugando o suor que rolava copiosamente pelo meu rosto e,

ancioso, perdido, alonguei os olhos procurando meu tio. A multidão... a multidão... a promiscuidade terrível... todas as variadas escamas desse camaleão — o povo (como disse uma vez em discurso o verboso promotor Gusmão, referindo-se ás mutabilidades da opinião popular, á versatilidade da alma collectiva)... tonteava-me e meu tio, a preciosa escama celibataria e farta, sumida, longe da minha vista...! Dei alguns passos attonito, desvairado, julgando-me perdido no oceano tumultuoso da população que me aturdia : os homens com os seus cotovellos, as mulheres com os seus olhos, com os seus cabellos, com o aroma que deixavam ficar no ambiente, como um pollen invisível para fecundar o amor... Por fim, reconheci a voz de meu tio :

— O' Anselmo !

Voltei-me ancioso e descobri-o á porta de uma casa, acenando-me.

Corri pressuroso e, mal nos encontramos, desabafei : Que rua, meu tio ! Que garganta... Que inferno !

Elle sorriu, sacudindo com um piparote alguma coisa que trouxera da multidão na golla do casaco, e, naturalmente, puxando-me pelo braço, collocou-me junto de umas caixas de biscoitos, ao lado de prateleiras carregadas de puddings e de frascos bojudos de geléas inglezas.

— Vamos ficar por aqui... Não ha mesa por enquanto.

Lancei um olhar de exame á casa. Era uma sala vasta, dividida ao meio por uma linha resplandecente de columnas, de quatro faces, forradas de espelhos—O fundo era um grande espelho corrido do sólo á linha branca do estuque, reflectindo, aprofundando o interior rumoroso e cheio. As paredes, de alto a baixo, carregadas de garrafas ; por dentro de um balcão de marmore e

nickel, dois homens sacolejavam cocktails—ao centro, uma comprida mesa de serviço. A outra parte da sala era reservada á pastelaria e aos confeitos. Pelas vitrines, frascos de compotas, latas de conservas; sobre o balcão pratos de fios d'ovos, bolos, tortas; nos mostradores semi-abertos alfenins e doces miudos, loiros: de creme; escuros: de chocolate, polvilhados de amendoas; pastilhas em bocaes enormes. As portas estavam entulhadas de queijos, de salames e de linguiças, e nos armarios de exposição os finos bombons, em caixas artisticas, ornadas de chromos e polichinellos empanturrados de amendoas, saccolas e outras cousas de formas extravagantes—tartarugas, caixas de phosphoros e um Bismarck paçudo com o nome *Boissier*, no retrospectivo lugar das palmadas, na infancia, dos pontapés, na virilidade. Um grande aquecedor de empadas, rodeado de homens que mastigavam gulo-

samente. Do tecto, presas por fios negros, pendiam lampadas electricas.

Não havia uma mesa—todas cheias. Grupos de rapazes, os cotovellos fincados no marmore negro, gesticulando, falando alto, riam espremendo siphons. Senhoras ceremoniosas, com o véo levemente arregaçado, chuchurreavam sorvetes. Em uma mesa um rapaz loiro, imberbe, inclinado para o companheiro, pallido, de pince-nez, lia baixinho umas tiras de papel, levantando o braço direito em gestos supremos, todo arregaçado—o companheiro tinha os olhos perdidos no fundo do copo. Caixeiros azafamados passavam com bandejas carregadas, abriam garrafas, serviam pratos. Havia um rumor confuso e de quando em vez um berro: cognac! um nome: Barroso! e estouros de garrafas desarrolhadas, estrepito de louça, tinir de talheres...

Meu tio, que se voltara, disse-me confidencialmente:

—Tens aqui o Paschoal !...

—E' soberbo...

—E' chic...

De repente abandonou-me e foi-se precipitadamente, de esguelha.

—Com licença ! Com licença ! para a direita, para esquerda, porque era preciso incommodar os que faziam pacatamente a sua hora de lunch ou de vermouth, para dar passagem ao seu prodigioso ventre ; e foi seguindo até o fundo da casa, junto ao grande espelho.

—Temos aqui uma ! Temos aqui uma ! disse, chamando-me.

Já havia tomado duas cadeiras quando um sujeito magro, de cavaignac, avançou com um petiz ao collo, babujado de creme.

Falou com a bocca cheia : “se lhe podia ceder uma cadeira?” Mas meu tio, com um sorriso, voltou-se, designando-me ao do cavaignac, como se lhe qui-

zesse significar : “ Bem vê que não é possível, tenho aqui meu sobrinho.”

O homem agradeceu e foi-se com o petiz que chalrava, pedindo coisas, com os braços estendidos.

Sentámo-nos. Uf!

—Uma estafa, hein, Anselmo?

—Uma estafa, meu tio!

—E’ sempre assim... E a um caixeiro que passava com uma bandeja de sorvetes :

—O’ Barros...

—Volto já, senhor commendador...
Volto já... Foi-se, equilibrando os copos e meu tio, descançando o chapéo n’uma vara de metal que corria ao longo do espelho, bufou esbaforido.

—Está quente !...

—Um forno...

—Amigo commendador... disseram, e eu pelo espelho divisei um rapagão de fartos bigodes loiros, pince-nez, sobre-casaca e calça clara, que arriava a cartola

cumprimentando meu tio. Falava a umas senhoras dando palmadinhas de carinho nas bochechas de um pimpinho, que amuava no collo de uma negra retinta, com uma touca de seda, donde pendiam até os pés duas largas fitas cinzentas.

Meu tio correspondeu com affabilidade offerecendo-lhe a mesa, onde até então sómente havia as nossas bengalas cruzadas. Elle espalmou a mão—que esperasse.

--Quem é, meu tio?

—O Dr. Gomes de Almeida, advogado. Moço de talento, e rico.

—Bello rapaz...

—Boa prosa... Has de ouvil-o... Voltei-me, porque meu tio afastara a cadeira e já estava de pé. O Dr. Gomes, radiante e de braços abertos, apertou-o com intimidade.

—Meu sobrinho Anselmo... O Dr. Gomes de Almeida, meu amigo, apre-

sentou meu tio... Trocamos um aperto de mão e sentámo-nos...

O caixeiro, que voltava, inclinou-se passando pelo marmore uma toalha felpuda: Que ha de ser, Sr. commendador?

—Tres grogs...

—Não, não, acudiu o Dr. — para mim, um cocktail... E' a minha hora e em questão de habitos não transijo...

—Dois grogs e um cocktail, repetiu o caixeiro, deixando sobre a mesa um cartão minuscuro.

Meu tio, dirigindo-se ao doutor, disse indicando-me :

—E' a primeira vez que vem ao Rio.

— A primeira vez ! exclamou elle, cravando em mim os seus olhos claros.

— Estive aqui em janeiro de 72, cinco dias apenas, em um hotel. Grassava a febre amarella e meu pae, que viera para matricular-me em um collegio, ao fim de tres dias resolveu abalar, aterrado, preferindo conservar-me igno-

rante, mas vivo, a seu lado, para governo das suas terras... Fugimos, e justamente no dia da nossa partida, no quarto proximo ao que habitamos, falleceu um joven americano electricista, que viera ao Rio, por conta de um syndicato, tratar de uma empreza de campainhas.

O correspondente, que nos escreveu, felicitando-nos pela retirada prudente, falou do pobre forasteiro, dizendo que na agonia entrara a declamar em inglez umas coisas gementes, que mais tarde soube, pelo Dr. Azambuja, serem versos de Longfellow.

Esse americano agonizando solitario entre os tabiques de um quarto de hotel, revendo na agonia as paisagens da *Evangelina*, nostalgico na suprema angustia, nunca mais me deixou o espirito. Apesar de o ter visto apenas uma vez, á mesa, não esqueci os traços femininos do seu rosto, de uma tez dourada e rosea, macia e branca como a de uma

mulher. E tomei em tal horror o Rio que, apesar das reiteradas instancias de meu tio, fui me deixando ficar entre as minhas arvores, onde não chega a peste...

-- E ainda receia? inquiriu o doutor, sorrindo.

-- Não tanto, mas na multidão parece-me ver passar, de vez em vez, o americano pallido, desvairado e hirto. Para mim essa visão de alucinado é como um presagio de peste, e, sempre que me falam de alguma victima do terrível mal, vejo immediatamente levantar-se deante dos meus olhos o desgraçado moço recitando :

In the Acadian land...

-- E' extravagante, disse o doutor... E' um bello caso de impressionabilidade.

O caixeiro fez deslizar pela mesa uma bandeja carregada de copos.

-- Dois grogs e um cock-tail...

O doutor sorveu um trago e depois de chupar os bigodes perguntou com interesse :

-- E como tem achado a cidade ?...

-- Pouco tenho visto... Cheguei hontem...

Mas meu tio interrompeu com uma expressão concludente :

-- Não gosta. Sonhara coisa melhor.

-- E' geralmente o que succede. Deu-se commigo o mesmo facto, disse o doutor. E voltando-se para mim : Imaginava o Rio uma cidade artistica, monumental e nobre, com abundancia de marmores, avenidas, longos passeios abrigados sob toldos, palacios de estylo e o fausto classico. A cruzarem-se pelas ruas carros, cavalleiros; o luxo incomparavel do sonho, a sumptuosidade da phantasia ; o espirito, a elegancia, a belleza—e encontrou uma cidade vulgar, sem nada absolutamente do que lhe

emprestara a sua imaginação, não é exacto?

Sorri, mexendo lentamente o meu grog.

— Commigo succedeu exactamente a mesma coisa. Quando d'aqui parti, em 80, para ter o prazer de pisar o sólo trilhado pela humanidade nas suas marchas através do tempo, desde a éra aryana até o periodo em que se moveram da terra de França, para as campanhas ambiciosas, as legiões que seguiam a aguia altiva de Napoleão, fui perdendo illusões a pouco e pouco. Era já com tristeza que descia a escada do navio quando chegavamos a algum porto, porque levava de antemão a intima certeza de que ia ver aluir-se um dos meus sonhos — e era fatal. Paris, por exemplo—é um assombro... incontestavelmente... um assombro! Infelizmente, porém, o Paris que eu imaginava era o antigo, que eu vira descripto nos primeiros romances

que me entretiveram as horas de mocidade—Paris dos duellos, Paris dos lansquenets, Paris das tascas romanticas, Paris das velas escusas, onde á noite, á luz fumarenta das lanternas, tiniam as finas e flexiveis espadas dos pagens contra a *rapière* dos burguezes, Paris de Ponson, Paris de Dumas... é ridiculo, não é? mas infelizmente é um facto geral. Essas impressões das primeiras leituras que nos ensinaram a devaneiar, que nos tomaram pela mão para nos mostrar a estrada azul da phantasia, não esmorecem facilmente. E' debalde que procuramos suffocar esse residuo de infancia ou de imbecilidade, que fica em nossa alma, lendo solidas e doutas philosophias, espanando os preconceitos com o vasculho da critica e da analyse, destruindo, com as verdades da historia, as fabulas teimosas que adquirimos na novella e no conto, esse sedimento subsiste como um germen abafado de

onde, de longe em longe, espontaneo e violento, rebenta um broto de sentimentalismo.

A verdade é que nós temos duas visões -- a do mundo real e a do mundo imaginario, e esta é a primeira que buscamos. E' através della que a Poesia entrevê o céo, ella é que torna o mundo possivel, variando constantemente a sua face. Porque é que os astros são eternamente bellos? E' porque nós os olhamos com um pouco de imaginação.

O Oriente por exemplo... que decepção, meu amigo! Quando desembarquei em Beyrouth, que é, por assim dizer, a porta da Syria, senti um tal aperto d'alma, que a minha vontade foi voltar para a cabine, a bordo do paquete, que ainda se balouçava no porto... Tudo quanto eu julgara encontrar nessa terra ancestral estava entulhado pela civilisação, aluido pelo progresso -- A industria fincara os obeliscos das

BIBLIOTECA MUNICIPAL

«ORIGENES LESSA»

Tombo N.º _____

MUSEU LITERARIO

chaminés que fumegavam como em Londres, como em Bruxellas, como em Amsterdam, a patria da genebra e dos organistas—O beduino, em vez de traçar, como nos tempos historicos, o albornoz listrado, encolhia-se sentado a um canto, fumando um cachimbo Cambier, raspando com as unhas as pernas magras, vestido com um paletó côr de cinza, de golla de velludo—O degenerado que me deu cerco pedindo sollicitamente o guarda-sol e o binoculo vinha assim vestido. E' verdade que encontrei um filho do deserto, authentico, mas apesar do seu trajo pittoresco de scheik, apesar do yatagan e do cinto vermelho, ruminava um francez duro, offerecendo umas pedrinhas claras de uma fonte milagrosa citada pelo Propheta.

A Palestina... uma miseria! Mas o que jámais esquecerei é o que lhe vou dizer seccamente, em quatro palavras: Quer saber o que encontrei no alto do

Calvario, justamente no sitio santo em que foi crucificado o Christo? Inclinou-se todo para mim olbando-me, fixando-me como se quizesse magnetisar-me, por fim disse com um gesto, sacudindo o punho e deixando cahir palavra por palavra com força e furia:-- um grande mastro com um cartaz annunciando um leilão de jumentos... Um leilão de jumentos, é exacto ! E virou de um trago o cocktail.

Que quer? os homens entendem que podem encerrar todas as tradições das raças nas vitrines dos museus, já dispensam os sitios santos da religião, porque a Luz é a sciencia. Deus começa a ser analysado como o *bacyllo-virgula*.

Meu tio, que se sentia ferido nos seus melindres religiosos, inquiriu com uma ponta de incredulidade:

-- Mas, doutor, era mesmo um leilão de jumentos?... Talvez fossem reliquias...

-- De jumentos, vi-os eu no Cal-

vario... é exacto !!... Jumentos! E arreganhando os dedos: Quatro patas, commendador.. Quatro patas e orelhas! affirmou.

— Cães! rusgou meu tio mostrando o copo ao caixeiro para que lhe servisse outro grog.

--- Não se incommode, commendador, não se incommode, acudiu tranquillamente o doutor apaziguando a furia de zelo do meu beato parente. A religião ha de vencer, apezar de todas as guerras que contra ella movem obstinadamente os pseudo-reformadores.

Isso, longe de destruir a crença, augmenta-lhe o prestigio. Que era a cruz antes do martyrio do Homem? um vilissimo instrumento de supplicio e é hoje um symbolo de misericordia, é a ancora com que nos prendemos á Esperança. O azorrague, a corôa de espinhos, o sceptro de canna, a tunica de byssus, tudo quanto foi para Jesus opprobrio, é

hoje objecto de respeito e de veneração. Esse mesmo poste, alçado como um ludibrio, no santissimo logar, acabou comovendo-me e não dobrei os joelhos devotamente, creia o senhor, não ajoelhei, repito, de vergonha, porque andavam por alli umas mulheres que não tiravam os olhos de mim.

— Ajoelhar-se deante do poste dos jumentos, doutor!

— Pois não, commendador, deante do poste, porque elle estava fincado no Calvario, que é a montanha por excellencia, santificada pelas gottas do sangue do Cordeiro.

O que eu alli via não era um poste de annuncio, era um mastro espetado no logar em que estivera a cruz — alli devia tremular a bandeira branca da Paz Universal. Tinha um annuncio, isso, porém não era bastante para desmerecer o sitio aos olhos de um verdadeiro crente. A maldicta reclame, inventada pela am-

bição yankee, é que tem polluido os legados preciosos dos seculos. Em Epheso, por exemplo, nas soberbas ruinas do templo de Diana onde á noite, ao luar triste, a gente julga ouvir os latidos da matilha feroz e os gritos das nymphas perseguindo o misero e formoso Endymião, n'um fuste de esplendido marmore, entre folhas de acantho, avistei uma inscripção em letras negras —corri a decifrar e era um annuncio de capsulas de sandalo. O commercio affixa em toda parte, escolhendo de preferencia os logares celebres... O Passado vai desaparecendo sob cartazes de cores... Não ha mais antiguidades, não ha mais tradições, o que hoje ha é uma avidez sordida de dinheiro. E' preciso andar para se conhecer o caracter do homem.

Vende-se tudo nos mercados do mundo : innocencias impuberes e aguas mysteriosas que fazem voltar a moci-

dade, consciencias e homens. Em caminho encontrei de tudo, comprei de tudo para humilhar o semelhante.

Em uma aldeia de Constantinopla, perto de um cemiterio todo em flor, ajustei por uma bagatela uma formosa rapariga que me agradeceu, cantando uma ballada turca, enquanto eu contava as moedas; em Smyrna abalou com um caixeiro que negociava em pannos, deixando-me, como lembrança, uma lata de contas e uma rosa de Jerichó! Tenho em casa, no meu gabinete de trabalho, reliquias preciosas compradas por ahi além, desde o monte Athos, onde subi para visitar o celebre convento d'Aghios-Dionysios, até Paris: o dedo com que S. Thomé tocou a ferida aberta no peito de Jesus pela lança de Longuinhos, um pouco da palha mastigada pelo burrico que carregou a Virgem para o Egypto, um madeixa de João Baptista, o ciborio de cophen com que polia as unhas Maria

de Magdala, um prego da cruz, uma prova da legenda que foi pregada no tope do aviltante madeiro e um dos suspiros do Bom Ladrão; e reliquias profanas—a clava com que Atila aterrou o Occidente, o tinteiro onde Carlos Magno molhava a penna para escrever os Capitulares, os oculos de Milton e os famosos sapatos com que o Alighieri andou pelas calçadas do inferno.

Guardo tudo como recordação dos logares que visitei e para provar a vileza da alma do homem venal e torpe.

— Outro cock-tail, doutor, offereceu meu tio.

— Não, obrigado, commendador; basta. E voltou-se de novo para mim offerecendo-me cigarros turcos:

— Depois que vi o mundo estou convencido de que o Rio de Janeiro é uma bella cidade... E o meu amigo, dentro em pouco, ha de concordar commigo. Não é tão máo como parece;

demais, para um moço como o senhor, intelligente e forte, ha sempre uma aventura á espreita. Descahiu um pouco para o meu lado e disse-me em tom mysterioso, apinhando os dedos nos labios para colher um beijo: O Rio tem mulheres esplendidas! e atirou o beijo com um estalinho. Ainda não as viu, garanto..?

— Pois não... Passou por nós uma loura lindissima!

— Uma...! Mas o Rio tem milhares, meu amigo. E' preciso vel-as, conviver com ellas no meio em que vivem. Não é na rua do Ouvidor, creia... é nos salões, nos boudoirs... nos boudoirs...! Ah! as mulheres... as mulheres...! foram a minha perdição em viagem... Antes de ver os edificios, as bellezas naturaes e artisticas de um paiz, tratava de ver as mulheres e estou convencido de que é a mais bella coisa da Creação.

— Primeiro as hespanholas! aven-

turou meu tio com os olhos brilhantes de volupia, recostando-se no varão de metal que corria ao longo do espelho.

— Não sei, commendador, não sei. Olhe que as inglezas são lindissimas...! Meu tio fez um momo.

— Espere, commendador, eu também pensava assim, mas em Londres convenci-me do contrario. Lembro-me sempre de uma noite em que se cantou o *Ruy-Blas*, no Covent-Garden... Commendador, não se descreve, creia, não se descreve. Imagine o senhor uma assembléa de estatuas, qual mais formosa, alvas de fascinarem, immoveis, n'uma attitude hieratica, com grandes aureolas feitas dos proprios cabellos louros e os olhos azues, commendador, os olhos azues das miss! quem os cantará como elles merecem! A impressão que eu tive em presença dessas donzellas da antiga nobreza foi a que teria um pobre civilisado de hoje vendo subitamente

abrir-se o céu pagão e apparecerem todas as deusas, todas as graças n'um zodiaco como aquelle hemicyclo de camarotes do theatro inglez... Que sei eu, commendador... não havia uma mulher feia! Nem uma!

E espetou o dedo com convicção.

—Mas não têm vida, tornou meu tio, cruzando as pernas... São umas estatuas, como disse o doutor... e depois—que andar!

—Engana-se ainda, commendador. Decididamente o senhor precisa sahir do Rio. Londres é a patria das mulheres.. convença-se, commendador—Não ha louras como em Londres.

—Não gosto de louras.

—Ah! então italianas: as morenas de olhos abrazados. Ha bellissimas mulheres em Roma, em Florença, em Veneza... A Zanelli...

Meu tio piscou um olho discretamente; eu, porém, sorpreendi-lhe a

mimica no espelho fronteiro. O doutor calou-se um momento e logo continuou:
Em Roma...

—Cá para mim não ha como a hespanhola... é a mulher que me agrada. Quem é que traz com mais graça a mantilha do que uma andaluza? Quem agita com mais arte um leque e depois... é outra coisa. Cá para mim não ha como a hespanhola, insistiu meu tio.

—Quer saber onde encontrei bellissimos typos femininos? Na Russia. E' exacto... lindas mulheres.

—E as turcas, doutor?

Fez um momo e balançou a cabeça negativamente :

—Não gosta...

Um caixeiro aproximou-se e disse-lhe alguma coisa em segredo. Voltou-se bruscamente e apanhando a bengala :
Com licença... Vou alli á porta ouvir um amigo... Volto já.

— Pois não, doutor.

Levantou-se e partiu com os dedos na aba da cartola, a sorrir.

—Que tal, Anselmo?

—Intelligente, meu tio. .mas parece-me exagerado.

—Mentiroso... Mentiroso é que é... E carrancudo: Ha lá quem acredite na tal historia dos jumentos... Leilão de jumentos no Calvario... Ora bolas!

Mas recahindo em tom brando e resignado: D'ahi quem sabe! do modo por que vão as coisas tudo é possível... E com ar triste e de tédio:

— Que miseria! Até a religião! e enguliu um sôrvo.

Pelo espelho eu seguia todos os movimentos do doutor que falava a um rapazola pallido, de olhos miudos talhados a chineza, bigode fino, uma singular physionomia de mascara de seda com uns toques de imbecilidade. O assumpto devia ser grave, porque de vez em vez a fronte do doutor franzia-se e a

sua cabeça doura pendia para o peito, scismadora e apprehensiva.

O rapazola, com gestinhos femininos, amontoando os dedos, fazendo beijos, dedilhando no ar, pronunciava baixinho, precipitadamente, puxando de quando em vez o doutor para soprar-lhe um segredo ou recuando de braços cruzados, a cabeça á banda, mudo e fito. Por fim o doutor irrompeu com uma bolachinha entre os dedos, exaltado, frenetico, agitando o braço com violencia e furia; os labios tremiam-lhe, os olhos chispavam e o seu bigode fulvo estava arripiado de colera—Encolheu-se e de improviso, atirando a bolachinha á rua, impoz gravemente a mão direita sobre o hombro do interlocutor e meneando a cabeça disse alguma coisa de responsabilidade, porque o outro tomou uma attitude cheia de mysterio para ouvir, mas subitamente descahindo, prorompeu n'uma rinchavelhada estridente

sacudindo-se—O doutor recuou um passo sorrindo e coifiando o bigode que amaciara. Como o pallido estendesse a mão, o doutor disse-lhe alguma coisa em tom intimo, elle esticou-se um pouco e espiou-nos com ar curioso, mas fez uma careta de desgosto calcando o ventre, alongando o beijo. O doutor sacudiu-lhe a mão n'um shakehand, disse-lhe uma phrase que elle acolheu com outra rinchavelhada e partiu.

O doutor voltou immediatamente com um resto de sorriso, e sentando-se disse para meu tio, em confidencia :

—Revolução em Matto-Grosso, commendador.

—Como ! Ainda ? fez meu tio saltando.

—E' exacto, disse-me agora o Lyrio...

—Aquelle rapaz ?...

—Sim, trabalha n'um jornal, é o debulhador dos crimes. Viu um telegramma.

— Isto é o diabo! exclamou meu tio espalmando as mãos nas coxas e derreando o busto.

— Qual, commendador... revoluções inoffensivas. Nós somos um povo bem fadado... todas as nossas revoluções são incruentas.

Somos sufficientemente anemicos e é talvez por isso que nos vamos arranjando a secco. O sangue só escorre no noticiario, a carnificina só existe na local. Nós temos dado ao mundo o exemplo mais perfeito da harmonia dos poderes — as nossas luctas intestinas são uma blague de bom humor para alimento do artigo de fundo.

Toda a nossa evolução social tem sido feita, não á custa de sangue, mas á custa de foguetes... Para dar-se ganho de causa a uma idéa, basta collocar-a sob a protecção de uma banda de musica.— Só ha dois factores de revolução no Brazil — a chirinola e o foguete de lagri-

mas. A semente da arvore genealogica da brava gente, commendador, é D. Quichote...

A sciencia ha de confirmar mais tarde o que lhe digo hoje em palestra : nós descendemos em linha directa do heróe manchego... até na mania das concessões temos o traço indelevel da alma do cavalleiro errante que promettia a Barataria, quando Sancho, desalentado e moido, pedia para voltar á sua tranquillal aldeia... Não creia em revoluções, commendador... são moinhos de vento... moinhos de vento e nada mais.

— Creio bem, creio bem... mas não é pela revolução de Matto-Grosso... Que tenho eu com Matto-Grosto, não me dirá ?

— Nada...

— Nada, certamente... não tenho nada... o que me preoccupa é outra coisa... Não imagina como essas historias fazem mal á praça... Basta o tele-

gramma de uma aldeia qualquer, historia de um caudilho que se poz á frente de um lote de homens, para que o commercio soffra — E escancarando os braços : Senhor, correu um dia destes que iam depôr a intendencia de Maxambomba, pois não lhe digo nada... os titulos cahiram. Eu sei bem que o sangue de Abel, de que falam os jornalistas, é uma figura de rhetorica.

—Simples figura de rhetorica e já estafada e innocua, accrescentou o doutor.

—Mas os papeis soffrem, soffre o commercio, soffre o povo. E indignado. fechando o punho : Que diabo, deem cabo de tudo, rebentem, estourem mas não comprometam o credito do paiz... Isto é que é patriotismo... Agora estar a gente todo o dia a ouvir: revolução aqui— e cahiu para a direita ; revolução alli—e caiu para a esquerda; governador deposto e apontou o tecto... revolta nos quarteis..

fez um gyro-gyro com ambas as mãos fechadas... é horroroso... é uma vergonha...

Uma voz estrugiu em plena sala stentorosa e indignada.

“Vá ao *Paiz*... Vá ao *Paiz*, lá está o boletim...” Era um homemzarrão barbado, intensamente barbado, uma cara terrível de propheta, embrulhado n’uma sobrecasaca enorme, polida de uso, com um grande chapéo molle no alto da cabeça calva, côr de marfim antigo.

O Doutor encolheu-se e murmurou:

—Fujamos commendador, antes que o Braz nos venha falar da podridão moral.

Baixámos as cabeças e meu tio fez um aceno ao caixeiro que nos servira e fomos sahindo surrateiramente para que não nos visse o homem. Já havíamos chegado á porta, quando elle berrou indignado, caminhando para a mesa que havíamos deixado.

—Menino, dá cá cognac !

A' porta, em um grupo, um rapaz moreno, de pince-nez, discutia assomado, aos pinchos para a direita e para a esquerda, avançando e encolhendo os braços n'um recuo athletico, a cabeça enterrada nos hombros ou espichado, nas pontas dos pés, olhando por cima das lentes, com rugidos surdos. Seguindo a bangala pelo meio sacudiu-a e n'um salto de acrobata soltou n'uma voz espremida, descrevendo rapidamente um circulo no soalho.

—E' o zodiaco do amor... é a escala chromatica do affecto mas não se aproximem ! rugiu, encolhido, com os olhos chammejantes... não se aproximem, porque a pomba muitas vezes fere como as aguias bravas... E calmo, calcando sobre a mola do pince-nez : E' um mulherão !



VII

Não sei ao certo quanto tempo nos demorámos abancados junto do grande espelho, ao fundo do Paschoal, bebendo grogs e ouvindo a palavra pittoresca do Dr. Gomes, mas, quando sahimos, a rua tinha outro aspecto—via-se-lhe toda a sordidez do lagedo e, quasi deserta, sem a densa multidão que a cobria quando a deixámos mostrava-se impudicamente a meus olhos esboroadada e suja.

Eram outros os grupos que subiam—homens em mangas de camisas, tisonados, arrastando, com estardalhaço, solidos tamancos; alguns traziam, além da marmitta de lata, pequenos feixes de

lenha miúda. Poucas senhoras e, correndo de um para outro lado sobraçando maços de jornaes, meninos que apregoavam a revolução de Matto Grosso e um assassinato barbaro.

Em uma esquina era tal a profusão de flores que o ar estava suavemente perfumado e a gente passava como por um jardim. Meu tio escolheu tres ramilhetes de violetas e offereceu-nos. O doutor immediatamente cravou a unha na botoeira da sobrecasaca e floriu-se e, enquanto arranjava a malva sobre a lapella, communiquei-lhe a minha impressão:

— Parece-me outra a rua do Ouvidor...

— Exactamente, fez elle; é que ella tem varios aspectos—este é um d'elles, o mais interessante talvez. Caminhamos e o doutor, para falar com mais intimidade, tomou-me o braço... E' a hora dos operarios. As modificações

d'esta rua accusam-se pelos seus typos; são elles, por assim dizer, que formam a sua physionomia e, o que é mais notavel—a cada um dos aspectos corresponde um cheiro especial.

Olhei-o... e elle affirmou: Sim, meu amigo, um cheiro. Talvez não tenha observado que todos os homens como todas as cousas têm o seu aroma caracteristico... pôde-se perfeitamente distinguir as raças pelo cheiro como um conhecedor distingue facilmente, apenas pelo olfacto, um genuino Xerez de uma falsificação... Eu chego a levar a minha mania a ponto de emprestar aroma às coisas abstractas —á côr, ao som, ao sentimento...

O branco é inodoro como a camelia; o vermelho cheira a cravo, o azul é o heliotropo... Ha trechos na *Aïda* de uma tal intensidade suggestiva que ouvindo-os, não só nos remontamos á vida sensual do Egypto pharaonico como

sentimos (note que me refiro aos temperamentos puros, faço excepção do imbecil, que não tem o olfacto esthetico) sentimos um fugitivo aroma de chrysanthemos... Não conheço o chrysanthemo, mas o que senti uma vez onvindo a Borghi cantar *O fresche valli...* devia ser forçosamente o aroma da flor do Oriente. A saudade tem o aroma da violeta, que tanto dura. A innocencia tem o cheiro suave do bogari, que é o lyrio do monte, o crime tem o cheiro da mandragora que amedronta, que atordôa e mata. Mas o povo, insisto, tem o seu cheiro especial — *odor populi* — e a rua do Ouvidor varia de aspecto e de aroma conforme a hora, conforme a gente.

A's quatro da manhã, com as ultimas estrellas, descem por este esophago que vai dar ao estomago do Rio, que é a Praia do Peixe, grandes carroças atulhadas de verduras e de fructas, a lenha,

os ovos, o pão e, algumas vezes, não raras, rebanhos. Uma manhã tive de refugiar-me em um vão de porta para evitar a furia de um garrote que tresmalhara. Passam carrocinhas levando pilhas de jornaes—é o pão da curiosidade que se vai espalhar pelo interior socegado levando á simpleza e á ingenuidade das cidades pacatas a bilis dos articulistas salvadores da Patria. Cheira a curraes e a hortas, a pão quente e a artigos de fundo. A's seis começa a vida do mercado—bandos de cozinheiros passam chalrando, com samburás empanurrados; cestos carregados de viveres, carros de mão cheios de legumes—tudo quanto sacia a fome fluminense, desde o ramo tenro de salsa até o quarto de vacca sangrento que vai bambo, flacido e gottejante, á cabeça dos carregadores. Cheira acremente a matadouro e a salgagem. Mais tarde tresanda a lixo quando começam a asseiar as casas e a

sujar as ruas os grandes carroções da limpeza. A's seis e meia começam os pregões dos jornaes e apparecem as primeiras caras femininas—menagères economicas que vêm ao mercado, costureiras que vão a caminho das officinas e as desgrenhadas e pallidas anemicas que vêm das aguas do mar exhaustas da caminhada, queixando-se das ondas que lhes maceraram o corpo delicado; passam triste, somnolentas e molles, com uma cestinha, os cabellos soltos espalhados por cima de uma toalha que trazem forrando as costas para resguardal-as da friagem perfida d'agua salgada — ha um cheiro estranho de maresia, de sabonete Windsor e de bocejos.

Começa a descer o commercio : caixeiros apressados, em grupos, commentando as bambuxatas da vespera, com grandes ares... O primitivo cheiro vai desaparecendo e espalha-se um appetitoso aroma de acepipes, um almiscar

suave de molhos... A's dez os patrões, pesados do almoço, arrotando, impanzizados e fartos, descem... em seguida os capitalistas e as dyspepsias melancolicas... Vem subindo o cheiro característico, o cheiro "meridies", como já alguém chamou—mixto de fumo, de essencias e de guarda-roupa: sedas novas e camphora.

Ao meio-dia a primeira vaga polychromica desde a elegante impaciente, que vem estreiar um chapéo, até o mendigo que surge lentamente, com um realejo ao peito, gemendo palavras de piedade por elle e pelos filhos, em nome do Senhor.

Começa o rumor e o cheiro mixto vai subindo... As portas ficam entulhadas, vão se formando grupos e o commentario principia até gerar o primeiro boato que corre rapido augmentando sempre, de porta em porta, de circulo em circulo, como outr'ora passavam nos

campos gaulezes, as noticias de guerra, de trigal em trigal, de leira em leira. Das tres ás cinco é a *defilée*—a elegancia, o espirito, o trabalho, o vicio, a miseria— o Rio manda a sua embaixada diurna que passa n'uma promiscuidade fantastica de roda concentrica de lanterna magica baralhando-se, confundindo-se... E' nessa onda que passa lento e cabisbaixo, admirando a lealdade dos sapatos que vão resistindo á marcha sem destino, o bohemio d'essa familia eterna de Gringoire, com a alma cheia de sonhos, os labios borbulhantes de rimas, relembando enternecidamente uns olhos azues que o fitaram na vespera casta e santamente, mas estacando de subito para reflectir na miseravel condição da materia que não vive, como o espirito, da contemplação do ideal mas sordidamente, gulosamente — do bife. A's cinco essa onda vai desaparecendo.

—E o cheiro característico, doutor? interrompi curioso.

—O cheiro... sim—alguma cousa que se pode imaginar entre estes dois pólos —Guerlain e a Sapucaya.

Só ás cinco, dizia eu, essa onda vai desaparecendo para dar passagem ao operario que vem dos arsenaes e das fabricas... tresanda a suor e a resina...

—A resina... porque?

—Francamente, não sei... E começou a farejar... Experimente, ha ainda um cheiro leve... Não sente?

Não quiz entristecel-o, disse que sentia.

—Elle então, continuando : Demais, a hora é das flores... ao crepusculo a rua do Ouvidor perfuma-se... toda a gente cheira bem...

A' noite é insípida... cheira á comida como uma casa de pasto... á meia-noite cheira á poeira e ás cinco recommença...

Chegamos ao fim da rua—escurecia. O céu, de um doce azul fino e nitido como o das porcelanas tinha algumas estrellas; rodavam carros e um pelotão de soldados marchava pesadamente ao toque de uma corneta fanha. Voltámo-nos—em baixo, ao fim da rua, apparecia uma nesga de céu abrazado como em chammas—uma bocca de forja.

—Lindo crepusculo!

E ficamos um momento contemplando. De repente o doutor sacudiu-me:

—E o commendador?...

—E' verdade... meu tio...

Rindo ambos e de braço como antigos camaradas subimos a rua a grandes passos. Uma harpa gemia ao fundo de um café sombrio...

—O café e a musica, as duas forças vitaes deste paiz—disse o doutor com ironia... E curvámo-nos para marchár á cata de meu tio.

Em menos de cinco minutos de

marcha esbaforida chegámos ao Largo. A estatua do patriota, á luz mortiça do crepusculo, resplandecia com uns tons vivos de ouro polido.

Havia um ajuntamento em volta de uma bandeirola vermelha; approximámo-nos—Um homem barbado, de blusa, com uma casquete de lontra, apregoava panacéas exaltando as excellencias de um sabonete maravilhoso contra nodoas, e tomando em dois dedos um pacotinho berrava: que até as manchas da reputação desappareciam com algumas fricções do invento mais notavel do seculo.

Grave e religiosamente souo na alta torre o primeiro dobre vesperal da Ave Maria. Algumas cabeças descobriram-se e o homem abaixou a voz. Houve um doce silencio mystico, rapido como um voto d'alma em desespero e casto como uma oração. Pequenos, de mãos ás costas, pernas abertas, levantavam os olhos para a torre onde o grande sino

emborcava lentamente, de espaço a espaço, soturno. De longe, na aragem da tarde, vinham toques militares, finos, estridentes, com uma vaga saudade, fazendo pensar em acampamentos guerreiros, á hora santa do baixar da noite, congregando para a reza todos os regimentos exhaustos das batalhas. O Dr., que sahira do grupo limpando o rosto, falou-me :

—Não sei se deva attribuir ao meu temperamento ou se a um resto de crença que guardo na alma, esse estranho sentimento de religião que em mim despertam os sinos. Não ouço sem commoção o toque da tarde—Parece-me sempre que é uma voz antiga que vem do fim dos seculos através dos espaços evangelisar na terra. A igreja quiz conservar o diapasão da palavra tremenda dos prophetas e creou o sino, que é ao mesmo tempo meigo e terrível, consolador e implacavel. Agora, por exemplo, nesta

meiga tranquilidade, este sino a soar não é bem uma oração do templo pela humanidade, em doces threnos sonoros que vão ondulando, ondulando, de lar em lar, de nuvem em nuvem a todas as almas e a Deus...? Não é uma doce elegia sobre a morte da luz? A mim, e desconto todo o meu romantismo, parece sempre que as estrellas esperam a voz da atalaia santa para sahir...

Ha muezzin em minarete que valha um sino em campanario?

Deixe lá falar, a nossa religião é divinamente poetica, divinamente humana, porque é a que mais fala ao coração... O *Dies iræ*... ah! O *Dies iræ*... o dobre a finados... o *tocsin* de alvoroço, o rebate em tempo de calamidade... é divino sinceramente, é divino!.. Para as bocas de pedra das cathedraes só mesmo essas poderosas linguas de bronze.

Outro dobre cahiu e o echo foi rolando demoradamente.

—Conhece o *La bás* de Huysmans!

—Não, doutor.

—Deve ler. E' um livro interessantissimo. Livro de nevrotico, obra de enfermo, mas de excelente factura, arte magnifica. Ha lá umas doutrinas admiraveis sobre o sino, pregadas em um cubiculo, no alto da torre de Saint-Sulpice, pelo sineiro Carhaix, um catholico intelligente, profundamente versado em doutrinario antigo, de uma erudição de velharias que pasma. Esse homem obscuro reserva em um canto da sua lura volumes preciosos sobre a arte difficilima de tanger os sinos: "De Tintinabulis" "Essai sur le symbolisme de la cloche" e prova irrefutavelmente que é necessario, não sómente um perfeito conhecimento da arte, como muita alma para que se consiga tirar do metal sons symbolicos, se assim ousou exprimir-me:— para as ceremonias gloriosas do rito, para as duas horas extremas da luz,

para o gloria meridiano, para os que nascem, para os que morrem — porque infelizmente o sentimento artistico vai desaparecendo — a democracia reduziu tudo a comesinho, a vulgar. Não ha muito, ouvimos no fundo de um café uma triste harpa gemendo sambas — Creia que me faz pena, são como pedaços de puro classicismo espesinhados pela multidão ignara. A harpa que David tangia ! a harpa que foi o kinnor levitico ; a harpa que vem embalando por essas idades remotas os sentimentos e as paixões, desde a ira de Saul até ás tristezas de Ossian, é isto hoje : um chamariz de bodega que os dedos grossos de um maltrapilho ferem, não docemente, não enamoradamente, com os olhos no céu como Wolfram, mas abjecta e indignamente com um pires ao lado pensando na colheita e indifferente á corda que estala, ao compasso que se precipita !

Dá-se o mesmo com os sinos. Não ha mais sineiros... isso foi para o tempo das cathedraes, quando o *Dies iræ* era cantado por populações de crentes. Isso foi para o tempo em que se ia á Roma pedir misericordia cantando por todo o caminho louvores ao Deus Vivo, acordando aldeias ao som dos gloriosos choraes sanctissimos. Isso foi bom para o tempo em que se acreditava em Deus; hoje não... não ha mais nada — a civilisação vai estabelecendo mecanismo para tudo e a philosophia abafa com uma analyse o que era mysterio, pondo um principio onde havia um dogma, pondo a razão a patrulhar o sentimento para que não aconteça perder-se de novo a humanidade em extases. Para que sineiros, se nós temos o carrilhão que é o piano das torres?... Hoje os poucos sineiros que restam são bimbalhadores, moleques apanhados no meio da rua e inçados ao campanario por cinco tostões

para soar a aria pastoral de reunir ovelhas. Ahi tem o amigo o que nos resta... Eu ainda hei de ver o orgão em sarãos, e é justo, porque as bandas militares já invadiram os córos ecclesiasticos... Não temos mais nada, mais nada. A civilização vai extinguindo tudo. Espero ler ainda nos jornaes que um sujeito qualquer pediu privilegio para illuminar as igrejas a luz electrica ou para fazer santos mecanicos: um Christo que diga do alto da cruz, deixando pender a cabeça meiga: *Consummatum est!* e em verdade estará tudo consummado.

Estacou e olhando em frente disse sorrindo :

— Olhe, ahi vem o commendador...

Era meu tio com effeito que vinha dando com os braços e a sacudir a cabeça.

— Onde se metteram ?

— Na rua do Ouvidor, commendador, á sua procura.

— A' minha procura !... E' boa !

— A' sua procura, meu tio, affirmei.

— Então foi de tanto procurar que não nos achámos. E, sem mais dizer, toi impellindo o doutor para a victoria :

— Vamos, vamos ..

— Mas, commendador...

— Perdão... Hoje temos que conversar.

Entrámos. Sentei-me n'um banquinho baixo, em frente aos dois.

Edgar fez estalar o chicote e partimos.

Começavam a accender os lampeões das ruas.

VIII

—O mundo é dos epicuristas! disse o doutor, ao fim do jantar, trincando uma amendoa para melhor saborear o kirsch. A vida psychologica tem a sua preocupação: o ideal; a vida physiologica tem a sua avidez: a fome. O ideal é a ancia pelo absoluto—é uma fome insaciavel, por isso os gastronomos são mais felizes do que os poetas.

Meu tio, affectando conhecimentos, deu com a cabeça, meio toldada, em signal de affirmação.

— Eu comprehendo a sumptuosa antiguidade com os seus banquetes collossaes em que eram servidas rezes

inteiras, e grandes javalis com os colmilhos vinham ornar o centro da mesa illuminada a candelabros de ouro. Esses homens que nós outros, em assomos pueris de vaidade, chamamos barbaros, conheciam e praticavam com mais requinte a sciencia delicada do gozo fino. Nós hoje comemos para manter em equilibrio as funcções da vida, raramente sentimos prazer, tratamos de encher o vacuo materialmente, azafamadamente. As nossas refeições não têm solemnidade, não têm apparatus, são feitas, como todos os outros actos da vida material, com tédio, com tristeza, funebrementemente.

Ah! os magnificos ancestraes! Para elles era a mesa um altar onde se celebrava com dignidade e volupia o rito do estomago.

Comprehendo o orgulho de Lucullo e as extravagancias excentricas de Apicius mandando apparelhar um navio para buscar ostras nas costas africanas.

O triclinio era o aediculo do supremo gosto, o tabernaculo do regalo.., A civilisação rudimentar desses tempos era dictada pela esthetica exclusivamente, a propria politica, sempre avessa aos retoques esmerilhados da Arte, tinha a sua feição *sympathica*, tinha o seu ceremonial, exigindo para a sua primeira ala de representação — a velhice sensorial e grave dos senadores tão augustos na magestade impassivel da ancianidade, tão veneraveis na hieratica e silenciosa attitude de pais da patria que os barbaros da Gallia recuaram atemorizados, vendo-os immoveis e alvadios, sentados nas curúes do Capitolio.

A cozinha tinha a sua esthetica especial. O cozinheiro romano era um artista... Para merecer os applausos de um patricio não era bastante saber temperar o mólho ou córar o peixe, era necessario conhecer o segredo de manter, para que não se evolasse, o perfume da

vianda ou do pescado e mais ainda, commendador, era indispensavel saber vestir os pratos. Todas as peças tinham a sua toilette caracteristica, variando de tempos a tempos, conforme os caprichos da moda ou a imaginação do chefe das cozinhas. Uma ave exotica trazida, entre os despojos de uma conquista, de remotas paragens da Asia, era servida com a propria plumagem para que antes da satisfação do paladar a vista se regalasse; um cabrito montez vinha do forno entre folhagens frescas e verdeoengas; havia pratos perfumados, outros que primavam pelo luxo maravilhoso e vario da verdura ornamental... Entre nós esse luxo, conservado por alguns retrogradados, não vai além das espetadas de rosas e de limões no costado dos bacoros de forno, as azeitonas que vão morar nas orbitas vasias e o classico ovo cozido cravado na dentuça. E' verdade que os francezes pretendem

resuscitar esse fausto elegante, mas como commendador? montando *gateaux* de gelatina diaphana, refolhando massas, facetando tortas de foie gras... mas isso é infimo...

Sabe, meu amigo, tenho uma nostalgia estranha — a nostalgia do passado. Quanto eu daria para ser commensal de um chefe barbaro, mesmo um bruto, como o huno quẽ andou a murchar a herva dos campos com as patas do seu cavallo da steppe...! Ah! commendador, quanto eu daria para estar no acampamento, depois da batalha, á hora do rancho, para ver cahirem ao peso das clavas, ainda molhadas de sangue inimigo, as rezes pacientes que vinham acompanhando o exercito; e com que delirio eu cercaria as fogueiras colossaes em que ellas fossem lançadas... Quanto eu daria, commendador! Trinchar um boi! Cravar-lhe no ventre uma faca, grande como uma espada de guerra e

comer dentro do concavo de um escudo !...

Estou enfarado da mesquinharia subtil do vol-au-vent... Um bom pedaço de carne sangrenta a rechinar na ponta de uma lança, hein, commendador ?

—Não temos estomago para essas coisas, doutor.

— Isto sei eu. A humanidade vai degenerando miseravelmente. Não é sómente á mesa que ella confessa o seu abastardamento — é em tudo. Veja a Arte de hoje... quem ha por ahi que ouse tentar um poema épico ? Ninguem ! A poesia moderna é effeminada e languida—vai pelas minuciosidades porque lhe falta a suprema força victoriosa dos antigos vates, que punham n'um canto de epopéa exercitos de homens e legiões de deuses, todo o furor ardido das pelegas e toda a sensualidade ; os troantes armistrondos das catapultas e as doces palavras meigas dos namorados.—Vêde

a Illyada — por um lado é Ajax, impetuoso devastando as phalanges de Priamo, por outro lado Tersyto a rir e a intrigar enquanto Patroclo, no fundo da tenda real do seu senhor, brune as armas cantando versos doces de amor e de longe, atravez do rumor mavortico da lucta, chegam lancinamente os gritos propheticos de Cassandra — e os deuses, debruçados no Olympto, transformado em balcão, acompanhando a lucta estu-penda dos homens... Isto é poesia... Hoje a preocupação do poeta é o rythmo, a sonoridade... São os disci-pulos de Apelles, commendador, são os discipulos de Apelles... fazem-n'a rica por absoluta impossibilidade de a faze-rem bella... Os grandes deslocaram a montanha e a geração de hoje, anemica e enfezada, anda a respigar destroços para brunir bibelots, que ao mais leve contacto quebram-se e desaparecem... Commendador, nós os homens de hoje,

polidos por dezenove seculos de civilisação, não valem os errantes que sahiram dos vales acceitosos da India cantando ao sol, pelas margens das aguas claras, os doces versos mysticos dos aryas.

Virou o resto do licor que havia no calice e continuou no silencio attencioso :

— A' nossa litteratura falta o character de originalidade. Não é propriamente uma litteratura nacional, porque, por infelicidade, ninguem se preocupa com a terra. Os olhos dos nossos poetas vêm as constellações de outros céos, as aguas de outros rios, a verdura de outras selvas. Quando trazem para o descante uma mulher, de preferencia rustica, porque a Poesia, por um resto de bucolismo, só comprehende o amor fiel na deveza campestre, veste-a á moda da aldeia européa, como uma pastora da Alsacia, como uma montezina dos

Alpes, porque a Musa indigena não se atreve a apresentar na estrophe a sertaneja patricia, mais linda do que a Amaryllida das eglogas de Virgilio, mais casta, se é possivel, do que Miranda ou do que Agnès. Se é um homem, desce das montanhas frias da Suissa tocando a frauta lyrica dos companheiros de Winkelried. A paizagem é toda inverosimil, as aves que nella desferem são todas exoticas e muitas vezes até encontra-se no fundo de um parque, á luz da lua de maio, o rouxinol que canta e o cormoran que sonha... o cormoran... ora, francamente !

A causa d'essa abherração não é a ausencia do ideal plastico, porque ali temos a nossa natureza sempre nova e cheia de imprevistos ; não é tambem a ausencia do ideal poetico, porque, a meu ver, não ha paizagem mais suggestiva do que a nossa, cheia ainda do rumor da vida priméva, selvas, valles e montes,

onde a lenda põe um mysterio em cada talisca, uma cyara em cada regato, uma balada em todas as corollas, uma pastoral em todos os valles, um idylio de amor em toda gruta, ardencia nos corações e inspiração nas almas. — A causa é outra — é a difficuldade, porque é incomparavelmente mais difficil descrever a verdade do que colorir fantasias e sobretudo porque o nosso genio artistico é um producto immigrante — trabalha em nosso espirito como o colono labora nos eitos e podemos dizer que as messes do sólo e da intelligencia n'esta terra pauperrima são devidas ao elemento adventicio. Basta uma simples analyse da vida litteraria.

Veja o commendador—somos ainda um povo em formação, começamos a encarar a vida, e na idade em que a Grecia foi lyrica, na idade juvenil em que todos os homens trataram de compôr poemas de religião e de esperança para

abrigo da alma, nós desesperamos, somos pessimistas... Por convicção? por soffrimento? absolutamente não, por imitação apenas. Praguejamos no berço e pedimos a morte, o Nirvana—Começamos a ler pelo poema de Job.

Mostrai-me o periodo romantico, que é, por assim dizer, a adolescencia da Arte, na sua segunda phase, depois do renascimento? não tivemos. Saltámos para o naturalismo, que é a analyse, a rabugice caduca da litteratura e já vamos caminhando para a cachexia do decadismo, arrastados inconscientemente, pelo habito inveterado da irresponsabilidade. Vamos no tropel dos allucinados escabujar na *charogne*, profanar tumulos para evocar procissões macabras, depravando o coração, depravando a benção. Peladan institue o erotismo, os eroticos emergem. Huysmanns entra pela Idade-Média folheando as chronicas poentas dos archivos, apparecem aqui

os satanicos; o mahatma apregôa as excellencias do budhismo, toda gente é budhista, como foi hypnotista na phase mais irritante das experiencias de Charcot, como foi cumberlandista quando aqui esteve Pedro Vals.

Somos um povo incaracteristico; defeito de origem — não tivemos luctas, não conseguimos formar um periodo historico, habituámo-nos a receber o que nos davam, d'ahi a passividade desidiosa do nosso temperamento. Nossa alma varia de instante a instante, é por isso que somos tão faceis de adaptação.

Forçaram o nosso altar, deixaram-nos sem crença e sem Deus, aluíram todo o passado meigo das tradições christãs, que foram o conforto dos nossos paes e o incentivo que nos trouxe pelo caminho da Moral — abateram a cruz e mostraram á Virgem a Via Dolorosa para que ella partisse, e que fizemos nós, os christãos? assistimos impas-

siveis á hegira, vimos sahir dos altares os santos venerados pelas nossas mães e sorrimos. Chamam a isso evolução... é possível — eu chamo indiferença. E é assim em tudo. Em politica dizem que somos um povo exemplar, porque fazemos as nossas revoluções sem sangue... Ora, commendador... francamente, isto chega a ser ridiculo !

— Mas é a verdade, doutor...

— Uma triste verdade. Para mim a politica do brasileiro não vai além da urna. Deem-lhe todas as fórmulas de governo com a urna e elle estará contente. E essa dedicação ao vaso do suffragio, só comparavel a dos hebreus pela arca, não significa a confiança que o povo deposita no voto, porque toda a gente sabe que o voto, entre nós, é uma palavra. Mas a eleição é um a tradição de motim, por isso é que ella perdura ; tanto é verdade, que tenho certeza de que o Brazil politico cessará

de existir no dia em que morrer o ultimo cabalista.

Outro facto ainda que attesta eloquentemente a nossa tendencia imitativa — é a mania que temos da applicação de meios administrativos, economicos e mesmo politicos usados em casos normaes em outros paizes de condições bem differentes das nossas, de systema de organização diverso, á anomalia da situação que atravessamos.

E' querer curar uma febre eruptiva com um sedativo que fez cessar a cephalgia do vizinho. Ridiculo, commendador, ridiculo e triste. E vertendo mais algumas gottas de kirsch:

— Que me diz o senhor da moda? a moda, por exemplo, esse supplicio imposto á mulher brasileira pela elegancia parisiense?

— Eu acho divina a moda... Gosto immenso da variedade, affirmou meu tio.

— Também eu... Mas refiro-me aos disparates da mania vestiosa... Quando o inverno inteiriça Paris, nós aqui, nesta fornalha dos tropicos, desfazemo-nos em suor, estalamos, e as nossas mulheres, que se vestem pelos moldes da *Saison* e do *Coquet*, embrulham-se em pelles, revestem-se de *fourrures*, trazem pesadas cachemiras e capas, com que um groenlandez zombaria do mais duro inverno, na sua toca de neve... E nós outros apertamo-nos em cheviots felpudos, torrados, suando, simplesmente porque seria ridiculo para a senhora apresentar-se na calçada da rua do Ouvidor com uma toilette clara, de um panno fresco e leve e um simples chapéo de palha cercado de flores e nós.. seríamos corridos a apupo se ousassemos affrontar o povo com um terno de linho e um chapéo panamá... Ha de convir, commendador, é ridiculo... é soberanamente ridiculo!

Gravemente, com a repercussão profunda de um sino longinquo, o veneravel relógio interrompeu a facundia do doutor soando nove horas.

— Nove horas! exclamou elle sacando do bolso o seu chronometro. Perdô-me, commendador, mas não acredito nas palavras da pendula domestica, e baixou os olhos para consultar: E' estranho! dois relógios de accôrdo: nove horas justas! E, pondo-se de pé, a passar as mãos pelas pernas para alisar as calças: Vou deixal-os, disse.

— Ainda é cedo, doutor. Vamos tomar um punch de champagne.

— Oh! Acha então que tenho bebido pouco?

Mas meu tio já havia acenado ao creado indicando um vaso bojudo, de crystal ceruleo, a cratera, como lhe chamara o doutor, descobrindo-o entre os pesados jarrões da China, carregados de rosas.

— Dê treguas ao theatro por uma noite, doutor.

— Treguas ! Mas eu não faço outra coisa. Ha mais de quatro mezes que não ponho os pés em theatro. Desde que d'aqui partiu a companhia lyrica, a não ser um ou outro concerto, uma ou outra soirée, passo as noites a ler ou a jogar o pocker. Oh ! o theatro ! exclamou com um risinho, passeiando ao longo da sala.

— Não gosta ? indaguei.

— Adoro ! mas o theatro, meu amigo, o theatro... não isto que por aqui ha com esse nome. Porque afinal, penso eu, a Arte não é a chufa banal que faz estourar a braguilha, nem a nudez de maillots que aguça o appetite erotico. O fim da Arte é mais nobre do que o da chalaça. Não foi com auxilio de rondós obscenos que Sophocles foi coroado vinte e tantas vezes. Shakspeare não teve necessidade de sumptuosas scenographias para

vencer em Blackfriars — a lua era feita por um homem que atravessava a scena com uma lanterna. Molière não mantinha a seu serviço córos femininos convenientemente cevados para embasbacar a volupia. Ah! meu amigo, as mulheres que iam ouvir Eschylo abortariam de novo visitando os nossos theatros... mas abortariam de tanto rir, as pobres mulheres, de tanto rir!

E sentando-se: Sinceramente, vale a pena emparedar-se um homem entre dois desconhecidos em uma platéa asphyxiante para ouvir cantarolas e admirar meneios sensuaes de alméas sarapintadas? Vale a pena deixar-se o canto do gabinete e a companhia de um bom livro para ir ouvir as imprecações de um fidalgo furibundo, que vem á scena, com uma grande capa, alongando as pernas, evocar os manes dos avós e reconhecer um filho? Em geral esse homem que durante cinco longos actos

estropêa inimigos é de tão perverso instincto que nem a syntaxe consegue, na maioria das vezes, escapar á sua furia.

Que é que nos offerecem os theatros? o vaudeville que nos vem trazer, desnaturado pela traducção, o espirito de Paris e o dramalhão pretencioso e bufo, onde ha invariavelmente a lucta das paixões — o filho reconhecido ou... outro disparate qualquer. De Arte nacional, que temos? absolutamente nada...

—De quem a culpa? dos poetas, doutor... dos poetas que não trabalham.

—Perdão; nem dos poetas nem dos empregarios, commendador — a culpa é da Fatalidade, falo agora como Seneca, disse a rir, a culpa é da Fatalidade. Nisard, se bem me lembro, diz que Roma não teve drama porque não teve povo, o verdadeiro povo, porque o drama é a obra litteraria mais indigena e mais original de um paiz—não póde ser feita

sem o concurso directo da massa popular, porque é ella que a consagra no theatro. E para que exista o drama, commendador, é necessario que existam factos, que haja uma historia, subsidio que infelizmente não possuímos.

Demais o nosso povo, na sua collectiva densidade é uma massa heterogenea, na qual o elemento adventicio faz desaparecer o elemento autochtone, absorvendo-o como uma cellula mais forte absorve a mais fraca. Somos victimas de uma conquista organica — talvez não me exprima bem, mas a phrase parece-me exacta e perfeita. Os factores que nos parecem revigorar debilitam-nos, tirando-nos toda autonomia e repellindo-nos lentamente... somos nós os estrangeiros na patria. Essa massa forasteira é que impõe o theatro, é que concorre ás casas de spectaculo para rever os seus costumes, para recordar trechos das suas primitivas glorias.

Vêde os dramas — ou são portuguezes, para o elemento que é, por assim dizer, a grande força activa do paiz, ou traduzidos do francez e agradam pela universalidade do assumpto, porque são as paixões modernas, que existem em toda a parte, ou as operetas, que são a nota viva e saltitante, que acarretam a nudez, o saracoteio, a bambuxata e accendem a sensualidade... do Brazil nada. As poucas tentativas fallecem, porque quem as podia levantar esquece-as e a razão é simples, commendador, é que n'estes dramas, não ha um fundo que impressione a collectividade: o povo, que é a patria na sua mais completa manifestação. E' que o drama no Brazil não é fundado em uma these nacional, em um caso historico d'esses que exprimem uma gloria commum e que são a recordação de um momento ou de um facto. Não temos um heroe que encha com o seu prestigio todo o cordo de uma tragedia.

E d'onde viemos nós? que epopéas demarcam a nossa victoria inicial? que altares relembram a religião primitiva? em que meandro ficam os tumulos dos que luctaram pela nossa liberdade e pela nossa crença? ha algum campo semeado de ossos de bravos que tivessem sahido em defesa da patria? não ha nada... não conhecemos a nossa origem, somos um povo do acaso com tres periodos de servidão — a servidão de colonia, a servidão do eito e a servidão do espirito.

Só póde ter theatro um povo livre... Como havemos de rir se somos por temperamento tristes e melancolicos? E nem chorar podemos... Os antigos choravam pelos seus heroes, eram lagrimas que recordavam glorias épicas; e nós havemos de chorar! porque?... de que?... de vergonha? mas para isso ainda é preciso que appareça um audaz que escreva o drama dos pusillanimes.

Não ha assumpto, commendador, não póde haver poetas. Ha um povo promiscuo, é para esse povo que os empresarios trabalham, porque o brasileiro, como o romano da decadencia, contenta-se com os ursos sabios e com os saltimbancos...

O creado, que chegava com a cratera, poz remate á imprecação patriotica do doutor, e meu tio, servindo uma taça, passou-a delicadamente :

— Parece estar divino, doutor...

Tocámos as taças e sorvemos demoradamente o punch, que, em verdade, estava delicioso, porque o creado, perito em segredos de buvette, perfumara o champagne com alguma coisa que res-cendia como a baunilha. Por fim, pou-sando a taça, interrompi o silencio com uma objecção subtil, não tanto para re-futar os conselhos do doutor, como prin-cipalmente para arrancal-o á mudez em que se reservara, bamboleando a perna,

a tamborilar com os dedos no bojo da cratera.

— Doutor, se, como affirma, a causa da miseria litteraria em que jazemos vem da ausencia absoluta de factos, da esterilidade historica, somos um povo fadado ao silencio e á immobildade — nem Arte escripta, nem Arte cinzelada. Jámais teremos a consolação suprema de rasgar um horizonte para que nelle possa refulgir um vulto de marmore ou para que nelle fique, eterna como a Illiada, a constellação de um poema patrio.

— E' um engano. Isso que o meu amigo préga é o desalento, doutrina do desespero, propria das raças nullas. Nós somos um povo que começa, não temos um só periodo, um só estadio ainda, mas isso não quer dizer que sejamos um povo morto. Ainda não começamos a viver esta é a verdade, ainda não começamos a viver. Temos elemento para vir a ser um povo artistico como foram

os gregos : o meio, o caracter, o sentimento e até a providencia dos mares que nos distanciam do resto do mundo, isolando-nos no equador como para nos obrigar a agir exclusivamente por influxo directo da zona que crea ao mesmo tempo a temperatura physica e a temperatura morai.

O brasileiro não é um povo rudimentar sob o ponto de vista psychologico, não é, e permitta-me que faça aqui, muito á puridade, a minha profissão de fé. Tenho uma extravagante doutrina sobre a psychologia, já me tem valido apupos, é verdade. Retrahi-me e hoje apenas deixo presentir alguma coisa, assim em intimidade como estamos, porque não quero que vejam mais em minhas palavras pretenções a dogmas — São ligeiras idéas que desaparecem com a palestra...

— Fale, doutor! Pedi com interesse.

— Ah! meu caro, sou um “solitário”. Vai achar ridiculas as minhas palavras... Em todo caso...

Tomou uma attitude severa e falou.

— Creio profunda e convencidamente nas phases de dynamisação psychica — a alma é um fluido perenne e inmortal, activo e autonomo, que circula mysteriosamente pousando de corpo em corpo, como a abelha circula, pousando de flor em flor. Como uma suga o mel das flores a outra absorve o mel da intelligencia, que é um producto complexo de funcções do cerebro isolado: a imaginação ; cerebro-cardiacas: o sentimento; do instincto:—a avidez ; e da vontade:— a ambição, que é a tenacidade do desejo. Essas funcções só se manifestam na materia com o contacto da Alma, como as forças magneticas apenas se desenvolvem com a incidencia dos dois polos extremos. De longe em longe, colhendo em differentes vidas qualidades de um

e qualidades de outro, a Alma encerra-se em um ser, immensamente farta, immensamente cheia, produzindo os genios, que são como grandes colmeias que reúnem em si toda a essencia de multiplas variedades, o todo o mel colhido através de multiplas e variadas metempsychoses. E' uma doutrina de louco, decididamente, e eu sou o primeiro a convir nisso; mas actualmente todas as doutrinas têm um fundo de loucura, não é muito que surja uma inteira e completamente louca.

Mas creia o amigo que é desse modo que me explico quando considero o apparecimento dos homens cyclicos— Homero, que é a synthese de todo o drama épico desde o periodo pelasgico; Hesiodo, que é o mytho, a theogonia; Eschylo e Sophocles, que são a tragedia; Dante, que é o astro neutro posto no céo sombrio da Idade-Média terrivel e tragico como Saturno alumiando entre-

tanto a manhã triumphal do renascimento; Shakespeare, que é o ponto de encontro das paixões humanas. Homens collectivos que apparecem em uma éra determinada quando ha um espirito perfeito. Commendador, o futuro não contará a idade do homem pela data do seu nascimento mas pelo numero de éras que tiver atravessado o espirito que o escolher e a lenda de Mathusalem será ridicula, porque haverá homens dez, vinte vezes millenares. Não é hoje uma verdade scientifica o atavismo?

A humanidade é uma redundancia —evolução é um synonymo de substituição— não ha progresso, ha aperfeiçoamento.

O povo tem uma expressão que define admiravelmente o principio cerebrino da minha psychologia: “As crianças de hoje nascem velhas.” E’ uma verdade — a vida repete-se. Demais, sendo a Alma uma essencia perfeita,

virgem, original e fecunda e sendo ella a força concorrente para a vida do ser, era justo que nós outros fossemos produzindo constantemente idéas novas, novos principlos, entretanto ahi está de longo tempo o aphorismo do Ecclesiastes como uma verdade: "*Nil novum sub sole.*" Razão formidavel em favor da minha escola exclusiva — não póde produzir actos novos o que é da natureza antiga: repete, varia ampliando ou aperfeiçoando. Sendo *uma* a causa os effeitos serão invariavelmente os mesmos, mais ou menos aperfeiçoados pela combinação dualista: materia e espirito, impulso e meditação, acção e reacção.

— O doutor é spirita? indagou meu tio com um leve tremor na voz.

— Não, commendador... Spirita, eu! Sorriu com desdem, tomou um charuto da caixa, accendeu-o e continuou reclinado, com as pernas estendidas:

— Mas, dizia eu, o brasileiro não é um povo rudimentar... Sem recorrer ás idéas expostas tenho uma observação que, posto não seja muito original, presta-se magnificamente. A nostalgia, que é o avesso da esperança, é a saudade na sua expressão mais nobre, porque é a saudade do absoluto, quasi que posso dizer assim, saudade da terra, do céu, dos rios, da selva, do homem, do ar, do rumor, de tudo que se amou, de tudo que se viu e sentiu além. Ora, commendador, para que exista a nostalgia, que é um effeito, é necessario que tenha existido uma causa.

— Forçosamente, corroborou meu tio.

— E qual é ella? Entretanto o brasileiro é nostalgico... Nostalgico de que? porque? pergunto eu. Que vida no Aquem conheceu elle para que tenha saudades tão intensa? que outros astros o alumiam? que outros rios e

selvas conheceu senão os do seu paiz? Meu tio deu de hombros. E o doutor, n'um impeto pondo-se de pé como inspirado, disse:

— Commendador, a meu ver, Colombo conhecia a America antes de a ter visto—conhecia-a inconscientemente, porque nella vivera a Alma que o animava. A fé celebrada que elle tinha nos mares immensos era certeza; e essa doce melancolia que o acabrunhava quando avistava o oceano, pôde ser que fosse um resultado de desanimo, porque era forçado a sopitar a sua paixão aventureira, mas no fundo, penso eu, era nostalgia da terra que era Ideal para a sua imaginação, que era verdade para a sua Alma.

Meu tio escutava boquiaberto, com ligeiros fremitos, como se o doutor lhe estivesse revelando coisas de um mysterio absconso; arfava cansado, como se as phrases que jorravam copiosa-

mente, n'um catadupejar sonoro dos labios fecundos desse erudito moço não lhe dessem tempo para respirar. A cabeça approvava machinalmente e os olhos, que traduziam o profundo abalo de crenças e de convicções, abriam-se, cerravam-se, parecendo, ás vezes, querer saltar das orbitas onde rolavam arregaladamente, desatinados e aturdidos.

— Realmente, doutor, disse cabeceando com enthusiasmo, realmente... e tomou a taça de punch engulindo gulosamente um sorvo. A sua philosophia, deixe lá, tem alguma coisa que me parece verdade. Commigo tem-se dado o facto que citou. Ha occasiões em que parece que me recordo de uma outra existencia...

— E ha de ter reconstituido pequenos episodios, commendador...

— Pois não... Pois não...

— E os casos de sympathia e de antipathia? bem querer a alguém que se

vê pela primeira vez, detestar uma creatura que se encontra, ao acaso da travessia e que nos vem receber affavel e meigamente, toda bondade e blandicias... Que é isso senão uma prova evidente e cabal de que houve relações entre os espiritos encerrados em nosso corpo e no corpo da pessoa que se nos depara — relações de amor e de amizade, de despeito ou de odio, no impenetravel e nebuloso Aquem? Causas estranhas, phenomenos do incognoscivel... Mas deixemos divagações que não têm fundamento senão em conjecturas. O Mystério seduz, mas o Mystério é a Sphyngé. Deixemos o caminho de Thebas, deixemos o enigma, vamos pelo terreno firme. E tocando-me delicadamente no hombro: Voltemos ao nosso thema. Dizia eu que temos elementos para vir a ser um povo artista como os gregos. E' uma verdade posto que desmentida diariamente pela improductividade e pela inercia esteril...

mas quer saber porque? porque não temos educação de ordem alguma. Physicamente somos um povo hybridó, sem raça discriminada, sem antecedentes firmes; nascemos da amalgama, somos os epigonos de Babel. Essa miseria de origem reflecte-se no organismo. Dizem que o brasileiro é preguiçoso, languido e contemplativo. Ha quem lance esses vícios congenitos á conta do clima, é verdade em parte, mas esquecem inteiramente a etiologia — que é a origem. O sangue que circula em nossas veias é uma mistura heterogenea de globulos que se destroem reciprocamente para que um sobrepuje e vença: o globulo africano dá-nos o banzo; o que herdámos dos navegadores dá-nos a actividade, a tenacidade arguta e trefega de investigação e o egoismo que é um euphemismo de avareza; e, finalmente, o globulo virginal do sangue indigena. — Em uns vence a saudade — é a vida

do coração, são os sentimentaes; em outros supera o germen europeu e são os activos: homens de sciencia e de commercio, bem raros, infelizmente; nos ultimos a força indigena prevalece e são os bravos e os sonhadores. Ha entretanto os casos excepcionaes da fusão— a lucta constante dos tres globulos: são os desorientados, homens indecisos, dubios, de existencia incerta, de vontade vária, sem idéa firme, sem iniciativa. Sobram-nos, por desgraça, esses casos de excepção—a maioria do nosso povo é constituída de anomalias.. Além disso o clima torrido amollece, entibia, tornando o povo languido e nostalgico. Ha entretanto un meio de combater essa teratologia organica—é a educação. Educação physica, o sabio artificio de que lança mão a humanidade para aperfeiçoar a obra natural, enrijando os musculos, reforçando os ossos e concorrendo para vitalisar a intelligencia, garantindo

a saúde e o bom humor. Educação moral, que é a confortável armadura do espirito que o premune e defende contra as ciladas constantes da vida de sociedade, porquanto fornece ao homem os conhecimentos práticos do bem e do útil, cria o amor altruista estabelecendo a unidade entre os seres—um por todos todos por um—formula noções gerais sobre o destino na vida, mostrando as relações que devem existir entre os indivíduos e os fins de todos para o bem da comunidade; estabelece as bases irreductíveis da família e da sociedade, dando a mais o vasto appendice da crença que é a caixa de Pandora de onde a sciencia pôde arrancar todos os dogmas, porque ha de sempre ficar no fundo, immarcessível e consoladora, a Esperança. A educação moral, para mim, deve comprehender a educação civica—o culto dos maiores e o respeito pelos factos da tradição que levam o

homem ao absoluto amor, o amor da Patria. Não temos. Nas escolas desconhecem absolutamente essa hygiene de espirito.

Educação intellectual... O nosso povo, na sua maioria, é ignorante. Ha uma pequena parte de selecção que lê, outra parte que ouve e outra que nem lê nem ouve: o patricio, o plebeu e o servus, eis as tres castas. A primeira impõe, a segunda transmite, a terceira executa — d'ahi a inconsciencia de todas as nossas manifestações collectivas. O povo, propriamente dito, é uma massa rude que serve de instrumento aos privilegiados. Essa casta superior, que podia impôr as letras e as Artes, é indifferente, porque não se educa na Patria, educa-se no estrangeiro ou nas suas doutrinas, é lida em livros de fóra, visita museus na Europa, fala sobre exotismo e sente e pensa através do sentimento e do pensamento dos seus educadores — são auto-

matos do Occidente ; d'ahi a impossibilidade de dilatação litteraria e artistica. Se se cuidasse da educação da Patria com elementos proprios tratando-se de fazer espiritos nacionaes, genuinamente nacionaes, dentro em breve teriamos Arte, porque o povo, ligando-se á terra pelo espirito, sentiria necessidade de conhecer-lhe os segredos e viria disso, talvez, a noção de patriotismo que ainda não existe entre nós. Antes de fazer Arte tratemos de fazer povo, eis o principio.

Somos um grande coração... já alguém disse. Oh ! a caridade proverbial do brasileiro, a sua hospitalidade só comparavel á dos arabes... somos um grande coração mas sem systole... recebemos a vida no que nos transmittem, mas não transmittimos absolutamente nada. Somos um coração sem systole, empanturrado de sangue como um ôdre, mas na analyse de um coagulo das

nossas arterias um sabio paciente descobriria atomos de todo o sangue universal. — Germens de todas as raças do mundo circulam dentro em nós e é justamente por isso que não somos nada, porque não temos identidade. Só ha um meio de tirar dessa miscellanea um povo — é educal-o, mas educal-o na escola austera do amor da Patria de modo que elle se converta a nacional, vivendo para sua terra que bem merece que por ella vivam. Alma antiga em corpo antigo, eis o brasileiro — um povo macrobio no berço.

Poz-se de pé bruscamente e voltou-se para o relogio:

— Como! onze horas! E' estranho! Sacudiu-se todo, deu um puxão á sobrecasaca e accendendo um novo charuto: — Até amanhã, commendador...

— Já, doutor?! disse meu tio, com a voz cansada, suffocando um bocejo.

— E' muito tarde. E rindo: — e o

senhor está a cahir de somno. Até amanhã! Até amanhã! disse interrompendo meu tio, que ia provar que não estava absolutamente a cahir de somno.

O creado entregou-lhe a cartola e a bengala. Levantámo-nos para acompanhá-lo. A' porta, despedindo-se, vedou-nos a passagem para que não apanhassemos o sereno da noite e apertando-me valentemente a mão :

— Perdõe-me e não guarde resentimentos das minhas doutrinas — são inoffensivas.

Rimos ambos e quando elle partiu ficámos a olhar e a vê-lo seguir pelo jardim calado, alvissimo do luar, girando a bengala e cantarolando:

La gondola nera fuggiva...

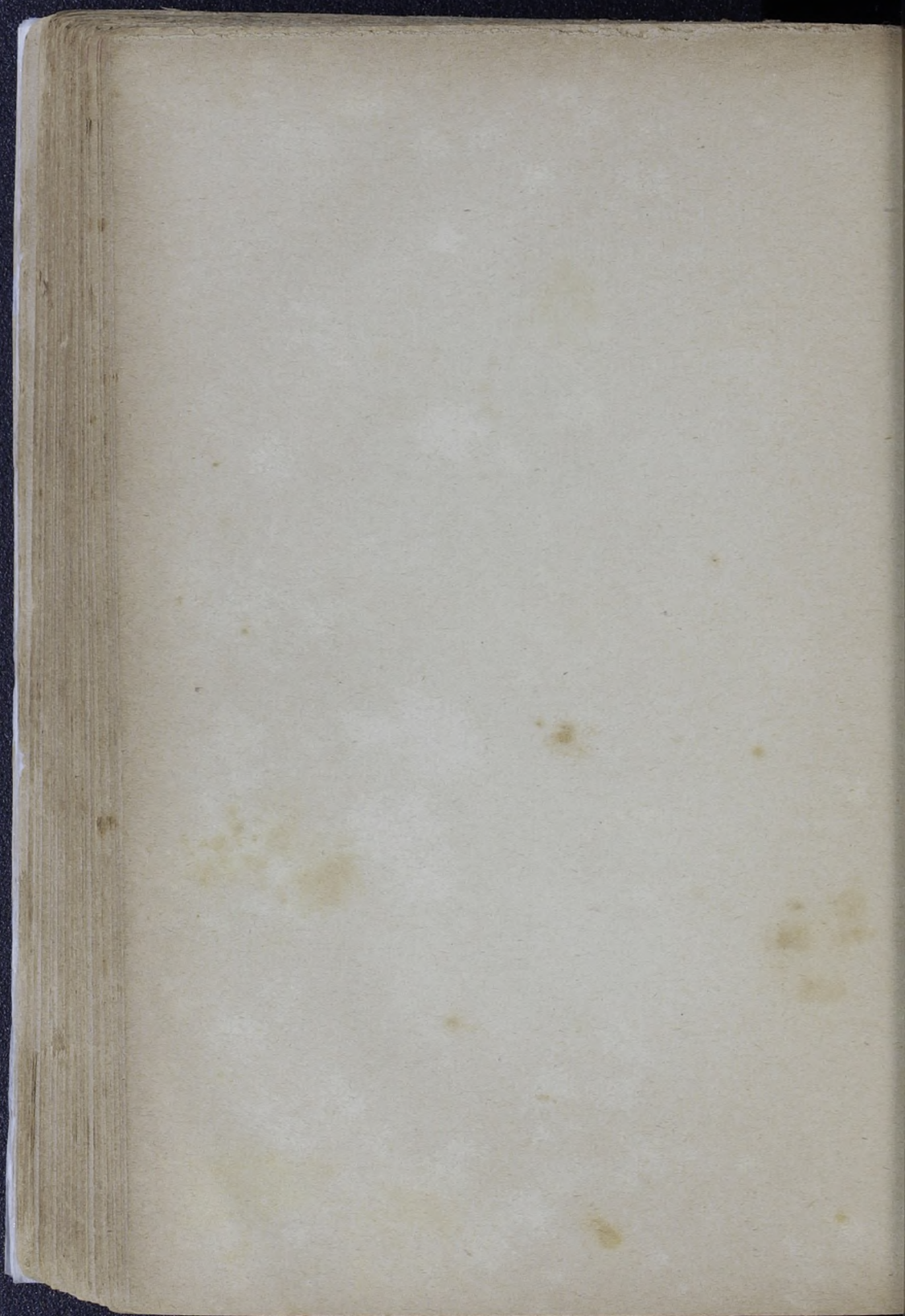
Do longe atirou-nos o ultimo adeus :

— Até amanhã...

— Boa noite, doutor! dissemos ambos. E meu tio, através de um bocejo

sonoro: Conversa bem este rapaz mas é meio doudo... é meio doudo...

E arrastando os passos foi cahir mollemente na cadeira abbacial das refeições e do primeiro somno.



VIII

O dia amanheceu baço e humido. Chovera pela madrugada.

Meu tio, em candidos linhos, estirado n'um pliant de lona, com um jornal sobre os joelhos, olhava da varanda os rosaes ainda gottejantes. Saudando-me, interessou-se pela minha noite, indagando se não me assustara com os tremendos trovões da madrugada, e dizendo-lhe eu que nem sequer os ouvira, lançou-me os olhos, admirado da valentia do meu somno de chumbo affirmando — que o céu viera abaixo feito em raios e em agua.

Sahimos ao jardim para ver os

descalabros da tempestade nas roseiras e nas moutas de cravos e compungimos mais de uma vez diante das esfolhadas de petalas ou á vista de um canteiro que a torrente da chuva escorvara. Mas já o jardineiro andava a recompôr, pondo esteios, fincando espeques, ligando galhos, ajustando ramos, e meu tio, como se visitasse uma longa enfermaria de desastre, ia de arbusto em arbusto, sempre com uma phrase terna e cheia de condolencias, lastimando o botão que os ventos haviam arrancado ou a begonia pendida para a terra encharcada, quasi a morrer dos embates fataes da noite tempestuosa.

Almoçámos tristemente — um repasto funebre de exequias, sem palestra, com poucosinhos. Os canarios, como se participassem da agonia das rosas, estavam encolhidos nos poleiros, mudos. Sahimos logo depois do almoço, porque meu tio não queria demorar-se mais a

olhar a devastação do seu jardim, mas como o Jeronymo lhe promettesse “arranjar tudo” recompoz a physionomia, e quando entrámos para a victoria já elle levava o rosto transfigurado e dizia a rir “que as almondegas estavam coriaceas”, cravando nos dentes um resto de palito.

Em caminho falamos do dr. Gomes.

— A proposito, meu tio, de que vive elle ?

— Tem uns predios, ganhou alguma coisa na praça á minha custa, accrescentou com superioridade. Mas não muito ; ao todo uns cem contos...

— E' solteiro ?

— Solteiro. Vive com uma italiana bailarina, uma Denzi, Emilia Denzi. Bella mulher, boa voz, mas... E meu tio, n'um gesto eloquente, derreando a cabeça, entornou o polegar na guela e com lastima, os olhos em branco : E' uma pena !

— E elle?

— Tem theorias. Diz que é nevrose, que a culpa não é della, que aquillo é um mal hereditario e dá-lhe coisas a cheirar, e deita-a. E' preciso vel-o. Já uma vez, lá em casa, foi um trabalho para conter a italiana. Entrou a beber e deu a principio para cantar ao piano, acompanhava-o o doutor, mas já desconfiado prevendo o desfecho. Cantou a *Traviata* e uma barcarola, mas de repente poz-se a achincalhar a musica, e sem mais apanhou as saias e saltou para o meio da sala atirando as pernas ao ar n'um can-can furioso. Por fim tomou de uma peanha a mais linda estatueta que eu possuia, partiu-a e atirou-me os cacos á cara, mas o doutor, com um heroismo generoso, poz-se á minha frente, recebendo no peito o que a furia me arrojara. E' um perigo a italiana. Um perigo.

Chegamos ao largo, ao mesmo

ponto em que na vespera havíamos estacionado, e meu tio impelliu-me para a rua, dizendo ao imperturbavel Edgar :
A's cinco !

Iamos caminhando em direcção á rua do Ouvidor, quando meu tio, parando repentinamente, perguntou-me :

— O' Anselmo, dize-me cá : tens dinheiro ?

Machinalmente levei a mão ao bolso, mas recolhi o gesto a tempo, respondendo entre vexado e cubiçoso :

— Pouco, meu tio, creio que duzentos ao todo... tenho ainda umas compras a fazer : lâ e talagarça para Marocas, uma Senhora de Lourdes para a *velha* e as obras do Casimiro para o Simão Carreira.

Sem dizer palavra, meu tio saccou do bolso a enorme carteira empanturrada e tirou um macinho nitido, de notas largas, dobrou-o e deu-m'o surrateiramente. Nem me preoccupiei com a car-

teira, foi mesmo no bolso da calça que as guardei profundamente, acarician-do-as.

— Precisas conhecer o Rio... tens ahí a chave de todos os mysterios.

Acolhi com respeito a peroração sentenciosa do meu generoso parente, e do mais intimo de minh'alma evolou-se, como n'um suspiro subtil e estremecido, toda a minha gratidão: Obrigado, meu tio. Elle, porém, ou porque não ouvisse, ou para affectar indifferença á dadiva, estendeu-me a mão liberal com estas palavras: Deixo-te aqui. Tenho ás 3 horas assembléa geral da *Companhia Fomento Agricola*. Não te vás perder, vê lá! Anda quanto quizeres, mas não saias da rua do Ouvidor e ás cinco no Paschoal. Sabes onde é?

— Pois não, meu tio.

— Vê lá!

— Vá descansado: A's cinco no Paschoal.

Separámo-nos.

Fiquei algum tempo indeciso, sentindo-me mal na liberdade, receioso, tímido, sem animo de atravessar sósinho a rua do Ouvidor. Parecia-me que toda aquella gente que subia e descia mirava-me achando-me desageitado e ridiculo, o ar tolo, os modos desalinhados. Meu terno tão perfeito, tres vezes provado e retocado por mestre Thomé Caminha, parecia-me largo e fofo, sem gosto, fazendo dobras nos costas, curto de mangas, curto de pernas. Sentia-me mal e estive para correr ao alcance de meu tio, pedindo-lhe que me levasse á assembléa do *Fomento* tal era o desanimo que de mim se apoderara ao ter de atravessar, sem companheiro, a rua que eu via deante dos olhos, atulhada de gente, apezar da ameaça sombria das nuvens que rolavam no céo, turgidas e tumidas de aguaceiros.

Deante de uma vitrine lancei um rapido olhar de analyse e achei-me es-

correito e liso, apenas o chapéo havia tombado para a esquerda; puxei-o e estacando, a enrolar um cigarro, o olhar errante como se procurasse alguém, deixei-me estar algum tempo a invocar coragem para vencer a cobardia do meu espirito acanhado. Por fim atrevi os primeiros passos e fui caminhando vagorosamente, cauteloso, para não ir de encontro aos que vinham azafamados, indifferentes, abrindo caminho á força de hombros e de cotovellos.

A minha idéa era o Paschoal. Alli ao menos, sentado a uma das mesas, ninguem daria por mim e poderia ficar até ás cinco á espera de meu tio, livre daquelles olhos que me pareciam despir, livre daquelles sorrisos que pareciam criticar os meus gestos selvagens e o meu lento e medroso caminhar de rustico. Mas subitamente, como se despartasse dentro em mim uma nova energia, senti-me desembaraçado e altivo. Parti,

pisando forte, a olhar d'alto a gente, porém ao cabo de alguns passos um grupo de senhoras garrulas colheu-me n'um encontro amigo, no enleio expansivo de uma intimidade affectuosa, e fiquei collado á parede a ouvir beijos chôchos trocados com precipitação e risinhos, enquanto um pequeno, vestido á maruja, mettia-se pelas minhas pernas empurrado pelas amistosas damas.

Atroz menino! atrozes senhoras!
Uf!

Esbaforido e suado consegui desentalar-me do aperto intimo maldizendo as minhas patricias que andam pelas ruas, como as formigas pelos trilhos da roça, esbarrando os labios em beijinhos. Afastei-me da calçada para evitar nova collisão e segui, lançando os olhos adeante na esperança de descobrir o doutor, que, segundo a affirmação peremptoria do meu tio, devia andar pela rua do Ouvidor digerindo o almoço e

commentando os nossos erros politicos e os ultimos livros de França. Infelizmente, porém, cheguei ao Paschoal sem ter sequer divisado a sua sombra e conjecturei que se deixara ficar em casa amarrotando as housses dos divans em longos espreguiçamentos de tédio, com os seus poetas, em solidão ou tendo a seu lado a italiana, em toilette tenue de cambraia e rendas, mexendo grogs de cognacs, com um romance de Tosti nos joelhos.

Um homem como o doutor não abandonaria o lar n'um dia como esse de spleen e de nevoa. Que viria fazer á rua senão chapinhar na lama e ouvir as queixas indignadas dos politicos que presagiavam, com grande cópia de argumentos, um futuro tragico de assassínios e de roubos, de violencias e de crimes barbaros? Que viria fazer á rua quando podia estar no tepido aconchego do seu "home" arrulhando nesse doce

toscano, que foi o idioma dos amores, no tempo em que a humanidade, menos civilisada, amava? Não, meu tio errara na sua afirmação: o doutor não andava pela rua do Ouvidor, devia estar nas Laranjeiras a reler poemas para distrahir a paixão bacchica da italiana iconoclasta ou a traduzir os sabios conselhos de Martial sobre a felicidade onde o poeta escreveu este hemistichio sobrio que, de per si, constitue um elemento de paz e de ventura: *nox non ebria...* talvez nunca experimentado pela bailarina.

Apezar desses pensamentos, não me abandonava a esperança de o ver surgir de repente, muito correcto na sua toilette justa, espalhando em sorrisos o seu bom humor e a sua graça.

Da porta do Paschoal estive longo tempo a contemplar o meio corpo de um homem que ficara á esquina, parado. Via-lhe apenas um lado: meia aba do

frack, uma perna, metade do chapéo. Tive impetos de partir para reconhecê-lo; mas, evitando-me os passos em vão, o homem voltou-se — era um sujeito moreno, abaçanado, com grandes bochechas molles picadas de bexigas — um bigodinho ralo descia-lhe pelos cantos da bocca em duas gotteiras.

Cansado, resolvi entrar.

Havia uma mesa junto á porta, encostada a uma das columnas. Tomei-a.

Pouca gente. Rapazes, o ar entediado, bebiam. O que eu vira no primeiro dia lá estava abancado a ler a mesma tira, creio, a um pequenote de olhos espartos que bebia, sedentamente, a grandes goles, uma agua effervescente dando com a cabeça loura em signal de approvação. O da tira levantava gestos que deviam exprimir coisas de subido alcance ou guindava, com os dedos em feixe, tremulamente, n'uma ascensão olympica, a imagem ou a estrophe, e o

outro radiante, como um auditor romano dos que ouviam Estacio, sorria, acompanhando com um olhar ineffavel os dedos, que já iam pelo ar subindo, subindo sempre á proporção que a voz se ia tornando cava e profunda com um rumor longinquo de trovões de estio.

Quando o caixeiro veiu ter comigo, ouvi distinctamente o ultimo ronco e logo em seguida a voz infantil e clara do auditorio.

— Bonito! Bonito! Delicioso, Mendes! Delicioso! e docemente, n'uma lissonja amavel repetiu o verso final:

Neste cymbium de prata...

O resto do verso, que devia ser divino, perdeu-se no estouro de uma nova garrafa d'agua aberta para o pequeno entusiastico e sedento. O da tira dobrou-a com indifferença e guardou-a no bolso interno do casaco atirando para cima da mesa uma nota.

Na mesa contigua uma virago de luto mastigava gulosamente com um triturar famelico de mandibulas, deante de um velhote casmurro, que meditava, levando de vez em vez á bocca, escondida por trás da barba curta e amarellada, o copo de cerveja. A mulher devorava atabalhoadamente e elle, taciturno, parecia muito longe d'alli, com os olhinhos fitos no vago, em algum sonho de saudade, talvez na imagem sempre viva de quem se fôra e por quem elle trazia a cartola enrolada em crepe e a mulher insaciavel o merinó de luto.

O caixeiro acudiu ao meu appello. Encommendei um grog. E voltei a olhar para os dois rapazes. O da tira tomara uma attitude de abandono, as pernas cruzadas, cahido sobre a bengala, cujo castão perdia-se-lhe na axilla, o pequeno accendera um cigarro e baforava, farto.

Trouxeram-me o grog.

Um tlim-tlim ao lado chamou a

minha atenção. O caixeiro acudiu n'um salto.

O velhote, sempre triste, passou a mão por sobre os destroços, responsabilizando-se por tudo, e empinou-se para saccar o dinheiro do bolso.

A virago chupava os dentes com estrepito endireitando a capota ao espelho. Levantaram-se os dois.

O velho dava pelos hombros da mulher e magrinho, engelhadinho, fazia dó vel-o humilhado pela abundancia daquella Eva formidavel, de seios enormes, que o arrastava soberamente como a cauda do seu vestido arrastava os palitos do chão. Fazia dó ver aquelle homem diminuto e franzino ao lado daquella fartura — e foram-se, ella adeante chupando os dentes e elle em seguida, com o guarda-chuva debaixo do braço, contando as notas do troco.

Seguindo com o olhar o pobre velho desaparecia no rastro da poderosa

Cybele, passou-me pelo espirito este pensamento estranho:

Esse homem apanha da mulher.

Enfasiado de estar alli sósinho resolveu tomar rumo, e como o caixeiro passasse atirei-lhe o dinheiro. Elle inclinouse esfregando a mesa com um guardanapo e indagou:

— Foi um grog?

— Sim, um grog, disse-lhe e lembrando-me que o doutor era assiduo na casa tive a feliz inspiração de interrogar o caixeiro:

— Não esteve por aqui o Dr. Gomes de Almeida?

— Sim, senhor; esteve aqui, mais um outro, um de barbas louras e puxou das bochechas duas suissas imaginarias.

— Ha muito tempo?

— A's onze e meia mais ou menos.

Retirou-se depois de perguntar-me se queria mais alguma coisa.

Levantei-me para sahir: porém

não havia ainda chegado á porta quando ouvi chamarem-me :

— O' senhor ! O' senhor ! Voltei-me ! era o caixeiro que me perseguia sorridente e apressado :

— Olhe alli embaixo o Sr. doutor Gomes...

—Onde? indaguei ancioso.

— Acolá, ao fundo...

Ainda não conseguira descobrir o paradeiro do illustre moço, e já a sua voz clamava por mim de longe, festivamente :

— Bemvindo seja o meu amigo !

Avancei pressuroso e radiante, esgueirando-me por entre as cadeiras para cahir nos braços do meu recente amigo. Apertámo-nos e em poucas palavras rapidas contei a minha peregrinação pela rua nesse dia obscuro e inerte. O doutor com um gesto vago lançou apodados ao clima e arrebatando-me para a mesa apresentou-me a uma formosa

mulher loura, em cujo rosto reconheci promptamente as pupilas azues mais claras do que a côr do céo, que tanto me haviam seduzido quando pela primeira vez palmilhei o lagedo da rua do Ouvidor.

— Mlle. Marie, ou simplesmente Marion, a divina Marion... E á loura, com distincção: Dr. Anselmo Ribas, meu amigo. Curvei-me ao peso do titulo e deante da belleza. A divina Marion desabrochou um sorriso adoravel, todo doçura e graça, á flor dos labios finos e offereceu-me a pequenina mão apertada em uma luva côr de perola que lhe subia ao cotovello, enrugada e cheia de pulseiras. Commovido e tremulo tomei a mão leve de mademoiselle e que de esforços empreguei para não leval-a aos labios!

— Mettez-vous ici... disse-me ella afastando-se com um rumor de sedas comparavel ao que fazem os bandos de

pombos bravos quando levantam o vôo.

Sorri e balbuciei com uma pronuncia tosca: Je vous remercie bien.

O doutor affixou com habilidade e graça:

— Meu amigo, exprima-se em vernaculo, sem cerimonia. Marion é de Paris, mas fluminense pelo coração. Mademoiselle asseverou galantemente com a cabeça loura. Sorri.

— Iamos por um champagne e pela moral de Philetas. Falavamos do amor na accepção terna do termo, tão vilmente abastardado pelos actos civis e religiosos do casamento e bebiamos Clicquot frappé. Veja o amigo se está pelo thema e se aceita a bebida, que nesta casa é detestavel, valha a verdade.

— Perfeitamente, disse, voltando-me logo para os olhos doces de Marion.

O doutor ergueu a garrafa esgota-

da e impoz ao caixeiro : Outra e uma taça. E logo tornou :

— Para um celibatario de gosto, meu amigo, não ha actualmente no Rio melhor preocupação e, com a mão aberta, estendida, indicou-me Marion. Fala tres linguas e com uma voz... Não é esta que o amigo ouve, não... é bem differente... é modulada em bemoes languidos... O' Marion, dize alguma coisa no tom intimo... fala como se estivessemos no teu ninho... e mademoiselle rolando olhos pipilou :

— Mon p'tit! O doutor, em veia alegre, derreou-se perdido.

— Ouvia? e ainda não é tudo... Quando ella diz : Mon amour! e apertou o proprio peito estremecendo e demorando a exclamação .. Ah! meu caro! Mon amour! hein Marion? Mademoiselle baixou as palpebras maliciosamente. E o doutor continuou... Executa Chopin e tem uma estante de classicos...

E mais do que tudo isto — dezoito annos.

—Dix neuf, emendou Marion, dando com o leque uma pancadinha no hombro do doutor.

Mais um que não apparece ainda á flor do rosto. Ah! porque os annos realisam o eterno principio da gotta d'agua, já citado por Montaigne — accumulam-se, accumulam-se sem que a gente se aperceba e ás vezes basta um dia para que a velhice transborde em rugas e em cabellos brancos. Não achas, Marion?

O caixeiro serviu o champagne.

Mademoiselle tomou a sua taça e erguendo-a cumprimentou-me: M'sieur! — Mademoiselle! respondi; e os crystaes temblaram. Mas (E aqui faço a confissão da perfidia covarde de que me tornei culpado) não foi só isso, por baixo da mesa senti que um pésinho roçava pelo meu carinhosamente e n'um movimento allucinado calquei tambem,

com toda a violencia do meu amor e com todo peso dos sapatos inglezes. Mademoiselle, sem um protesto, impassivel, bebia e eu, n'um delirio indomavel, baixava os olhos attrahidos pela alvura do seu colo esgargalado, de uma tez fina por onde passavam fremitos dourados.

— Demora-se no Rio? indagou a divina Marion, rilhando as palavras.

— Pouco, mademoiselle.

— De onde é?

— De Minas.

— Ah! de Minas... Recolheu-se um instante e pouco depois perguntou-me com a sua voz mysteriosa, a encantadora voz de que falara o doutor: — Conhece em Juiz de Fóra Amancio...?

— Amancio! Amancio de que, mademoiselle?

E os nossos pés trucidaram-se cruelmente.

— Amancio de... Tocou os labios

com o leque, elevou as pupilas n'um olhar extatico e nervosa: não sei de que... E' um gordo... tem uma fazenda...

Não, mademoiselle, não conheço.

Calámo-nos. O doutor pensativo desfazia os crystaes de gelo no champagne, balançando a taça. Mademoiselle tornou-se de novo extatica.

De improviso o doutor chamou-me:

— Tem algum compromisso para amanhã, Sr. Anselmo?

— Nenhum, doutor.

— Quer vir almoçar commigo?

— Com todo gosto.

— Podemos fazer uma ascensão ao Corcovado? Ainda não conhece o Corcovado?

— Ainda não.

— E' bello! E dá-se commigo um caso estranho—sinto de quando em vez a necessidade da altura, tenho a mania satanica de contemplar da montanha as coisas inferiores. Já experimentou a de-

licia vaidosa de ver toda uma cidade a seus pés em um nível humilde? E' delicioso, meu amigo. Demais recebe-se o ar em primeira mão, fresco e puro, sem os toxicos da vida rasteira e certos de que a golfada que respirá mos não andou pelas cavernas de pulmões enfermos.

— Aceito com prazer, doutor...

— Queres ser do bando, Marion?

— Não é possível, disse com lentidão mademoiselle trincando os labios.

O doutor fitou-a e por fim sacudiu a cabeça resignado :

— Pois iremos nós...

Calquei o pésinho para ver se por meio d'elle conseguia vencer a caprichosa, mas com surpresa senti que me fugia esquivo. Insisti amoravel:

— Então porque não vem connosco, mademoiselle?

— Pas possible... disse com um momo abrindo e fechando com estarda-

lhaço o leque. E pondo-se de pé n'um impeto :

— Eh! bien... j'm'en vais...

O doutor mirou-a. Mademoiselle estendeu-me a mãozinha: M'sieur... e friamente, dando as pontas dos dedos ao doutor: Au revoir!...

— Au revoir, Marie; disse pausadamente cruzando as pernas e quando a viu sahir, passando nervosamente a mão pelos cabellos exclamou entediado: Idiota!

— Zangou-se? indaguei com interesse.

— Ciumes... Que quer o meu amigo? não ha um ser perfeito... Veja essa mulher divina... é ciumenta. Ciumenta a ponto de fazer tolices... Bolas...! E casmurro: Eu sei como tudo isto acaba... vão ambas para a rua... não ha que ver... vão ambas para a rua... E recuperando o natural: Então está combinado?

— Perfeitamente.

Trincou um charuto e irrompeu assomado:

— Um dia magnifico, não ha duvida... um dia magnifico! enguliu um pouco de champagne e continuou: Não sei se o meu amigo cultiva a volupia do somno matinal, o somno das seis ás dez? E' uma delicia! O somno da noite dorme-otodo o ser—o operario e o poeta, a agua gemente e a flor, mas o *extra* languido, o somno tepido da indolencia, esse é exclusivo dos privilegiados que conhecem a vigilia—esse é incomparavel, porque não sendo um acto normal é um vicio e, como todo vicio, encanta. Eu penso assim. Difficilmente deixo os lençóes antes das dez. Acho que um homem de gosto deve encontrar o dia pleno, em viva luz, passaros cantando e tudo em ordem para receber-o, porque, sahir pela manhã, á hora

em que a natureza arranja-se, quando o sol nasce e os passaros acordam, produz em mim a mesma sensação de desgosto que experimento quando entro em uma sala de jantar no momento em que o copeiro estende a toalha... E' odioso! Sou um commodista extremado—gosto de achar tudo prompto, limpo e nitido—o céu todo em sol, a mesa já florida. Haverá coisa mais ridícula, para os olhos de um homem, do que surprehender a mulher amada, deante do espelho, em penteador, sem meias, amaciando a cutis ou trançando os cabellos, ainda com os olhos empapuçados de somno?—é desolador!

Levanto-me tarde, desço para a ducha, visto-me—uma grande hora de trabalho lento, mirado e caprichoso—e ganho a frescura do jardim, uns metros de terra onde brotam cravos e bogaris, sob a copa frondosa de uma amendoeira amiga—ahi leio pausadamente os jornaes.

e bebo o café e o cognac, ouvindo os meus canários.

Sem essas minudencias sou um homem inutil.

Recolhi-me tarde, muito tarde, e sem somno. Reli uns capitulos de psychologia experimental, e confesso que fiquei impressionado.

Eram talvez quatro horas da manhã — cantavam gallos pela vizinhança — quando consegui conciliar o somno. Pois ás seis fui violentamente acordado, porque um intimo carecia do meu auxilio para resolver uma questão magna. Note o meu amigo que sempre tive uma decidida vocação para a gynecologia, recuei deante do forceps e dos outros apparelhos de viabilidade fetal, simplesmente porque as senhoras preferem dar á luz á noite... se não fosse a hora incommoda preferida pela genese, eu hoje seria um parteiro notavel... Sou advogado... Desci desesperado. Borrifei-me

com um pouco d'agua, sorvi ás pressas um gole de café, e mesmo em jupon, bocejando, recebi o intimo na minha sala de estudo.

Quer saber o motivo da visita do meu illustre despertador? a crise de transportes Baniu-me do leito para pedir-me um artigo violento contra a Central. Escrevi—deve sahir amanhã.

E' um horror! resente-se terrivelmente do meu estado de espirito. O intimo collaborou dando-me a assignatura, que é um mysterio de que elle faz segredo — *A alma de Frei Góes...* não sei que quer dizer, mas presumo que ha dentro disso coisas de um subido alcance... Mas agora, entre nós, que diabo tenho eu com a crise de transportes?

Cruzou os braços e fitou-me. Que tenho eu com tudo isso? As cargas que apodreçam ao sol... pouco se me dá que haja ou não sal em Matto Grosso e sapatos em Goyaz... Que se arranjem, dei-

xem-me em paz... deixem-me dormir... Que tenho eu com a crise? Houve uma pausa curta e o doutor tornou: Depois do artigo uma scena de ciumes... Uma mulher idiota, que se revolta porque um intrigante qualquer lhe foi dizer que andei seguindo os passos de uma hespanhola, no Polytheama... Bolas!

Virou o resto do champagne. Eu sentia-me meio atordoado — ardiam-me os olhos amortecidos de somno.

— Mas, meu amigo, voltando á minha leitura da noite... confesso que estou devéras impressionado. Tem lido os modernos estudos psychicos?

— Alguns.

— E... que pensa da alma? indagou.

— E' uma hypothese... aventurei.

— Como! uma hypothese? Não crê?

Sorri, e entrei a falar como se ditasse: As minhas idéas sobre psycholo-

gia estacam deante dos tumulos. Depois da lapide mais nada... Não posso comprehender essa verdade suprema dos philosophos romanticos — a vida posthuma. Alma é o atomo, alma é a monéra, alma é a cellula, alma é o sangue. Das causas puras, doutor, só podem derivar iguaes effeitos, entretanto o odio germina dentro em nós, o ciume, a aversão, a antipathia, abjecções proprias da materia, naturalmente affecta á podridão pela sua propria essencia — o verme. O nosso corpo é um thermometro, de que o sangue é o mercurio—Nos periodos pacificos e normaes marcamos os grãos baixos da tranquillidade, um poucoque o sangue ascenda ao cerebro, como o mercurio sobe, ao calor dos fortes estios ou das febres, temos a exaltação, o delirio, todos os horrores do disequilibrio mental, todas as concepções extravagantes e allucinadas. Creio no Nirvana, porque adoro o silencio — Ao

céo, ao promettido paraíso, falta a primeira condição — variedade: a vida eterna deve ser monotona. O meu ideal é o fim absoluto. Isto de vida, doutor, é um phenomeno de attracção de moleculas.— O homem vem ao mundo pela mesma razão por que vem á arvore o fructo, o fio d'agua á rocha... fatalidade, sympathia, cohesão... tudo quanto quizerem, da vida physica, da vida material; mas de alma, espirito invariavel e eterno, sopro de Deus, etc., etc... não percebo.

Alma como conjuncto dos sentidos — admitto. O beijo é uma premissa do amor, o amor é uma manifestação da alma. Doutor, estude a psychologia em uma criança — é um bratinho, incapaz de pensar, incapaz de outra coisa que não seja vagir e chupar têtas. A primeira manifestação é toda material — o choro, manifestação positiva do soffrimento ou do tedio, que é innato, e a fome, mani-

festação do instincto — a alma myste-
riosa não dá signal de si. Com o correr
dos annos chegam os sentimentos, isto é,
o aperfeiçoamento das sensações. E' por
meio delles que as fibras delicadas do
cerebro e do coração vibram; essas vi-
brações formam a vida complexa do
amor, do ciúme, do desespero, do pen-
samento, etc. Para velhice, com o deca-
nio do corpo, todo o organismo definha
e a alma, immortal e forte, em vez de
sustar a quédia da carne, auxilia-a, por-
que os sentimentos affluem todos para a
saudade, que é a velhice das paixões;
ella é que vive até á caducidade, até á
bestialisação, até á redundancia, ao pri-
mitivo estado de inconsciencia. Alma é
a vibração da mocidade, alma é o zenith
do sangue. Infelizmente nós outros oscil-
lamos entre dois crepusculos — a igno-
rancia da primeira idade e o pavor do
fim dos annos. Não creio, doutor... em
alma não creio.

— Mas, pelo amor de Deus, meu amigo... acudiu o doutor, vejo pela prelecção que acaba de fazer que é um materialista intransigente, isso porém não impede uma observação singela. Abriu um parenthesis para propôr mais champagne; recusei, e elle continuou firmando-se nas minhas palavras: Vivemos entre dois crepusculos, disse o meu amigo, mas os crepusculos succedem-se n'uma eterna continuidade — as almas têm o occaso em um corpo, mas resurgem em outro. A alma existe como existe a luz e ha de existir até á ultima dynamisação. O corpo é um casulo... Como já lhe disse, creio firmemente na vida eterna das almas. A civilisação é o resultado da longa pratica do espirito humano — a carne é uma especie de alambique, mediador plastico entre a concepção e o movimento.

Os homens que fizeram as primeiras obras, os donos das idéas

iniciaes, são esses mesmos que as continuam.

Nós não fazemos outra coisa senão aperfeiçoar o que dantes fizemos. A vida é uma continuação perenne. As idéas têm o seu alpha na antiga éra — Ha uma estranha connexão entre o pensamento moderno e o modo de ver dos antigos — a synthese de hoje vem da analyse de hontem. Nós, a civilisação, estamos continuando a nossa obra barbara. Somos os mesmos. Quem sabe se dentro do meu amigo não vive a alma sceptica de Zenon ?

— Não, doutor, a alma que se aloja em meu corpo nunca perscrutou mysterios transcendentos — é a mais ingenua das almas, contenta-se com um pouco de sonho e com um pouco de amor. Como disse, as minhas idéas estacam deante dos tumulos. Depois da morte mais nada.

— Mas, meu caro amigo, note que já os egypcios pensavam que “a morte

é um meio e não um fim" — um meio de perpetuar a vida. A sciencia moderna vai desbravando o mysterio da immortalidade—o zaimph de Isis cahiu deixando a grande deusa descoberta e são tão fortes e peremptorios os argumentos em favor da existencia perenne que é hoje quasi um absurdo a negação da Eternidade da Alma. A morte é um remanso.

— E' possivel, doutor.

— E' de uma arvore que murcha que se colhe a semente para as florasões futuras...

As suas idéas estacam deante do tumulo, porque encontram o silencio completo? não; porque encontram a realização perfeita do absoluto? não; um cadaver, posto que vasio, existe. — Nada se perde, nada é util. O espaço é o nada e o espaço existe. Que tem o espaço? constellações; a morte tem tambem os seus astros, o fogo fatuo, por exemplo, que é uma estrella funeral.

Demais se, como diz, as suas idéas estacam deante dos tumulos, devem igualmente estacar deante dos leitos.

— O doutor maneja adoravelmente o paradoxo.

— Perdão, não é o paradoxo, é a analogia. Deante de um dormitorio tem-se o exemplo perfeito, o symbolo, devo dizer, de uma pequena necropole — o leito é um esquife. Reza-se para dormir e reza-se para morrer; — a lampada serve tanto para os mortos como para os que dormem. Uns e outros têm a mortalha...

— Doutor, mas isto é francamente o que nós outros, pobres rusticos, chamamos Poesia...

— Perdão — todo mysterio tem um fundo poetico. Mostre-me uma religião sem prophetas e os prophetas são os poetas esotericos... Mas continuando. O sonho não será a iniciação de uma outra existencia... O sonho não será uma previdencia.

O corpo adormecido roja-se; parece que tem a nostalgia da terra e a alma? paira, fica de vigilia como ficavam, segundo o pensamento dos padres de Osiris, de guarda á mumia em que haviam habitado.

O somno é um tunnel por onde a alma atravessa. Meu caro amigo... não ha morte... Sisypho é o symbolo da vida...

--Confesso, meu caro doutor, que apesar da belleza da sua doutrina o meu espirito repelle-a. Escreva um poema com essas idéas.. um poema de mysterio no gosto dos *Versos Dourados*.

—Pudesse eu, meu caro.. Sacou o relógio e pôz-se de pé: Vamos sahir? Isto está funebre. .

—Tenho um encontro para as cinco.

—Feminino?

—Não; meu tio.

—Ah! Então demoro-me mais alguns minutos—E' cruel deixar um amigo

abandonado nesta triste sala em um dia como o de hoje. E de repente: E se jantássemos juntos...

—Onde? indaguei.

—Por ahí, em uma baiúca qualquer. Pretexto para conversarmos... Temos a ameaça de uma noite terrível, podemos atravessal-a queimando *punchs* em algum gabinete, em companhia de alguém que nos ajude a arrastar o tédio até á madrugada.

—Aceito, mas com a condição de impôr alguma coisa... iremos a um theatro... não para o espectáculo, pouco me preoccupa com o que se canta em palcos, mas confesso em intimidade que tenho um desejo louco de ver a caixa de um theatro—dizem-se tantas coisas...

—E' horrível, meu amigo... mas não pense que me recuso, póde dispor de mim... E mais ainda—sei que não conhece o Rio á noite—proponho me a mostrar lhe em uma noite todos os mys-

terios desta cidade que começa a ter vícios. Joga?

—Pouco...

—Conhece a roleta?

—Conheço... E o doutor percebeu pela expressão dos meus olhos que eu não era de todo indiferente ao jogo.

—Pois ha um meio de conciliarmos tudo : — Vamos jantar ao club.

Voltando-se o doutor deu com os olhos em meu tio que assomára á porta, sempre jocundo, já acenando para o nosso lado. Levantámo-nos para recebê-lo.

—Meu caro doutor... e logo dirigindo-se a mim. Então? como te arranjaste?

—Perfeitamente, meu tio...

-- Bem... e bruscamente : Vem jantar connosco, doutor?

— Hoje não é possível e indicando-me : Vou mostrar ao amigo Anselmo o Rio de Janeiro, á noite.

— Então... até amanhã...

— Até amanhã, meu tio.

— E não te cances muito, ajuntou com um sorriso--amanhã á noite temos a festa do Bessa, em Botafogo. E ao doutor: Lá nos encontraremos.

— Não garanto.

-- E cuidado, Sr. Anselmo, cuidado! O Rio á noite é um perigo para os que vêm pouco...

-- Descance, commendador... eu vejo admiravelmente.

Em caminho o doutor, compenetrado da minha ignorancia das coisas do mundo, disse-me algumas palavras de conselho, expondo-me em claros periodos, cheios de sinceridade, os riscos da afouteza, quando não se está de sorte, e a profunda sciencia da roleta, que se resume em saber acompanhar a banca. Propoz-me um sector sempre feliz, que uma noite, em casa de certa Elisabeth Blayn, uma escoceza, lhe dera cinco

contos e tantos. Falou-me da roda que frequentava o club — gente da melhor escolha: alto commercio, a magistratura, as lettras, medicos. Podia-se estar á vontade, e o banqueiro, um homem de moral intransigente, correcto e austero — tão digno a dar a bola como um juiz presidindo um conselho.

Tomámos o bond. A tarde triste escurecia, e do céu, pluvioso e grosso, cahia uma neblina tremula, finissima, como a garôa de junho nos campos. Durante a viagem falámos rapidamente da *Debaule* e de uma loura franzina, de water-proof, que se acolhera a um canto e cruzara modestamente as mãos no collo sobre uma brochura ingleza.

Iamos n'uma corrida suave, por um leve declive, em frente ao mar, quando o doutor fez signal para que parassem. Descemos, e eu, n'uma attracção amorosa, volvi os olhos mandando adeuses tristes á loura, que parecia embebida

n'um sonho, tão distrahido tinha o olhar, que uma leve gaze, de um doce azul brumal, velava.

— E' alli! segredou-me o doutor, mostrando-me, n'um gesto subtil, uma larga porta, alta e nobre, onde rondava melancolicamente, com as mãos para as costas, um severo creado de casaca. Quando nos viu curvou-se gravemente. Subimos por uma escada de volta e em cima, n'um vasto salão, forrado por um tapete fôfo, semeado de moveis, n'uma desordem encantadora, um moço magro, de olhos verdes, tirava tristonhamente de um Gaveau accórdes melancolicos.

— Guedes! e o do piano voltou-se inopinado, mas como o doutor desapparecera numa saleta cercada de cabides, mirou-me fazendo um leve cumprimento e baixou a cabeça terna, correndo os dedos pelo teclado n'uma escala sentimental.

— Venha guardar o chapéo, amigo.

Anselmo. E na saleta o doutor preveniu-me : Esse typo que ahí está tirando gemidos ao piano é um famoso cábula... Teve uma charutaria e hoje vive a executar trechos de sentimentos e valsas nas batotas e nos saráos dos bairros. Tem um eterno palpíte: o 9... Muito cuidado! Sahimos para a sala. O doutor, esfregando as mãos, aproximou-se do piano.

— Chopin...? O dos oculos ergueu a cabeça exclamando :

— Oh! doutor... bons olhos o vejam. Sacudiu-se todo como para espanar a tristeza da sua alma e estendeu a mão affectuosamente.

— Dr. Anselmo Ribas, meu amigo... apresentou o doutor e intimamente: O nosso Guedes...

— Muito prazer, doutor... e estendeu-me a mão dos accórdes, humida e molle, e logo apressado, traquinando: Vamos para a sala... vamos... Já devem

estar á mesa. Tomou a nossa frente e abriu uma porta e meus olhos cahiram sobre uma calva polida que reluzia, balançando de leve, muito regular, como certas pendulas de relogios iconicos.

Entrámos. Jantavam.

O doutor, muito conhecido na casa, foi recebido com um extenso oh! de todos que cercavam a mesa ampla, de carvalho, arranjada como para um banquete, com grandes ramos de flôres e puddings tremulos em pratos de porcelana.

A mobilia, toda de carvalho, dava uma feição distincta e séria á sala, forrada de encerado inglez, com grandes reposteiros que pareciam descer do tecto. Creados celeres passavam sem rumor, de um lado para outro. O homem da calva agitava-se, com um guardanapo ao pescoço, esticando os braços para apanhar pedaços de pão n'uma corbelha de christofle, sempre a mastigar; mirou-nos e sorriu para o doutor com a bocca

cheia. Sentámo-nos e logo nos foi servida a sôpa.

— Que tem feito, doutor? Por onde tem andado? indagou um homemzinho engelhado.

— Negocios, meu caro...

— Não imagina como tem sido lamentada a sua ausencia...

Um gordo soprou ao doutor: “O 7 deu hontem tres vezes seguidas. O Monteiro lembrou-se logo do amigo.” E voltando-se para a esquerda: Hein, Monteiro?

Uma voz balôfa indagou: Que é?

— O 7, hontem...

— Homem... é exacto... tres vezes! E derreando-se sobre a mesa: Tres vezes; Gomes...

— Sim, justamente porque eu não estava. E o 29?

— Não foi mal, disse com circumspecção o gordo; creio mesmo que repetiu. Espere lá... Saccou do bolso

uma tira crivada de numeros e acavallando o pince-nez consultou — 13, 22... ahn... ahn... 29! disse com voz forte... ahn... 29! e... 29..! Tres vezes! Dobrou discretamente as notas e guardou-as.

— Vamos ver hoje...

Da ponta da mesa uma voz esgançada pediu vinho. E travou-se uma palestra viva, cruzada, em que os numeros entravam ás porções, atropelando-se. Discutia-se, e mais uma vez ficou provado que á roleta não se podia applicar principio algum, porque não havia uma lei que se pudesse dizer exacta — tudo dependia do acaso.

Um rapazola citou Pascal, afiançando que o methodo do illustre auctor das *Cartas provinciales* era de incontestavel merecimento. Entreolharam-se pasmados e o gordo, cuspindo o palito, indagou:

— E você porque não segue os conselhos do tal Pascal?

— Mas sigo, como não?

— Ah! Então percebo... Pascal tem um methodo excellente para ensinar a ficar limpo... Houve uma gargalhada estrepitosa e o rapazola, corrido, procurou desculpar-se com o temperamento: — que era um precipitado, sem paciencia, sem calma.

— Qual, menino... só ha uma sciencia — é a sorte. Manda-me para cá a Escola Polytechnica em peso e quero ver se ella arranja alguma coisa com os seus calculos.

— Esta é a verdade, disseram.

— Qual Pascal, qual carapuça! Olha, o Monteiro tem horror ás mathematicas... é incapaz de sommar duas fracções.

— Incapaz! affirmou o Monteiro, sacudindo a mão deante dos olhos como para afugentar a visão da sciencia exacta.

— Entretanto, perorou o gordo, é

o que se vê — os numeros procuram-n'o. O jogo é como a mulher, quanto mais perseguido mais esquivo. Qual Pascal nem meio Pascal — a bola é que regula.

— Está quente aqui, soprou uma voz.

— Horrivel ! ajuntou outra esbafo-rida.

— Vamos subir, convidou o calvo, e todos concordando, já anciosos pelo primeiro golpe, accederam.

— Sim, vamos subir. Ha pelo menos ar lá em cima.

O doutor accendeu um charuto, e enquanto os grupos desapareciam por uma porta baixa que dava para um largo patamar de cimento, entre duas escadas, uma que descia para o jardim, outra que subia para um novo corpo do edificio, estabelecemos as condições restrictas do jogo.

— Nunca mais de duzentos mil réis...

— Nunca mais ! affirmei.

E caminhámos por onde haviam desaparecido os grupos, ganhámos uma larga escada que dava para um terraço, ao fundo do qual havia a sala occupada exclusivamente pela comprida banca de roleta, já cercada de pontos anciosos. Justamente na occasião em que assomámos a uma das portas, o calvo, sentado n'uma alta cadeira, ao centro da mesa, annunciava com solem-nidade :

— Cincoenta golpes, meus senho-res.

O Guedes já havia tomado posto junto ao rapazola que citara Pascal. O seu olhar cupido atravessava a espessa bruma das lentes verdes e cravava-se no monte de fixas que o neophyto acari-ciava cheio de esperanças, recapitulando baixinho os sabios principios do mestre. O gordo passeiava semeando fixas com calculo ; ás vezes demorava sobre um numero, trincando o grosso beijo rubro,

com as sobranceiras repuxadas por uma meditação profunda e retirava-as, n'um acesso de palpites, recuando ou avançando para outro numero.

Approximámo-nos. O doutor, sempre supersticioso, não quiz entrar na primeira parada para jogar com segurança na sorte do banqueiro.

O calvo atirou a bola que começou a gyrrar, n'um silencio cheio de anciedade — ouvia-se apenas o leve rumor que ella fazia circulando á borda da roleta como um satellite minimo em torno de um grande astro, por fim foi amortecendo, amortecendo. O gordo, que acompanhava com ancia o gyro da bola, exclamou:— Está dormindo... e inspirando: é o 19 — e precipitadamente atirou sobre o numero tres fixas.

— E' o 13, disse o Monteiro, carregando, com a cara á banda, um olho pisco, para evitar o fumo do cigarro.

— Feito o jogo — annunciou o ban-

queiro. Recolheram-se todos e o calvo, gravemente, atirando ao tapete um olhar de exame cantou : Duplo zero.

Houve uma exclamação desabrida : o numero estava livre. O *rateau* recolheu todas as fixas e já outras cahiam atabalhoadamente, algumas rolavam. Cruzavam-se braços afflictos. Os de uma ponta pediam obsequiosamente que lhes puzessem duas fixas no 3 ou no 8 e entregavam espichando-se, outros consultavam o *mostrador* compenetrados, sizudos. O Guedes escrevia n'uma tira de papel.

— 100 fixas! exclamou o doutor e eu, sacando do bolso o dinheiro que me dera meu tio dei a troco de outras tantas fixas uma nota de duzentos mil réis.

— Quer o troco em cartões ou em dinheiro?

— Em dinheiro, soprou-me o doutor. E eu, immediatamente:

— Em dinheiro...

Deram-me fixas brancas e ao doutor *sangue do boi* e começámos a cobrir os numeros, elle seguindo o sector sempre feliz, eu indifferentemente, ao azar dos dedos, atirando como quem semeia n'um campo, confiado na terra fertil. Já a bola gyrava quando o Guedes segredou-me em confidencia :

— Olhe o 8, doutor... está vasio...

— Sim, o 8, e atirei para o numero tres fixas. A minha largueza fe z pasmar o Guedes: olhou-me com enternecimento e gratidão como se me quizesse dizer na sua linguagem humilde: “ que me agradecia a confiança depositada no seu palpite tão desconceituado, já ridiculo entre os pontos.” E sahiu da melancolia com palavras confortativas :

— O doutor fez um jogo admiravel... vai ver... mas já o banqueiro annunciava com a sua gravidade de magistrado, oppondo embargos ao rapazola que despejava fixas ás tontas, em pleno, nos.

esguichos, a cavallo, no grande, na terceira duzia, como se quizesse, de uma só vez, chamar ao seu bolso os cinco massos de notas que alli estavam accendendo a cobiça.

— Jogo feito...

— Prompto! Prompto... disse o retardatario, sem arredar os olhos do tapete.

— 18, cantou o calvo e o homem do *râteau* começou a contagem: 35 amarellas.

— Minhas, disse o rapazola coçando a nuca frenetico.

— 35 azues...

O gordo, com a voz cheia, accusou: Do dégas.

— 105 brancas... eram minhas. O resto foi raspado. O Guedes, corrido, não disse palavra, limitou-se a molhar o lapis nos beiços para anotar e o rapazola, enxugando o suor da fronte, já sulcada de rugas, lastimava: “que sahira

justamente o numero em que menos jogara.”

O doutor, vendo-me carregado de fixas, felicitou-me, ajuntando em tom discreto — que não me precipitasse.

— Descanse...

— Deve ser agora o 36, disse o Guedes timido.

— Como o 36? porque?

— E' a somma de 18.

— Vá lá o 36... Jogo por sua conta... e atirei sorrindo.

O gordo, engasgado, a tossir, seguiu o meu palpito dizendo — que os estreantes são sempre felizes e atirou duas fixas sobre o n. 36. Tive impetos de declarar que jámais pensara em tal numero, que o palpito era o do Guedes, mas o pobresinho voltara para o meu rosto os oculos verdes e, através das lentes, pareceu-me que os seus olhinhos tristes imploravam. Calei-me. Deu

— Apre! bradou o de Pascal. Que sorte!

— 15... é do sector... disse o Monteiro sentenciosamente recolhendo 140 fixas — e com ironia, puxando o rapazola pela manga do veston: Applique-lhe os principios, homem... Applique-lhe os principios...

— Qual! E agitando uma nota: Mais vinte fixas! Entrara um novo ponto — um velho moreno, magro, de cavaignac. Deu uma volta distribuindo apertos de mão e acercou-se do Guedes.

— Que numeros têm dado? O Guedes entregou-lhe o papel.

— Jogo feito! annunciou o banqueiro. Prompto! Prompto! disseram vozes e, grave como sempre, o calvo annunciou: 33. Foi a minha sorte — 280 fixas. O Monteiro felicitou-me: Lindo golpe...

O rapazola sorria batendo as mãos

e sem que eu lhe perguntasse disse-me esticando o beijo :

— Estou limpo... ?

— Nove horas, meu amigo ; avisou-me o doutor.

— Sim, sim... vamos já. E' a minha ultima parada. E espalhei a esmo um punhado de fixas, afastando-me em seguida, para dar logar ao novo ponto que acompanhava todas as peripecias do jogo com vivissimo interesse. A roleta gyrou mais uma vez e o calvo com a gravidade habitual cantou : 18.

— Em branco, disse o doutor puxando-me pelo braço. Os outros, arrebatados, iam arrumando novas camadas, atulhando as casas, com uma gana que seria para receiar se alli não estivesse, na presidencia fatal, o calvo com a sua serena impassibilidade. O rapazola, sacando do colete uma nota amarfanhada berrou :

— Jogam duas fixas no 17, e aca-

mou a cedula sobre o numero com um murro.

Quando me apresentei ao calvo para receber o valor das fixas, elle sorriu com ar augusto e dignou-se dirigir-me a palavra :

— Então já ?

— Tenho compromissos...

— Apareça, disse entregando-me o bolo. E o Guedes, solícito, sahindo ao meu encontro: Apareça, doutor. Venha jantar comnosco...

— Pois sim... Pois sim. Mas o doutor, do terraço, accenou-me bradando sonoramente: “Boa noite, meus senhores!” Descemos.

Quando passamos a volta do pátio entrando na passagem que communicava com a sala, alguém que se balançava n'uma cadeira, na penumbra húmida de um socavão, indagou com um timbre feminino se não queríamos tomar alguma coisa: cerveja, cognac ?

— Obrigado, agradeceu o doutor, e como eu lhe perguntasse quem era :

— Hebe, disse elle. A formosa, a incomparavel Hebe.

Atravessámos a sala deserta, tomámos os chapéos e sahimos. A noite estava riosamente estrellada. A chuva cessara de todo, deixando no ar uma frescura humida. No mar tranquillo estendia-se tremulamente o rastro diaphano do luar e sobre o muro do cões um grupo de homens cantava em vozeirada um rondó de opereta.

— Apre ! respira-se finalmente.

— E' verdade ! Que forno que é esta casa.

— Para mim principalmente : queima-me todo o dinheiro. E n'um tom convincente : Mas a gente é de escolha.

— Pois não ; uma roda magnifica. O mesmo Guedes é um excellente rapaz.

--Excellent. Um admiravel companheiro, meio desconfiado... Vai ás.

nuvens quando alguém o chama de cabula. Sinto immenso que não tivesse visto o Balduino o *Pai* 13, como é conhecido nas batotas. Um jogador incorrigível. Diz elle que desde os 14 annos faz ronda ao *tapis vert*—Com 15 annos perdeu a legitima materna e anda agora a transviar o fructo amargo da labuta caseira—magros mil réis que a mulher e as filhas retiram da loja para onde cosem calças e colletes de brim. Mas é um excellente pai de familia, o Balduino—adora a sua gente; é tão amigo dos filhos como da roleta, é tão fiel á mulher como ao seu numero. Se consegue fazer uma feriasinha razoavel que lhe dê para um mez, entra pela casa carregado de embrulhos, enche á farta a despensa, paga as contas, resgata as joias, veste o rancho e accende uma vela de libra aos pés da Conceição, para que lhe dê um pleno volumoso. Ao jantar levanta um brinde commovido ao magni-

fico numero, e toda a familia acompanha-o com religiosidade, tocam-se as taças e Balduino desenrola mais uma vez o seu grande plano de felicidade que elle mesmo, uma noite, contou-me ceiando commigo n'um gabinete do Bragança: “Entra com 20\$, atira-os em pleno sobre o numero e ganha; deixa todo o lucro... e repete. Affronta a sorte, n'um accesso de coragem louca e ganha ainda... é uma fortuna—não ousa arriscar mais, retira o bolo e, no dia seguinte, entra em ajuste de compra com um fazendeiro—fica-lhe com as terras e estabelece uma criação de gallinhas em grande escala. Novos calculos: tantas gallinhas, tantas posturas e faz-se exportador de frangos e de ovos, conseguindo accumular em 10 annos quantia superior a 5 mil contos.

Apparecem então as ambições politicas—é um outro jogo, porque Balduino, apesar de retirado, não póde esquecer,

por gratidão, o seu início—Apresenta-se candidato, ganha a eleição, apresenta-se na camara com o diploma, faz o diabo, até que um dia inopinadamente cae-lhe em casa uma pasta... Mas Balduino, sempre fiel, não entra em exercicio senão n'um dia 13—vai protelando —ha tantos meios de protelar: enfermidade, arranjos, coisas, até que chegue o dia... e então o Brazil viverá em regallada paz com a sua administração cabulosa.” Eis o seu romance. O certo é que Balduino tem feito Africas—teve camarote no Lyrico e apresentou-se com dignidade. Dizem que, em certos dias, passa como Lucullo...

— Dava alguma coisa para ver esse typo...

— Ora espere... hoje é...?

— 8...

— Então podemos partir descansados — não vem hoje.

— Como sabe?

— E' que elle só joga nos dias ímpares — tem a superstição ás avessas...

Caminhámos lentamente, em silencio, por fim observei ao meu amigo :

— O senhor joga friamente...

— E' um engano, meu amigo : aparento...

— Mas não se distrae... Parece que não acha prazer...

— No jogo? mas muito ! Penso com os modernos que dizem que o jogo é um prazer esthetico. O gozo do jogador, pela tenacidade da emoção prolongada e forte, pela ausencia do sentimento, porque é um phenomeno todo material de sensação, excede o do artista que contempla embevecido, por longo tempo, uma obra de genio. Os sentidos, no jogador enfebrecido, atrophiam-se e tornam-se uma especie de abstracção, algumas vezes excessiva, a ponto de o deixar n'uma immobilidade de hypnotico, enquanto corre o azar da bola ou das

cartas. O jogo opera como a morphina — excitando e abatendo, é um estupefaciente. — A emoção é cruel sem deixar, por isso, de ser agradável. Se não educa o gosto, educa as paixões— a lucta com o acaso torna o homem indifferente, quasi stoico. Habitudo ás contrariedades não soffre com os revezes, acha-os naturaes, aceita-os sem protesto, passivamente, como aceita as sortes da banca. Alguem descobriu que o jogo era uma manifestação da hysteria.. foi talvez por isso que a sabia Europa instituiu para os hystericos dessa mania o grande hospital de Monte-Carlo... Mas olhe o bond... vamos.

E deitámos a correr em direcção ao bond.

IX

— Vamos refocilar na devassidão, disse o doutor quando deixámos o bond. Infelizmente a besta que trazemos em nós exige esse mergulho de quando em quando. Os hygienistas não se aperceberam desta grande verdade: o homem espoja-se. O corpo exige, com a mesma tenacidade, o exercício e a insania, a tensão dos musculos e o enervamento, como o espirito requer o real e o ideal. O vicio mantem em silencio a carne—é um repasto material. E' preciso satisfazer o animal.

Estudei profundamente o organismo do homem e cheguei á perfeita con-

vicio, não de que a vida serena é um absurdo impraticavel. A vida deve sujeitar-se ás leis do movimento—a variedade é um facto.

Confesso ao meu amigo que sou avesso ao deboche, detesto a vida de *noceur*, mas sinto, de longe em longe, necessidade de atravessar uma noite desfolhando rosas em champagne, no fundo de um gabinete discreto, com uma grisette que me recite a léria do amor, trincando lascas de fiambre e queimando cigarrilhas. Acho prazer, prazer perverso, porque sou um detestavel instincto... Estacou e disse-me de novo: um detestavel instincto... Se eu pudesse viver como me inspira o temperamento, garanto-lhe, meu amigo, que as chronicas terriveis de Gilles de Rais desappareceriam como banaes e pueris... Depravar a humanidade!... deve ser um prazer magnifico. Ver todo um mundo no vicio, n'uma orgia sardanapalesca, ao

sol, cantando retumbantemente. O vinho a correr pelo leito dos rios. Em vez de barcas, grandes cantaros fluctuando, e gente a beber, a cambalear, a cair, bezuntada e tropega, crianças e velhos, virgens, monjas, tudo, a babel terrível do satyrismo, n'um diluvio roxo escoado de todas as torneiras e de todas as vinhas... que delicia! E calmo: E' uma necessidade o vicio, tenho convicção.

Jogo e depravo-me como empanturro o estomago, como ingiro a medicina. Para mim a pilula e a esphera da roleta pertencem á mesma therapeutica, operam diversamente, mas operam. — Para os males do figado calomelanos, para o tedio uma parada commovedora. As mulheres interessam-me pela estranheza do typo—adoro a mulher de amor, não pelo seu beijo, mas pelo seu estudo, porque é curioso ver como esses animaesinhos sabem attrahir. Algumas, pobres camponias, ainda com as mãos grossas do

cajado com que andaram a pastorear nos campos, conhecem melhor a arte de agradar, as delicadas minudencias do amor que interessam, que prendem, que sensualisam, do que as eruditas educadas em finos boudoirs, lendo brochuras ardentes. Acho adoravel a cocotte—é um sexo neutro — alguma cousa de homem, a tactica commercial, alguma coisa de mulher, a hypocrisia. De resto é uma valvula de segurança social.

Um contemporaneo da academia, rapaz de finissimo espirito e talento não vulgar, dizia-me sempre que sentia de tempos em tempos necessidade de embriagar-se. Encerrava-se e bebia. Era uma medicina.

Aventurei citando o Simão Carreira, que nos momentos em que a musa lhe foge vai ao pucarinho e derreia bebado, acordando no dia seguinte dyspeptico e amarrotado, mas com a imaginação fulgurante e provida para um novo canto

do seu poema ou para meia duzia de sonetos, que immediatamente registra para o *Correio da Serra*, eminentemente litterario para as alturas em que vê a luz.

— Mas é assim, meu amigo. A castidade atrophia, deprime, suffoca o espirito. O amor é um derivativo. Não o amor sentimento — o amor sensação. Afinal, que vamos nós buscar no fundo de um theatro—prazer? distracção? arte? não absolutamente—vamos cevar o animal—E' uma necessidade.

No meu programma de educação, inapplicavel, porque não tenciono perpetuar a minha crise de spleen dando ao mundo um representante de meu tedio e das minhas desillusões, entraria como curso fundamental — o vicio. O vicio, pois não.

O epigono constitue o seu character com mais vigor nos camarins e nas tas-cas do que nas escolas. Que diabo ensi-

na o mestre—ensina a evitar o vício, o que vale dizer — mostra outro vício. E' uma verdade o que Comte deixou escripto : “ Não se destróe senão o que se substitue ”.

Afinal a vida é uma constante marcha e a natureza tem as suas leis. Para seguir é preciso tomar rumo — O mestre diz que não se vá pela direita ; então o caminho da moral é o da esquerda e ahi vai o pimpolho arrebatado pelo temperamento e induzido pela logica do pedagogo para peor deveza.. E por fim a educação inutilisa um homem que podia ser perfeitamente aproveitado... Meu amigo, os primeiros ciumes fazem os futuros bravos, os primeiros amores fazem os futuros poetas. A moral é uma palavra vã ; toda gente a pronuncia e poucos a praticam. Qual moral, qual nada... o corpo exige. Em-mudeceu de repente.

Haviamos chegado a um largo, e

na parte fronteira á rua por onde seguimos, uma grande cauda da luz electrica alastrava o passeio argentando as arvores e ás vezes ganhando os céos como uma esteira de luar.

—Variedades, disse-me o doutor... Mas se fossemos ao Sant'Anna?

—Como quizer...

E seguimos. O doutor depois de um silencio avisou-me: Mas não se illuda—olhe que a caixa de um theatro é um pouco peor que a caixa de Pandora...

—E a esperança, doutor?

—Fica á entrada, como no distico do Dante. Vai ver de perto a illusão, que é uma triste realidade. E voltando a rua: Eis-nos chegados, disse.

A' porta do theatro formigava uma multidão impaciente. Logo que nos approximámos dois sujeitos avançaram pressurosos, offerecendo nos bilhetes:— que eram os melhores, que na casa só

havia da ultima fila e perseguiam-nos tomando-nos o caminho, embaraçando-nos o passo, soffregos, afflictos. Safámo-nos briosamente e ganhámos a bilheteria. Tomei a frente ao doutor e, enfiando a mão pelo guichet, bradei :

—Duas cadeiras...

—Uma! Uma só... disse elle.

—E o senhor ?

—Não preciso... tenho entrada.

—Uma, emendei, uma cadeira. E recebendo o papelucho das mãos do bilheteiro examinei-o: Letra L... que tal ?

—No inferno... Mas como não tencionamos assistir, tanto faz uma como outra. Vamos.

O doutor encaminhou-se vaidosamente e confesso que pela primeira vez em minha vida senti picar-me a inveja vendo-o passar entre os porteiros n'um lento andar senhorial e grave, sem uma palavra, como se entrasse por sua casa.

A mim tomaram o papelucho e rasgaram uma nesga entregando-me o resto, ao doutor disseram com respeito: Boa noite.

Achei-me n'um estreito pateo de terra humida—Para um lado um correr de portas verdes com um oculo ao alto; para outro lado, mais adiante, um balcão de bebidas—na mesma direcção um tablado coberto, cheio de mesas de zinco por entre as quaes passavam atarefados caixeiros carregados de copos. Mulheres subiam e desciam opulentamente vestidas, saracoteando, com grandes leques de plumas, deitando olhares, franzindo sorrisos; outras tagarelavam em grandes rodas de rapazes, com gargalhadas estridentes; e uma velhusca, de preto, com uma barbicha no queixo, como as feiticeiras celedonias que Macbetti consulta, estremecia, mostrando as gengivas desertas, rindo estridulamente aos galanteios de um menino de chapéo de palha e terno de flanela branca.

—Vê este seculo, meu amigo ?

—E' a propria velhice...

--E' Venus ancestral. Essa mulher que vê é o centro do mundo equivoco— ella é quem dirige as neophytas e dizem que tem um curso admiravel de sciencia. —Dá lições diarias ás que pretendem fazer carreira pelo caminho que Laïs trilhou arrastando poetas e o tonel de Diogenes. E' uma mulher digna de consideração—sem ella não haveria novos encantos, nem os languores imprevistos. A sabedoria está com os velhos, meu amigo... E baixinho soprou-me :—Olhe a Marion, evitemol-a. Era em verdade a loura, a formosa loura ciumenta e aspera que acariciara os meus sapatos com o seu pésinho minusculo.

—Se a convidassemos para a ceia, doutor?...

—Não... não... Excede-se e dá para chorar a sua infelicidade, porque essa divina mulher tem saudades da patria e

da honestidade e quando bebe vinhos de França lamenta não ter um filho e fica de tal modo nostálgica que ao cabo da lamentação saudosa é sempre necessário que venham tres homens para levá-la ao carro. Não... não... Evitemol-a.

Marion bebia e tão entretida estava com a sua garrafa de Apollinaris que não deu por nós.

—E' sobria entretanto—bebe agua, á grega.

—Sobria? quem...? Marion...?! porque está bebendo Apollinaris? Pois não. Conheço muito essas medidas preventivas... é que ella conta ceiar, meu amigo, e está recompondo o estomago para um diluvio de Bourgogne.

Mas vamos. Tomámos por uma das alas do theatro e justamente quando voltei os olhos para a scena entrava um grande diabo, brandindo um facho, a bradar coisas terriveis, cheias de indignação e alumiadas por fogos de bengala.

A orchestra ia n'um crescendo infernal —quasi se não ouvia a declamação do maldito quando surgiu uma legião de diabos purpureos, truculentos, dansando em torno do rei a berrar, a bramar, á proporção que os musicos, n'um delirio satanico, sopravam com furia, batiam com gana, dando ao espectador pasmado a idéa approximada do que deve ser a musica nesse reino negregado de chamas, onde as almas penam torrando se em labaredas inextinguiveis, sob abobadas de granito em braza. Felizmente, porém, houve uma pancada vibrante e os demonios sumiram. Cahi um novo panno: paisagem risonha. Uma aldeia verde, e branca entre arvores, a torresinha de uma egreja, e um rio a correr docemente pelo relval—o céo muito azul e camponios malhando em palha e cantando um villancete meigo.

— Olhe a Jesuina... disse o doutor. Vê aquella velhota que acaba de entrar?

aquella que alli vem por entre as arvores... ?

— Vejo... é uma antigualha.

— E' uma formosa rapariga... Vai convencer-se...

Os homens, que se apertavam á minha frente, pouco me deixavam ver.

— Puz-me nas pontas dos pés, já interessado pela velhota, quando subitamente vi surgir o demonio, sem archote, os braços cruzados, n'uma attitude hostil, e berrar :

— Fada... não sei que... e uma infinidade de palavras que deviam ser de insulto, porque a velha tomou tambem uma attitude feroz e avançou hystherica, vociferando :

— Ainda não !... Cahiram-lhe os andrajos, o cajado transformou-se n'um sceptro enramado de folhas de ouro e eu vi uma esplendida mulher, de fórmias admiraveis, resplandecente na sua toilette feerica.

— Linda, com effeito, doutor ! disse maravilhado.

— Ah ! é esplendida ! E languido, com os olhos em alvo, trincando o beijo : E que mulher !

Houve um alarido em scena. Os camponios deitaram a correr e só ficaram os dois irreconciliaveis — o diabo negro e a fada. — Houve nma troca de palavras e novo *tchaan !* e novos pannos acima e abaixo—Jardim florido, entre grutas. Mulheres : nymphas, disse-me o doutor, tangendo lyras e cantando. Cahiam do céo, como na lenda de Danae, palhetas de ouro e o diabo, estortegando, vencido, urrava com os joelhos em terra e a fada, com um gesto cheio de magestade, mantinha-o alli, subjugado e immovel. Romperam palmas e o panno veiu descendo lentamente.

—Vamos falar á Jesuina.

—Pois não, doutor. Pois não... E partimos através da multidão que recuava.

O doutor bateu á porta da caixa e logo appareceu ao postigo uma cara ossea, macilenta, hispida de pellos indagando soturnamente: Quem é?

— Abre, Amaro.

O cerbero sumiu batendo o postigo e logo abriu meia porta por onde nos esgueirámos rapidamente. Ambiente de estufa — mal se podia respirar. Caminhámos, e não havíamos trocado ainda dois passos quando vi surgir a uma porta o truculento diabo, abanando-se, com um charuto nos beiços, muito ancho. O doutor acenou com os dedos um cumprimento intimo. Entre os bastidores torvelinhava a gente do movimento arrastando peças accessorias, içando nuvens, pregando sarrafos. Dois homens, agachados junto de uma rocha sarapintada, ajustavam cordeis e um moreno, de sobrecasaca, a cara raspada, berrava para as bambolinas: ó Candido! ó Candido! desce mais essa vista! mais! mais,

homem! Que diabo... mais! e bateu uma patada formidavel — Mais á frente...! mais á frente...! ordenava um outro, alto, de cavaignac, aos homens que collocavam a rocha... Ahi...

Um soldado, com o capacete atirado para o sinciput, passeava de um lado para outro, cantarolando; um pequenote passou por mim esbaforido, arrastando uma carapaça de saurio com grandes escamas. Era difficil atravessar-se, porque de toda parte surgiam genios, demonios, soldados, mulheres, atropelando-se, azafamados, lançando appellos, a correr, empurrando-se. O doutor avançou e mostrando-me uma escada larga por onde desciam coristas trauteando disse: Vamos subir... Isto aqui em baixo é impossivel.

E galgámos os degráos, ganhando um passadiço por onde andavam actores, refrescando-se com grandes ventarolas. Um em traço de principe, vociferava no

camarim, sacudindo uma gaforinha loura: que aquillo era uma vergonha, que era um nojo. E sahiu bradando: ó Ferreira! ó Ferreira! Vocês não viram por ahi o Ferreira! Ah! grandissima besta!...

—Mas que é?—indagou um escudeiro açaçapado e ventrudo, arrastando a durindana ferrugenta.

—Olha p'ra isto... e tomou a cabelleira nas pontas dos dedos. Isto é decente? Pois eu hei de entrar em scena com esta peruca?! Não entro nem que me rachem! E berrou de novo: ó Ferreira! ó Ferreira! Um outro assomou á porta de um camarim, em ceroulas, todo sarapintado: ó Ferreira! Onde é que se mette esse pedaço d'asno, não me dirão? O' Ferreira!

Passámos através do alarido, e como olhasse por uma porta entreaberta, sorprendi um lindo braço nú, de esbelto contorno e avisei o doutor.

—Ahi? é uma certa Clotilde... detesta-me; de resto não vale um olhar... é mulher de banhas fofas... Vamos á nossa Jesuina. E' aqui. O doutor parou diante de uma porta e bateu :

—Quem é.

—Eu, Jesuina.

—Eu, quem? Estou occupada.

—O Gomes...

—Ah! Espera... E a voz, mais proxima, indagou : Estás só?

—Não, mas é como se estivesse— trago comigo o Amor que tem os olhos vendados.

—Oh! filhinho... não estou em estado de receber. Mas a chave rangeu na fechadura, a porta descerrou-se e eu vi o rosto adoravel da fada.

—Como vais, meu amor? indagou lançando para o meu lado um olhar obliquo—e baixinho: Espera um momento—abro já, sim?

—Recolheu-se e voltámos a passear.

Ainda gritavam pelo Ferreira. Debruçámo-nos á balaustrada: em baixo andavam soldados antigos, com grandes escudos rutilantes, jacarés arrastando caudas enormes, monos, demonios e camponezes, uma promiscuidade mirabolante, gente e animaes, n'uma intimidade só comparavel á que existiu entre esse troço de salvados que andou pelas aguas do diluvio dentro da arca, para perpetuar as especies. Fios de luzes tremeluziam ao alto, por trás dos pannos. Subiam vistas, arrastavam-se bastidores -- havia um grande rumor de faina. De repente uma voz fanha entoou

Nu... unca percas a esp'rança

e outra violenta e desesperada esbravejou: — Quem diabo tirou d'aqui as minhas botas? Isto é uma pocilga... A' seu Alvaro!... Quem diabo tirou d'aqui as minhas botas?

Foi, foi, foi...

outro cantarolou em tom de troça. Trouvou-se um dialogo azedo através do tabique divisorio de dois camarins e riamos dos palavrões, quando uma velhota nos veio dizer que — “madama estava prompta”.

Fomos immediatamente, e á porta o doutor lisonjeiro indagou com ternura: — Dás licença, Titania?

Entrámos. O doutor apresentou-me como “favorecido das musas”. Jesuina sorriu e mostrou-me um divan forrado de damasco vermelho. A velhota, que nos acompanhara, tomou de uma prateleira um par de sapatinhos brancos debruados á sarja, agachou-se, e com os pésinhos de Jesuina ao colo calçou-os sem esforço, suavemente. E ella, delicada e meiga, voltando para o meu rosto os seus olhos admiraveis:

— Desculpe-me, doutor. Vou concluindo a minha “toilette”, porque infelizmente esse maldito contra-regra é de

uma impaciencia feroz. A velhota levantou-se e foi ao canto.

— Agora é que são ellas ! disse Jesuina a rir. Vamos ao peor. E franzindo a fronte serena : Que calor, hein ?

— Muito, disse eu, bufando.

A velha voltou com uma cotta de seda salpicada de pequeninas malhas de ouro e deu-lh'a a vestir, primeiro um braço, outro depois, e as duas, a velhota de joelhos, Jesuina, muito direita, firme, obrigada pela pressão das barbatanas, começaram a abotoar, uma da fimbria para cima, outra da gola até á cinta, apressadas, magoando os dedos.

Depois uma tira de filó em diagonal ao peito cahindo em duas pontas soltas sobre um dos flancos ; duas pulseiras em cada braço e á cabeça, comprimindo os cabellos, um diadema altissimo com um brilhante á frente.

— Prompta ! exclamou a velhota levantando-se.

— Graças a Deus ! suspirou Jesuina sorrindo. E a vara?

— Está aqui. .

— Estás divina ! disse o doutor abraçando-a e beijando-lhe a nuca.

— Oh ! oh ! E' terrível este seu amigo, disse-me. E o doutor tomando-lhe a frente impoz :

— Hoje vens ceiar connosco...

— Hoje...!

— Hoje, e não admitto desculpas...

— Se assim é, disse ella com um momo... que hei de fazer...? Verteu algumas gottas de perfume na palma da mão e esfregou-as dando-me depois a aspirar:

—Delicioso — sussurrei, fungando.

—Speciosa... Mas a sineta vibrou e um mulatinho appareceu á porta :

—D. Jesuina...

—Vou já...

—A que horas acaba esta rigolade ? perguntou o doutor.

—Meia-noite...

—Pois até lá... E vai ter com Satanaz, que te espera.

Despedi-me também e descemos.

A orchestra executava os primeiros compassos de uma marcha infernal, quando de novo ganhámos a frescura do jardim.

—Então, meu amigo?

—Divina, disse eu. O diabo é que isto demora. Que havemos de fazer...?

—Vamos para a cerveja... não ha outro meio de fugir á insipidez.

E abancámos.

—E dizer que toda essa gente goza... ponderou o doutor, n'um tom melancolico de lastima. Isto que me enfada, que me provoca bocejos, faz as delicias de uma multidão. Olhe alli aquelle homem debruçado sobre a balaustrada... quanto eu daria para poder rir como elle !

Decididamente esse casal do paraíso levou-nos o melhor da vida—a innocencia, deixando-nos em troca o tédio. Felizes

os simples ! Não imagina como eu invejo um desses homens que são specimens raros do animal primario, que se destacam entre os civilizados como um grande cedro n'um campo raso. A's vezes, quando passo por uma dessas casas de pasto onde todo o grosso povo de trabalho reúne-se para comer, tenho impetos de entrar para sentar-me no mesmo banco, acotovellando estivadores e canteiros, fascinado pela voracidade pantagruelica desses brutos que devoram pratos enormes, com mais appetite do que um de nós, em dias de fome, trincaria uma fatia de *foie gras*. Nós somos os degenerados...

Que mais pode ambicionar um homem que já experimentou todas as sensações e que leu os materialistas? Que ideaes póde ter um ser esgotado? Nem riso nem pranto... Sinto-me vasio e inutil.

Já não existem imprevistos para mim.—Tudo dimana de causas naturaes,

diz a philosophia, e acham os evolucionistas que feliz é o homem que conhece todos os phenomenos da natureza, que sabe dizer, sendo preciso, por que razão a pedra deriva a gotta d'agua, para onde caminham as correntes dos rios, quantos millenios tem Syrius, porque é pallida a lua, quaes são as causas que presidem aos fluxos dos mares, a origem do homem e tudo mais que a sciencia investigou para esterilisar os productos mais delicados do espirito, que, a meu ver, são—a imaginação e a esperança. Felizes são esses pobres homens que creem nas boas fadas dos caminhos e nos genios dos campos. Felizes são esses que veem na Via Lactea o caminho sagrado dos reis magos, attribuindo a pulverisação das nebulosas ás patas dos dromedarios que vieram do remoto Oriente parar á porta do khan em que Jesus dormia. Felizes são os que podem ainda imaginar mysterios... Oh! os

crentes, os religiosos ! esses é que são os bemaventurados, não no céu, aqui mesmo, na terra, porque esperam, porque não duvidam.

Aquelle homem que alli está desfeito em gargalhadas nunca leu um aphorismo, desconhece a syntaxe e as causas finaes, nunca atravessou uma noite acotovellado á banca do jogo, nem de certo polluiu os seus beijos procreadores—é um simples.—Trabalha e crê, conhece o *Ave* e respeita a Lei, ama, e quando chega á casa, estafado e moido, o seu primeiro cuidado é para o filho mais novo—toma-o sobre os joelhos e brinca com elle rindo muito. E dorme em paz, porque não tem problemas a resolver nem gazes de dyspepsia—E' um animal amoroso e puro...

Mas, sinceramente, não é preferivel levar a vida assim materialmente, n'uma ignorancia beata, abençoando as estrelas cadentes e commungando de vez em

vez, a andar pelo mundo empanturrado de pessimismo, repetindo com o “Ecclesiastes” que tudo é vaidade? O homem não nasceu para maldizer sómente, creio eu. “A resignação é o heroismo da desgraça”. Um moralista exprimiu-se mais ou menos nestes termos, mas eu devo confessar que não tenho absolutamente o sangue heroico—sou um pusillanime. Deem-me novidades, imprevistos, qualquer coisa que me commova... um grande amor, um grande odio... Infelizmente, porém, o amor adquiero-o como adquiero as luvas e os plastrons, por um preço, por outro, mas sempre a dinheiro... é sordido! é vil... Não foi para mealheiro que Deus ou não sei quem fez o coração—o amor é uma permuta de affectos e não um mercado... Mas, que quer? comprar um beijo... pagar um sorriso... subornar uma meiguice... é a civilisação, é o requinte, é o espirito.

Duas mulheres passaram por nós

discutindo n'um dialecto aspero, esgrimindo com os leques, frementes, terribes—As vozes subiam, já da platéa voltavam-se reclamando silencio com prolongados “psios”. Os homens que cercavam a balaustrada, interessados pelo escandalo, vieram approximando-se. Descia gente em tropel e as duas, uma em frente da outra, ameaçadoras, mirando-se, roxas de furia, vociferavam com grandes gestos. Bruscamente brandiram os leques e engalfinharam-se—os chapéos rolaram para o chão, as fitas voaram e, apezar da immediata intervenção de alguns rapazes, as duas luctavam, já com os leques partidos, n'uma algazarra terrivel.

Na platéa havia gente de pé—Os actores, em scena, emmudeceram, e o grande diabo, curioso, coçando o queixo aculeo alongava os olhos procurando ver á distancia as heroínas; os coristas, amontoados sem ordem, cochichavam.

O regente voltara-se, e varios musicos, de pé, olhavam curiosamente; um deixou-se estar sentado, aproveitando a balburdia para afinar o seu violino. Trilaram apitos, mas já haviam apartado as belligerantes. Appareceram praças, e o povo foi descendo, n'uma onda compacta, em direcção á porta. Ouvia-se ainda, de vez em vez, um guincho colerico. Por fim irrompeu uma assuada tremenda e gargalhadas estrepitosas abafaram as phrases violentas de uma das mulheres. Já no palco haviam recomposto a scena, o diabo carregara de novo o sobr'olho e quando avançou para o ponto sustentando uma nota grave, o povo reclamou de novo silencio e pouco a pouco foi tudo recahindo em tranquillidade.

— Foram presas, doutor?

— Não, fazem-n'as sahir simplesmente. Estalaram palmas estrepitosas — olhámos: o panno vinha descendo lentamente sobre uma scena flammejante.

— Falta-nos ainda um acto, suspirou o doutor. E não ha infelizmente duas outras mulheres ciumentas.

Ao fim do espectáculo, depois de uma fulgurante apothese no reino das perolas, de grandes pylonos côr de opala, regados d'aguas lactescentes floridas de nelumbos por onde andavam cysnes alvadios, reino administrado pela magia dos olhos de Jesuina e pelos cordeis do machinista, veiu abaixo o panno ao som abemolado do cõro triumphal das nymphas que exaltavam o poder da soberana. O diabo, corrido e humilhado, estarrecido ao fundo, entre columnas gyratorias rugia, rolando os grandes olhos chammejantes e orlados de malacachetas. O povo, em delirio, prorompeu em gritos, victoriando a boa fada pelo seu nome humano, mais doce talvez que o da magica — A' scena, Jesuina ! Bravos a Jesuina ! E uma voz isolada accres-

centou n'um berro agudo: Jesuina na ponta!

E tudo desapareceu.

A retirada foi rumorosa e lenta — O povo escoava aos empurrões como uma grossa e pesada torrente contida muito tempo pela comporta de uma represa. As luzes minguavam e pouco a pouco veio cahindo a sombra; o silencio substituiu o rumor. O panno levantou-se de novo sobre um fundo de andaimes e de sarrafos. Fóra andava um menino-te, assobiando baixinho, com a bengala ao hombro, passeiando ao longo da varanda.

O doutor levantou-se: — Vamos esperal-a á porta da caixa. E, em segredo, indicando-me o rapazito solitario:

-- Alli está um que nos vai desejar muito mal... é um terrivel amoroso... E' o chefe do partido da Jesuina, só em flôres gasta todas as noites para mais de cinco mil réis. .. Já fez tirar uma polyan-

théa glorificando a actriz, que incontestavelmente tem um lindo collo, mas que desafina soffrivelmente e no terreno da concordancia é como um louco diante de um taboleiro de xadrez: baralha tudo. Emfim, como o fim utilitario da mulher é o amor, a Jesuina cumpre admiravelmente o seu destino na vida, porque, sem encomios, é uma linda figura feminina...

Começavam a sahir os actores; alguns com embrulhos debaixo do braço. Uma mulher, de mantilha, passou por nós ninando um pequerrucho. Um sujeito magricela, de longas pernas e farto bigode, com agudas saliencias de ossos, deu-nos boa noite em tom amigo.

— Quem é? indaguei.

— E' o diabo... pois não conheceu...? é o diabo...

Voltei-me para ver ainda uma vez o vencido, elle lá ia, murcho e sorumbatico, mascando uma ponta de charuto,

triste, desmanchado, já sem os arreganhos terríveis, sem a attitude audaciosa e ostensiva com que surgia entre os seus sequazes, bradando pelas fúrias do Averno e arrancando gritos ás crianças. Ia abatido e não era, de certo, o poder da vara de Jesuína que o derreava, não, deviam ser preocupações communs... talvez tivesse um filho doente, sogra de perfeita saude ou quem sabe se esse pobre diabo não estava ameaçado de ser lançado á rua pelo senhorio feroz...? Fosse o que fosse, achei-o mais sentido dentro do frak e nas suas calças de brim do que na farpella purpurina de rei dos demonios, aniquilado pela magia das pupilas de uma mulher tres vezes mais forte com as suas nymphas do que elle com a sua legião de bruxos negros e diabretes.

Em seguida, um casal, muito aconchegado, cochichando — a mulher com uma indignação mal contida, elle calmo,

muito grave, respondendo com pequenas phrases. Depois uma onda tumultuosa, com alarde, achincalhando coplas —os coristas.

—Está demorando... disse o doutor impaciente... mas... no mesmo instante a porta abriu-se e Jesuina appareceu no patamar, seguida da velhota.

—Salve a formosa apsara ! saudou o doutor.

—Estão cansados de esperar? indagou sorridente.

—Nem por isso...

Jesuina pareceu-me menos formosa no seu vestido marron e com a cabeça coberta por uma capota de veludo. Confesso—e vai nisto uma ingenua franqueza—confesso que a Jesuina que meus olhos aguardavam anciosos e desinsofridos era a outra, a que eu vira no palco, entre nymphas, na nudez artistica do maillot, afoufada em rendas, com os cabellos soltos e á frente o diadema

régio. Era assim que eu esperava que apparecesse, de sorte que tive uma pequena desillusão quando ella assomou á porta, em toilette vulgar, como todas as mulheres, ella, que para mim não era outra senão a propria, a verdadeira fada das perolas, como diziam os cartazes e como eu a vira em scena.

O doutor, gentilissimo, disse-lhe:

—Acceita o braço que te offerece o meu amigo, tenho ainda de dar um pulo á Maison para desfazer um compromisso. E' um instante. Comprehendi a delicadeza do pretexto e adiantei-me pressuroso, e ella voltando para o meu rosto os olhos incomparaveis, ainda assim menores do que os que me haviam seduzido, indagou:

—Onde vamos?

—Onde quizer... disse-lhe.

—Ao Bragança, não é?

—Ao Bragança, sim.... acudiu o doutor... E venham vindo porque já os

encontro no Rocio... E até já. Partiu como uma flecha.

—Seraphina, podes ir, disse Jesuina á velhota.

—Boa noite, meu senhor... Então até logo...

—Adeus! E a velhota partiu compondo o chale e perdeu-se. Sahimos. A' porta havia um homem, de gorro, que nos offereceu um carro...

—Sim, vamos... disse eu.

—Oh! não vale a pena... Tomar um carro para ir ao Bragança! Não, vamos andando .. e já intima, maliciosa, apertando-me o braço: E' tão preguiçoso assim?...

—Absolutamente...Gosto de andar... mas... E não me atrevi a dizer-lhe a verdade: eu não sabia onde era o Bragança. Felizmente, porém, o doutor surgiu a uma porta.

—Oh! pois ainda vêm ahi..?

E adiantando-se : Os corações já se fizeram amigos... ? E ella, repousando no meu braço, com um languido olhar e um doce sorriso : Creio que sim...

—Creio que sim, corroborei...

Mas o doutor deteve-se para dizer em tom sentencioso :

—Devo observar aos meus amigos que o amor é um sentimento digno, que deve ser cultivado como uma flor preciosa, mas acima do amor ha alguma coisa que é preciso não esquecer...

—Deus ! disse ella com beatitude...

—Não, filha, o estomago... Vamos confortar-nos e depois, amantes, abri os vossos corações ao trefego Cupido. Depois de um gole de champagne os beijos têm mais sabor.

E partimos os tres ao longo do Rocio.

Triste manhã.

Bocejei espreguiçando-me e estirei-me na cama, mas com que alquebramento! Sentia uma fadiga de longas jornadas, como se tivesse viajado sem repouso grandes e estiradas leguas difficeis, ao sol, curtindo fome e sêde. Doiam-me as pérnas, resistindo como se as prendesse uma ankilose tetanica e que saburroso gosto, Deus meu! e que dormencia de idéas!

Tentei, por vezes, saltar da cama, mas a energia abandonara-me. O corpo, apezar do esforço, abatia amollecidamente. Deixei-me estar deitado, com os olhos no docel e nessa attitude inerte recapitulei as scenas da noite da vespera.

A ceia! Regalado repasto! Lembrome que começou por uma salada de lagosta que o doutor acolheu com uma prelecção sobre os molluscos e Jesuina com palmas e gritinhos... O que veiu em seguida não sei bem e não me seria

facil recordar, porque, emquanto o criado substituia pratos e garfos, emquanto o doutor recitava dythirambos gabando a excellencia dos vinhos de França e do Rheno, eu extasiava-me nos olhos seductores de Jesuina, que, de vez em vez, abrindo sobre as nossas cabeças o leque de pennas como a aza do amor, protectora e discreta, dava-me um beijo mais doce do que o vinho, oh Sulamita ! mais doce do que os favos deliciosos das abelhas, Aristêo !

A palestra erudita, finamente colorida e nobremente elegante do doutor, perdeu-se. Era em vão que elle recapitulava as orgias primévas e os festins colossaes dos antigos... Que me importavam as dyonisiacas ! que me importavam os brodios de Roma e de Carthago se eu tinha alli, ao alcance de meus labios, a vinha por excellencia — que eram os labios da Jesuina. Que falasse o doutor, que não parasse nunca a corren-

te doutissima das suas palavras, Jesuina com o seu arrulho de pomba mansa prendia-me, absorvia-me todo e eu não tinha ouvidos senão para o que ella dizia e meus labios não respondiam senão aos seus beijos.

Vinhos diversos subiram da adega preciosa do Bragança e da adega á minha cabeça. Provei de todos porque Jesuina queria que eu bebesse á nossa felicidade, ao nosso amor eterno, á estrellá que nos illuminara o encontro, aos seus olhos, á sua bocca... e eu, vencido, bebia sem murmurar até que por fim o doutor, sempre fecundo em idéas, encommendou um punch em chammas, ardente como o nosso amor.

Veu n'uma grande terrina fulgurante e allumiou a mesa com um clarão tábido. O doutor, n'um assomo, ergueu a sua taça e pronunciou um brinde, em que passaram, lembro-me vagamente, as gerações que adoravam Agni, o immor-

tal, o lume eterno e veiu pelos caminhos difficilimos da historia parando em todos os templos para mostrar sempre, no mais reservado do ádyto, a chamma vigilante, que é o symbolo da fé. E bebemos.

Param ahi as minhas memorias dessa noite. Do que mais houve não sei —tenho o estomago abrazado como se tivesse emborcado a terrina engulindo vorazmente o punch em chammas.

Meu tio, surgindo á porta do quarto, com uma physionomia grave e carregada fulminou-me com o seu olhar.

—Bom dia, meu tio.

—Bom dia, disse-me elle, puxando uma cadeira para junto da cama.

Compuz as cobertas, enfiei os dedos pelos cabellos para alisal-os e esperei grandes coisas, porque certamente iam cahir grandes coisas da bocca de meu tio.

—Então... que foi isso de hontem?

—Isso o que, meu tio...?

—Ah! meu sobrinho... razão tem teu pai—elle é que está no caminho da verdade... Na carta que me escreveu disse-me que não te dêsse liberdade, que te trouxesse sempre debaixo das minhas vistas, porque tu és ainda muito criança apesar dos bigodes que tens. Decididamente és ainda muito criança, concluiu meu tio, baixando a cabeça como fulminado por um pezar profundo.

—Mas que houve, meu tio?

—Que houve? ainda perguntas..! Disse e levantou-se. Foi a um canto e, tomando de cima de uma cadeira um casaco que eu reconheci immediatamente, abriu-o diante de meus olhos. Estava enlameado e roto.

— Que é isto, Anselmo...?

Baixei os olhos e não tive uma palavra, mas confesso que eu mesmo não poderia dar o motivo daquellas nodoas nem daquelles rasgões.

— Não sabes..? foi a ceia de hontem.

— A ceia de hontem !

— Sim... ficaste enlevado pelos olhos de uma actriz e foste demais ao cantaro... finalmente esquecendo todas as regras da educação e do cavalheirismo, desmentindo o teu character e manchando o nome dos Ribas, quizeste... Mas tu estavas doido? indagou meu tio assomado, agarrando a cabeça com ambas as mãos. Tu estavas doido, rapaz !

— Não sei, meu tio...

— Que diabo, eu tambem bebo...

— Mas eu não bebo, meu tio... foi uma vez... um incidente...

— Sim... um incidente, que teria funestas consequencias se, em vez do doutor que é um cavalheiro, fosse outro homem...

— Mas que houve, meu tio..?

— Que houve ! Pois não te lembras que esmurraste o doutor n'um gabinete do Bragança !

— Eu! bradei saltando da cama.
Eu...!

— Tu?!

Emmurcheci de vergonha e só levantei a voz para declarar peremptoriamente que partia á tarde, pelo nocturno.

— Hoje...

— Sim, meu tio...

— Pois então avia-te, porque são quatro e meia.

— Quatro e meia... Eu então estou dormindo...?

— Ha doze horas, senhor meu sobrinho... Ha doze horas... e solemne, sem mais dizer, retirou-se do quarto.

Foi morrendo o rumor dos passos de meu tio e achei-me só com o meu remorso. Baixei os olhos para o pellego amarello e vi as minhas botinas manchadas como o nome immaculado e probó dos Ribas que eu arrastara sem escrupulo pelos canaes do vicio, como

um podengo estafega e arrasta pelas sargetas um farrapo inutil. Tentei aturados esforços para reconstituir a scena nefanda que tanto me rebaixara aos olhos do meu digno tio, mas a embriaguez correra um denso véo sobre o passado. Sentei-me na cama como um bonzo e meditei sobre os acontecimentos dessa noite de depravação e delirio, mas só consegui lembrar-me dos olhos da Jesuina — divinas pupilas de mulher, supercilios divinos! Por fim o raciocinio foi desbastando pouco a pouco a densidão alcoolica e deduzi com profunda logica que se eu esmurrara o doutor não fôra sem motivos, a menos que o punch illuminado não me tivesse enlouquecido por momentos... Mas do fundo do meu amor levantou-se o espectro terrivel do ciume — ah! fôra de certo o ciume o movel desse crime. O doutor, apesar das doutrinas que expende, é um azevieiro como D. Juan e a Jesuina não é

mulher que se despreze, principalmente depois de uma terrina de punch em chammas... e assentei que quem armara o meu braço, quem fechara o meu punho para os murros fôra esse mesmo sentimento que fez do mouro apaixonado um estrangulador e que em nossos dias, na cidade tranquilla do meu sertão, armou uma scena de escandalo na sacristia da igreja parochial, em que me lavei dos peccados e ganhei o nome de Anselmo, entre o padre Coriolano e o sapateiro Gaudencio, afinador de pianos e trombone da philarmonica. O ciume..! Jesuina ! devo-te a triste desgraça de ter molestado o meu illustre e douto cicerone... Se algum dia o domares com os teus olhos doces e crueis arranca-lhe do fundo do odio o perdão para os murros que por teu amor lhe dei, lembrando-lhe que Jesus tambem perdoou, invocando piedosamente, com a santissima resignação de martyr, a clemencia do Pai para os

legionarios: "Perdoai-lhes, meu Pai! elles não sabem o que fazem!" Eu tambem não sei que fiz, palavra de honra, posso mesmo ajuntar que não foi por querer.

Que fazer? Correr á casa do doutor para pedir-lhe que relevasse a brutalidade do meu vinho brigão, confessar a minha fraqueza.. ? não. Decididamente só me restava um alvitre—era voltar á minha terra e esconder entre as arvores que me viram criança, boas arvores amigas que me carregaram tantas vezes nos seus braços verdes, a minha vergonha, o meu opprobrio. Era de certo a resolução mais acertada e mais digna.

Saltei da cama e enfiei as calças adiantando-me para o espelho, curioso de ver a devastação de minha physionomia e não foi sem pasmo que reconheci todos os meus traços intactos—apenas a barba que apontava punha-me uma orla azul pelo queixo, e os olhos que pare-

ciam pisados—no mais era eu mesmo, fresco e forte, com as minhas côres de serrano, com os meus cabellos negros, em buces, como os do Apollo. Vendome, esqueci por momentos toda a estroinice e admirei-me e pensei com vaidade que a Jesuina, no silencio do seu boudoir, quando se lembrasse de mim, havia de lastimar a minha ausencia e quem sabe se aquelles olhos formosos não humedeceriam lenços por minha causa, quando eu, já em caminho, de volta ao lar, fosse revendo esses campos monotonos e essas varzeas de uma eterna verdura por onde caminham rebanhos, mugindo, á luz de ouro das manhãs.

Pobre Jesuina..! e suspirei commovido. Mas de novo appareceu-me a idéa da partida—lancei os olhos a um canto e vi a minha valise aberta como se tambem quizesse demonstrar-me a necessidade imperiosa e inadiavel de seguir. Resignei-me e mollemente, descalço, fui

ao cabide buscar o jupon para retemperar-me no banheiro lavando abundantemente o corpo já que não podia fazer o mesmo á reputação.

Desci. Meu tio, debruçado á varanda do jardim, extasiava-se no crepusculo, já prompto para jantar. O criado taciturno arranjava a mesa. Nas gaiolas os canarios cantavam estridulamente. Passei de leve como uma sombra ; o criado lançou-me um olhar malicioso e baixou a cabeça.

Refrescado e vestido vim tomar o meu logar á mesa. O tio recebeu-me sem azedume, mais cordial e mais meigo, e quando provou o purée de ervilhas, com os beijos a escorrerem, arregalou-me os olhos como se me quizesse dizer que atacasse, porque estava delicioso! E até a hora dos badegetes não falamos, foi justamente quando o criado poz diante de mim os peixes que descerrei os labios.

—Não, meu tio, disse repudiando o vinho que elle me servia.

—Como! peixe sem vinho...? estás doudo! E teimoso verteu no meu calice ve e as gottas de Chablis. O vinho é um reactivo, disse-me. Lá porque hontem houve aquella historia queres deixar de beber..? deixa-te disso. O vinho é um tonico poderoso. Atiça-lhe!—e piscou-me o olho. Corei e bebi umas gottas.

— Então embarcas amanhã?

— Impreterivelmente, meu tio.

— Mas que diabo vais fazer a Minas?...

— Preciso. Meu pai chamou-me e meu tio bem sabe..

— Ora, teu pai! Teu pai pensa que no Rio de Janeiro não ha outra coisa senão febre amarella. Deixa-te estar, homem... Goza a tua mocidade emquanto é tempo.

— Não, meu tio, sigo amanhã.

— Já sei, é por causa da scena do

hotel... mas pensas que o doutor tomou a sério as tuas bravatas? ora, meu filho, esquece-te disso. Elle tem criterio bastante para julgar essas coisas. Queres saber, sentiu-se tanto que até te trouxe á casa ao collo.

— Como... ao collo, meu tio?

— Ao collo, sim, porque quando aqui chegaste foi um trabalho para que te tirassem do carro — vinhas lacrimoso, soluçando, abraçado com o doutor, lamentando a perda da mulher amada e recitando emphaticamente versos do Simão Carreira. Esmurraste o doutor, mas que diabo, murros de bebedo... E desatou a rir espalmando a mão larga e dadivosa sobre o meu hombro... Ora, o Anselmo! onde diabo foste tu achar tantas lagrimas? Eram duas bicas abertas os teus olhos... Mas deixemos a noite de hontem — vamos ao que serve: Temos hoje á noite a festa do Bessa. Esperam-te...

— A mim, meu tio?

— Então? Has de ir para a roça sem uma noção do grande mundo, do que chamam high-life? Não, senhor...
E emborcou o copo de Bourgogne.

X

O baile do Bessa... (Commendador Saturnino Pecegueiro Bessa, 52 annos, da ordem de Christo, alguns grãos masonicos, varios predios e duas filhas; viuvo.) O baile de 4 de Setembro, data do natal memoravel da beneficencia encarnada. . como descrevel-o neste tempo curto que me resta enquanto arranjam a valise no meu quarto? Como descrevel-o assim asinha e de afogadilho sem retocar o estylo? Arte exige e muita a pintura de tão encantador e selecto convivio de damas e de cavalheiros.

Não, não descrevo, tenho tempo de sobra para commettimento que deman-

da esmero e argucia, esmero para fazer brilharem, na fôrma ingrata das lettras, a graça das senhoras e o sorriso das noivas, sorriso, que affixa o reclamo de um coração disponível, sorriso com que a coquetterie poz em reserva obsoleta a quadra da cantiga, que começa :

Meu coração está vasio... etc.,

e argucia para penetrar o pensamento dos homens e as entrelinhas de uma certa viuva prematura tão habil na seducção que... não é exagero dizer que essa notavel dama insinuou em meu coração a mais inabalavel certeza da victoria dos meus olhos, pronunciando durante uma volta de Strauss (o *Danubio azul*, que tem arrastado nas suas ondas harmoniosas muitos pares ao altar) duas phrases simples mas de uma intenção clara e escandalosa que me fez corar. Simão Carreira, em uma ode immortal, explica que o pudor no homem

é uma tolice, para as mulheres. Eu fui tolo durante os compassos de Strauss, e a viuva acabou a noite nos braços de um estudante de pharmacia, mais lepidamente nas dansas e mais desembaraçado em colloquios. O estudante, depois da quadrilha final, sabia o endereço da viuva e eu aqui estou amarfanhando o enxoval para a viagem de amanhã.

Dansou-se até meia noite com orchestra, dessa hora para a madrugada senhoras revesaram-se ao piano. As filhas do commendador, gentis e conversadas, entretiveram-me com algumas observações de fina e atilada analyse — falaram-me com enthusiasmo das pelouses lamentando apenas a falta de fiscalisação e os tribofes. Asseguro que esse termo feio e desgracioso “tribofe” não é uma invenção cerebrina, cahiu dos labios de Mlle. como uma lesma cahe das petalas de uma rosa. Os dictionarios não o inserem por escrupulo e, em verdade,

“tribofe” é horrível. Falaram-me da opera lyrica e como eu indagasse se tinham ouvido Wagner uma affirmou, Mlle. Alice; a irmã, porém, não se lembrava e foi preciso que a outra recordasse a estréa de um vestido de faille para que a doce e angelica Delphina sorrisse, achando a vaga reminiscencia perdida. Mlle. Delphina, romantica, durante uma languida habanera, falou-me enternecida do *Serge Panine* e criticou a toilette exagerada da viuva que girava, com o busto em nudez, enlevada nas phrases therapeuticas do seu amoroso par.

Do que ouvi, no vão de uma janella, emquanto D. Brites, contralto, cantava ao piano uma melancolica romança de Tosti, ficaram-me as palavras do Dr. Silverio Torres, deputado da opposição socialista. Explicou-me, entre outras coisas, que a miseria é um resultado da abundancia, como a lama é o resultado

do excesso da chuva. O mundo, no seu rudimento, não conhecia a miseria, disse-me — ella appareceu com a primeira moeda. E teve este pensamento que deve ficar eterno como um dogma de economia politica. “Quereis ver um paiz de fome entrar n’um paiz de millionarios?” e estendeu o braço para o jardim procurando mostrar-me além, na grande noite, esse paiz de fome : Lá está, é a Inglaterra. Olhei machinalmente e vi as estrellas do céu.

O Rio, disse-me mais, vive sitiado pelo varegista. Nós não temos esquinas, temos vendas, barreiras onde o pobre vai diariamente pagar o seu imposto. O taverneiro occupa os extremos da rua e ás vezes assalta o centro — e esse excesso de mercado é uma das causas da lucta de contingencia. A luz é a vida, o excesso de luz é a chamma, é o incendio, é a morte.

O taverneiro estabelecido torna-se

em pouco tempo o senhor do quarteirão. Por intermedio do caixeiro, que vareja o mais intimo recesso da casa e espia e ouve emquanto conduz a lenha, levando para o patrão, conjuntamente, com o dinheiro o segredo da vida privada do pobre, o taverneiro torna-se uma especie de suzerano -- elle fia, elle sabe. E' das vendas que vêm os grandes desesperos para o proletario, é das vendas que partem as diffamações mais crueis. Dirão: —mas o pobre podia libertar-se desse jugo fugindo ao balcão do taverneiro. Infelizmente assim não é--nem sempre o mealheiro tine na casa do operario, o amanhã é tenebroso e no dia em que elle, baldo de recursos, por molestia ou por desemprego, tentasse o credito para o alimento dos filhos, o taverneiro, que não desconhece o prazer dos deuses, vingava-se. A venda é o terror do pobre porque é o escoadouro do seu trabalho e muitas vezes a causa das suas lagrimas.

Concordei. Elle ainda me fez saber o que eu, até então, ignorava -- que essas casas de penhores são uma instituição do luxo. E demonstrou com sabedoria: Esses estabelecimentos de recurso prompto, só recebem joias e objectos de alto valor. O pobre, quando muito, possui o collar que enfeita o pescoço do filhinho, as bichas modestas da esposa, um relógio de prata para marcar a hora do trabalho -- tudo isso que valor tem? Entretanto, vá o senhor a um dos leilões das casas de empréstimos e ha de ver -- braceletes preciosissimos, solitarios offuscantes, diademas, chuveiros, toda a joalheria fidalga e cara porque a outra nem sequer é apreçada.

O pobre vai aos belchiores e não empenha, vende: o casaco dos domingos, a cama em que lhe nasceram os filhos, o oratorio dos sanctos protectores. Logo: quem empenha? os remediados, os ricos, para manutenção da apparencia--E pe-

rorou iracundo : o prego é uma instituição de luxo, fomenta o vício e a hypocrisia. Iamos entrar em outras analyses quando o commendador Bessa, a conselho de meu tio, veio tirar-me para uma walsa com a Exma. Sra. D. Adelaide Fogget, esposa de um importador. Dansei e suei... E chamaram-nos para a ceia. Lauta e facunda, bons vinhos e tropos. Falaram todos, menos eu que fujo á exhibição. D'entre os muitos discursos inspirados ficou-me o de um Bartholomeu de tal, gordo e curto, homenzinho redondo, um frasco, de pêra. Louvou e bebeu com emphase, ao fim da terceira taça, rematou: que o commendador era da massa de D. João de Castro e explicou o parallelo. Perdi infelizmente a explicação, porque Mlle. Delphina, que distribuiu os logares, fez com que eu ficasse entre a contralto e o deputado opposicionista, de modo que durante o transbordamento da facundia, os arrou-

bos melomanicos da direita e as invectivas da esquerda distrahiram-me—ella que me dizia, com os olhos em alvo que depois do *Vorrei morire* só a morte, e elle que soprava maliciosamente aos meus ouvidos : Que áquillo só faltava o retrato a oleo.

Uma balburdia chamou a nossa attenção applicada á ironia—era entre as senhoras. Todas as damas pediam ao deputado que respondesse por ellas ao brinde do pharmaceutico, que saudara na mulher a joia mais delicada que sahirá das mãos do Creador. E o deputado, mastigando, ás pressas, uma febra de presunto, empunhou a taça e disse coisas lindas agradecendo em nome do sexo feminino. Depois da ceia (dezoito brindes e duas taças quebradas para que nunca mais concorressem a elevação dos dotes de um mortal, á mesa) voltámos ás dansas.

Grande coisa a vida ! já não baixo á terra fria sem o supremo gozo de ter passado uma noite em sociedade. Como é divertido um baile... Oh ! simplicidade do meu campo, oh ! cateretês da minha serra ingenua...!

Recolhi com a noite — ella a desaparecer no céo, eu a mergulhar nos lençóes, estafado e triste. Acordei ás tres da tarde, moído. Meu tio, mal soube que eu abrija os olhos, subiu ao meu quarto para dizer-me que o doutor estivera com elle ; e deu-me um cartão. Li ; era generoso e laconico :

“ Meu caro.

Vim trazer-lhe o abraço de despedida. Parto para Belém no comboio da tarde. O meu caseiro escreveu-me relativamente á venda de uma porcada (é o termo). Vou á verdade da vida — o interesse. Tenho um sitio e consolo-me

das durezas e dos desenganos deste mundo cultivando rosas e criando porcos: — o perfume e a linguiça, a floricultura amada dos atticos e o suino repellido pelo Koran. Levo commigo um livro seu que achei sobre um dunkerque—Eschylo, é um scaphandro para garantir o espirito. Boa viagem aos que partem: ao amigo e ao

sempre affectuoso

Gomes.”

—Então, meu tio, exclamei radiante, elle não levou a mal os murros..?

— Ora... a italiana não me atirou ao rosto *Amor e Psyché* .. e eu?... Deixa-te disso. O mundo é um jogo de concessões... Deste-lhe um murro .. amanhã ou depois elle t'o restituirá. Isto é assim.. E, sem transição, cravou os seus olhos empapuçados no meu rosto: estava terno como uma mulher amorosa:

—Anselmo, porque não te formas?

Não temos na familia um homem de sciencia...

Arrisquei o nome de meu tio padre — Cleofano Ribas...

— Cleofano... nem para missas! Temos aqui uma academia livre, estás prompto em humanidades, sabes latim, que é a palavra de honra de convicção nas tribunas, porque não te matriculas? Em dois annos podes estar formado. Ficas commigo... Que diabo! é preciso que eu faça alguma coisa pela patria — quero deixar-lhe um bacharel.

— Mas meu pai é contrario ás cartas. Desde que lhe receitaram tartaro para uma congestão hepatica tem horror aos homens formados.

— Teu pai é um misanthropo.

— Alceste, comparei sorrindo.

— Qual Alceste, nem meio Alceste. E serio: Que Alceste?

— De Molière, meu tio.

— Ah! pensei que era o das loterias... esse é um excellente homem... Mas voltou logo á questão: Se queres escrevo a teu pai?..

— Tente, meu tio.

Fiquei só na varanda enquanto Serapião Ribas, no seu gabinete, tratava de converter o irmão com uma longa epistola sobre o meu futuro.

E o resto da ultima tarde foi de uma tristeza inenarravel. Os passaros pareciam chorar adeuses e havia no rumor vesperal dos ramos do jardim e na agua da rega que jorrava sobre os canteiros o suave e blandicioso tîmbre de uma voz conhecida que me dizia incriminando-me, queixosa:

— Porque partes, ingrato? E eu... e o nosso amor?..

— E' impossivel, Jesuina, comprei passagem de ida e volta, disse enlevado.

— Que é isso, rapaz? estás falando só...

— Não, meu tio, falo com a minha
illusão...

E a noite veio funebre mas rutilante
de astros...

A's quatro da manhã, cantavam os
galos pelos quintaes, quando o criado
bateu á porta do meu quarto avisando-
me que o carro estava prompto.

A lua viu-me atravessar o jardim e
ella que conte os adeuses que fiz, mais
tristes do que os de Boabdil á Granada.
—E emquanto durou o corrida só tu,
Jesuina, só tu, doce amor, mereceste
os meus suspiros.

Tu, imprudente moço da parabola
messianica, tu de certo sentiste, vol-
tando ao lar, desilludido e pobre, a
mesma impressão que me feriu o espi-
rito quando, abrindo os olhos á luz clara
da manhã, reconheci o meu quarto mo-
desto, alvo como uma cella monastica,

ornado singelamente com os meus instrumentos de caça. Ao fundo, num velho armario tosco, os livros das minhas leituras ao lado da mesa ampla e pesada das minhas meditações. Coisas minimas para as quaes raramente se voltavam meus olhos, como as mirei extasiado! e que prazer em folhear brochuras, em reler fragmentos, em passar a mão pelos couros estirados nos muros claros!

E quem diria que eu, tão exigente outr'ora, achando infecto esse jornaleco patricio o *Phanal de Tamanduá*, havia de ler desde o artigo de fundo sobre a questão do casamento do Braz Lamenha, infenso ao pretor e á lei, seduzido pelo meu venerando mestre o reverendo Coriolano, até o annuncio do bazar do Pindella.

Decididamente não ha nada para revigorar o amor como a saudade...

Os rumores deliciavam-me e enterneciam me — deixei-me estar muito

tempo a ouvir o chofrar das aguas do moinho perto do meu quarto e descobri um encanto divino no balido das ovelhas que erravam pelos caminhos — Leve, longinquo, soava o sino da parochia, ora mais brando, ora mais forte, conforme a brisa, e nasceu-me uma estranha curiosidade de saber se aquelles toques que vinham pela manhã limpida, sonoros e festivaes, eram por algum santo ou pelo baptismo de mais um sertanejo.

Mas, acalmando-me, entrei por uma duvida incoercivel recapitulando a vida phantastica desses oito dias aventureiros que tão depressa correram. Pareceu-me que jámais passara além das montanhas levemente esfumadas no horizonte, reduzi essa viagem da minha imaginação a uma simples sortida de caça — a mesma fadiga, que eu sentia, era natural depois de tantas escaladas atrevidas, depois de tantos saltos temerarios, ravinhas acima, penhascos abaixo.

Que trazia eu que me demonstrasse ter vivido nessa cidade de luxo e de vicio, tão celebrada entre serras pelos que uma vez pisaram as suas ruas e admiraram o seu fausto? Que trazia eu como documentos affirmativos? a carta de meu tio...? sim, era uma verdade a carta, tanto que arrancara a meu pai estas profundas palavras cheias de sabedoria:—“Que eu me deixasse de sonhos. Que me dedicasse á terra, que é uma fonte perenne de riquezas, porque neste paiz a lavoura é que rende, e citou a phrase do estadista — isto é “um paiz essencialmente agricola” aconselhando-me que não a perdesse de memoria. Tudo mais vaidade das vaidades e ajuntou que mais valia ter uma junta de bois e uma charrua para cuidar o sólo do que quantas cartas as congregações quizessem dar-me. E por fim lembrou que a terra não produz perfidias nem calumnias e que viver entre as arvores é bem

melhor do que viver entre os homens.” Convenci-me e decidi ficar no campo, lavrando.

Sonha-se tanto! Já uma vez sonhei que era amante de Cleopatra. Vivi dois longos mezes felizes, de lascivo amor e de festas com a formosa rainha, que, no suave idioma dos Pharaós, chamava-me: Ri-Ri... Com ella enlaçado subi o Nilo sagrado muitas vezes, n'uma barca de cedro e ouro, que tinha a prôa em fórma de um cysne. Charmion, sempre mimosa, cuidava os meus cabellos lavando-os em essencias que vinham da Ethiopia barbara, em covilhetes, e até hoje guardo a physionomia simiesca de um retinto nubio chamado André (coisa estranha, nome exotico na terra de Isis), André, que era o encarregado de encher o rython de prata por onde bebiamos Cleopatra e eu, e descia a comprar-me cigarros quando me faltavam. André... lembro-me fielmente—é uma figura in-

delevel na minha memoria. Entretanto foi tudo sonho, porque, se a propria rainha, desligando-se das tiras com que os embalsamadores a prenderam, quebrando o seu sarcophago, viesse dizer-me que me pertencera um dia, eu lhe diria brutalmente na face : Mentos como uma bruxa, filha dos Pharaós ! Sonho... puro sonho. Com o Rio não se teria dado o mesmo phenomeno ? porque a verdade é que todos quantos caminharam pelas ruas da cidade excelsa gabam-lhe as maravilhas e de todos ouvi narrações de aventuras que eu, nem mesmo em sonho, concebi : mulheres que desciam a entregar se arrulhando, entre limoeiros em flor ; outras mais abrazadas que ameaçavam com escandalos e punhaes se o amado feliz tomasse o trem, deixando-a inconsolavel como a Calypso de Fenelon, e noites delirantes e mil coisas que os persas imaginosos não incluíram nos contos de Scherazada...

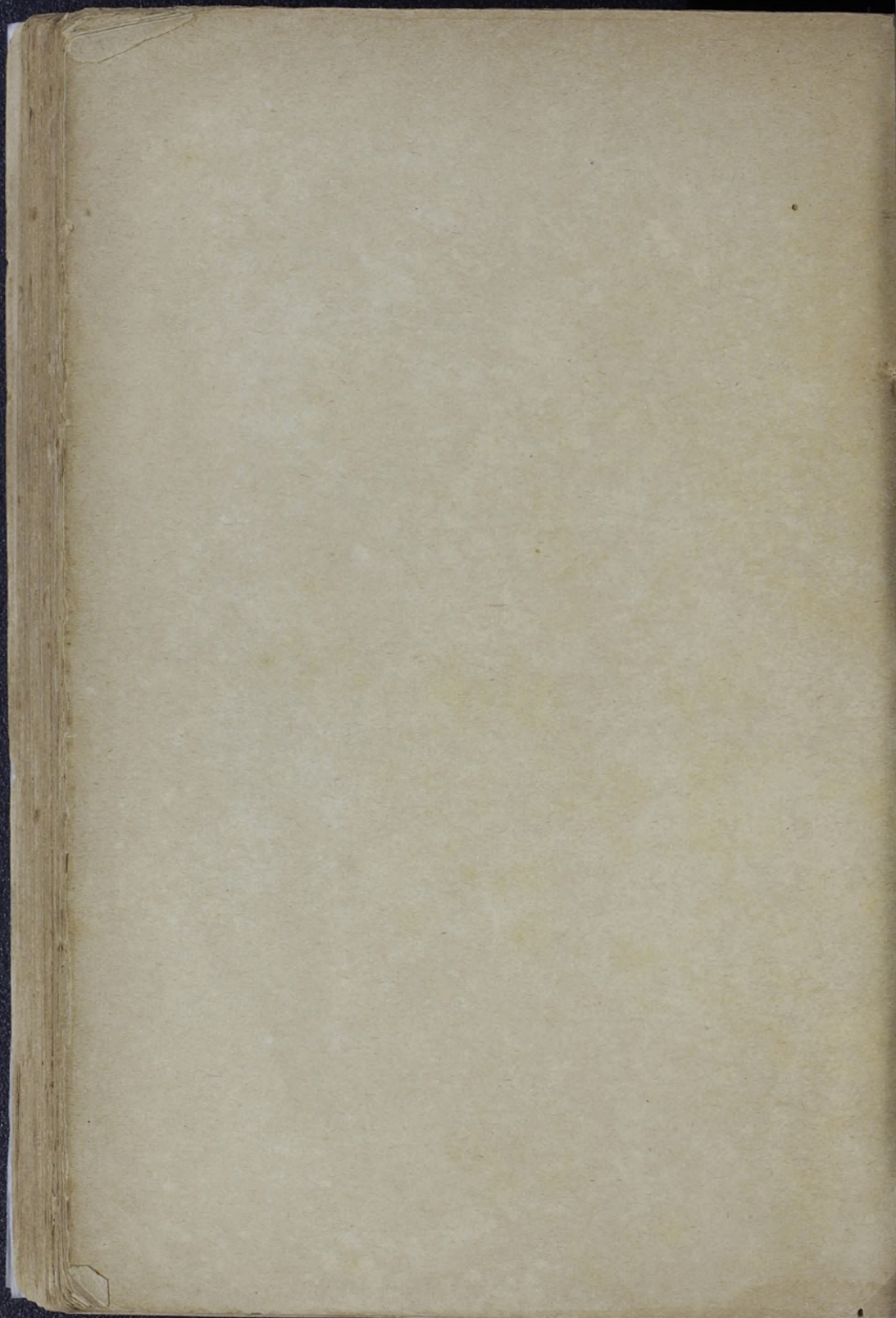
Eu só não vivi... atravessei o Rio como uma sombra perdendo o fio do prazer quando já o tinha seguro, e vendo diferentemente de todos, através do meu tédio e do meu sonho. Assim foi que achei a rua do Ouvidor infima e acanhada para o que me haviam dito, assim foi que abandonei o jogo no momento em que começava a accumular, assim foi que apenas provei o beijo de Jesuina e perdi a viuva. Todos os factos experimentados, sem remate, interrompidos em meio justamente como nos sonhos... Seria embriaguez?... Teria eu atravessado toda uma semana bebendo como o Pedro *Macaco*, que confunde os dias com as noites e não tem, desde muito, a noção exacta do tempo? Não creio... Sonhei... foi sonho decididamente... E' sempre assim quando sonho, ha de vir uma mulher para suppliciar-me — foi Cleopatra primeiro — amei-a muito e passou, agora Jesuina...

• A vida é um sonho ; e quem sabe se eu não sonhei ?

Mas lá fóra ha uma voz que indaga —se eu cheguei do Rio. E' o Simão Carreira... sempre rouco, o mavioso lyrico... Então não, não é sonho...

Não ha nada mais real do que um poeta, e o Simão que pergunta se cheguei é porque sabe que parti... Então os sonhadores são os outros que me fizeram a descripção do Rio, sonhadores ou mentirosos, sonhadores, em summa, porque a mentira é um producto de sonho...

Mas a Jesuina !... Foi sonho, como Cleopatra, como Charmion, como o nubio André..... *Dreams ! Dreams ! Dreams !* E a vida é isto : sonho ou tedio. Antes sonhar.



COMPANHIA IMPRESSORA

7 - Rua Nova do Ouvidor - 9

